Daniel Abreu de Queiroz

Zen Budismo para todos

Vol. 2

Daniel Abreu de Queiroz

Zen Budismo Para Todos

Vol. II:
Um paraíso não pode ser criado, nem desfeito

Belo Horizonte
Edição do autor
2019

© 2019, Daniel Abreu de Queiroz

ISBN:
9781095806432

Capa:
Produção digital com a tela “Dois Cavalos”, de Unkoku Toetsu – Japão, final do Século XVII.

A maior parte das imagens utilizadas neste livro foi colhida na área de Acesso Público em The Metropolitan Museum of Art.

Versão 2.00

para Hachisuke, um Intocável

Prefácio

"AUTORETRATO"
EGON SCHIELE - ÁUSTRIA (1911)

Num programa de tv dos anos 60, Heidegger explicava a um monge budista a relação entre a filosofia moderna e a tecnologia, citando Max Planck, um físico alemão:

"Realidade é apenas aquilo que pode ser medido."

Essa ideia, ele também explica, foi originalmente formulada por Descartes, o pai da filosofia ocidental moderna.

Heidegger argumenta, corretamente e com óbvio orgulho, que a nossa tecnologia decorre dessa forma de pensar.

Poucos minutos depois, na mesma entrevista, o filósofo afirma – muito preocupado – que devemos nos debruçar sobre a questão "O que é o ser humano?", pois estamos sendo subjugados pela tecnologia, à beira de sermos transformados em máquinas controladas.

É irônico, para mim, que ele não perceba como a situação é criada exatamente pelo mesmo pensamento do qual ele se orgulhava há pouco:

"Realidade é apenas aquilo que pode ser medido."

Será mesmo?

O ser humano só tem acesso à realidade através de medições matemáticas (rigorosas reconstruções simbólicas que, por definição, são formações mentais humanas, fundamentalmente diferentes da "realidade objetiva e material" que deveriam prover)?

Em primeiro lugar, o que significa exatamente "medir"? Não é transformar em linguagem? Não é como criar um verbete, numa espécie particular de dicionário? É uma forma de definição simbólica, que certamente se baseia em observações rigorosas e controladas, mas que não pode transcender, com isso, a sua própria natureza simbólica.

Antes que pudéssemos medir os gases, ondas magnéticas e raios gama, (ou seja, antes que dispuséssemos das ferramentas necessárias para atribuir definições simbólicas detalhadas a cada um desses fenômenos) eles não eram reais?

Lavoisier – o químico francês creditado por algum aluno do Enem como "o inventor do oxigênio" – em certa ocasião foi questionado sobre o "mistério" (naquela época) dos meteoritos e respondeu enfaticamente:

"É impossível que caiam pedras do céu, porque no céu não há pedras."

Essa postura é o que descobre a realidade, ou é apenas algo útil para construir máquinas?

Não podemos prender o amor, o ódio, a raiva, ou a alegria numa mesa e atravessar fita métrica. Essas coisas não são reais?

Não espanta que a maioria tente amar sem conseguir; que não saiba lidar com a raiva, nem com a alegria...

Já o cachorro pichado num muro – que podemos medir à vontade – é verdade verdadeira?

Não espanta que a alienação avance, com tanta gente confundindo realidade e fantasia.

A filosofia moderna e a ciência, infelizmente, descartaram as ferramentas necessárias para reconhecer seus próprios limites; já nasceram da ideia equivocada de que só é "real" aquilo que pode ser convenientemente manipulado por elas, ou seja, aquilo que

pode ser reproduzido em símbolos socialmente compartilhados – historicamente acumuláveis, dotados de universalidade e objetividade, com transmissibilidade e passíveis de serem estruturados com método em teorias.

O barulho de um rio correndo, por exemplo, não cabe em nada disso. Não é real?

Um orgasmo não pode ser transmitido com teorias, nem medições. Não pode ser explicado, antes que alguém o sinta. Você pode medir a velocidade e a pressão do sangue, ou a temperatura da pele, mas você não pode medir um orgasmo.

Não é real?

A linguagem humana (não a "língua" desse, ou daquele grupo de humanos, mas a própria "linguagem", significando "a capacidade de representação simbólica dos seres humanos") é indiscutivelmente uma faculdade maravilhosa, mas ela não é Oráculo Sagrado, nem O Olho Que Tudo Vê.

Os morcegos têm uma audição maravilhosa, mas entrariam num beco sem saída se acreditassem que só "existe", de verdade, o que eles podem ouvir com clareza.

Seguramente, os morcegos não podem ouvir a luz do sol, mas percebe-se, pelo comportamento deles, que a eles o dia parece real o bastante.

A águia tem uma visão tremenda, mas correria perigo se adotasse o pensamento de que só é "real" o que ela consegue enxergar perfeitamente.

Seguramente, a águia não consegue enxergar o ar, mas ainda voa habilmente através dele.

Por que o ser humano deveria desprezar como "irreal" aquilo que não cabe na sua habilidade maior?

A linguagem é apenas uma ferramenta na qual temos vantagem – como a audição do morcego, o veneno da vespa, ou a teia da aranha.

Os outros bichos têm capacidade de representação simbólica também – mas nada parecido com a gente; nada digno de chamar

“linguagem”.

Quando alguém que tem facilidade e vantagem no uso da linguagem, mesmo entre os seres humanos, quer impor a todos que “a minha vantagem é sagrada e a única que dá acesso à verdade”, a empreitada já virou uma paspalhada.

Mesmo quando consideramos as ciências humanas – que supostamente deveriam suprir a “carência de realidade” dos fenômenos que fortemente nos influenciam, mas que não podem ser medidos com uma régua ou com uma balança – percebemos que elas seguiram, desde sua criação, um caminho onde “podemos observar uma inflexão normalizadora, vergando o seu projeto às necessidades de legitimação do poder; à reprodução do bom senso e do senso comum e às tarefas terapêuticas, reduzindo o próprio discurso das ciências humanas a figuras predominantemente injuntivas, prescritivas e normativas.”

É claro que eu não encontrei satisfação profunda e humana estudando ciência e filosofia. Você também não encontrou. Ninguém encontrou, porque não está lá.

Tem um monte de coisas maravilhosas por lá – eu adoro – mas, em relação à realidade e à natureza mais profunda do ser humano, não chega a lugar nenhum, porque é um “pau que nasce torto”.

Uma “filosofia” que só presta para construir máquinas tem pouco a oferecer quanto às minhas dúvidas filosóficas e humanas.

O zen budismo é a minha filosofia – o caminho através do qual eu busco a verdade. Coisas como semiótica, behaviorismo, ética e epistemologia são apenas brinquedos linguísticos que a gente junta no bolso. “Panos dourados num sonho.”

Também não encontrei satisfação em religião, porque essa palavra, à minha volta, queria dizer “apenas cristianismo” e a visão de um mundo cristão sempre me pareceu a explicação de algum outro mundo, que não era o meu.

Então eu me sentia como que expulso de todos os clubes à minha volta e, perdido no mato, investigava por conta própria –

tentando reconstruir o mundo sozinho.

Eventualmente, eu li “Confiança no Coração”, do Terceiro Patriarca zen budista, com o sentimento de quem tomava um suco doce e refrescante – era exatamente o ingrediente que completava o que eu vinha cozinhando.

Descobri, logo nos primeiros versos, que na verdade eu nunca estive sozinho – que já fora precedido por gerações e mais gerações de gente mais talentosa do que eu, que pensava como eu (sem que eu soubesse disso), e que já tinha investigado aquele caminho até distâncias que eu jamais alcançaria sozinho, mesmo que me dessem umas quinhentas vidas pra tentar.

Ao longo dos próximos anos, enquanto aprendia sobre o assunto e aprimorava a minha prática, desenvolvi em relação ao zen budismo uma gratidão e uma confiança que eu não encontraria palavras para descrever.

Foi assim que eu me tornei (ou, antes, que me reconheci) um zen budista – é a minha religião.

No entanto, o zen budismo não é uma religião; pelo menos, não mais do que o pilates é uma religião.

Pode ser uma religião para você, se você quiser; mas não precisa ser. Fundamentalmente, não é uma religião; é uma prática.

Há muitos cristãos que encontraram satisfação no zen budismo, sem abandonar nenhuma de suas crenças. Há muçulmanos, judeus e ateus. Filósofos e donos de bar. Frequentadores de bar e abstêmios. Virgens e devassos. Monjas caridosas e ninjas assassinas.

O zen budismo é como uma loja de $1,99, distribuindo tesouros indiscriminadamente a toda gente.

Tesouros sem tralha, sem custo e sem pinoia.

Sente-se com as costas eretas, ou deite-se, ou saia pra caminhar, nadar, escalar... Cante, pinte, plante; lute, ame, ou dance completamente imerso no agora, com aquele tipo de consciência que acompanha tudo e não se agarra a nada – como a

água de um rio passando rápido. Abandone o apego e o medo e os planos. Mergulhe no fluxo do agora. Para o zen budismo, isso é meditar.

Quando você estiver confuso, ou estacionado, venha ler mais textos apontando o Caminho.

Então esqueça os textos e volte a meditar.

A linguagem é tipo uma internet – uma ferramenta e uma brincadeira. É só um barco até a Outra Margem; um Google Maps. É no endereço mesmo, fora da tela e do barco, que pretendemos chegar, de verdade e se rolar, um dia.

Olha o céu, que lindo. As nuvens lá no alto nunca pediram réguas.

Aproveite o morango e avance.

Realize-se hoje, instantaneamente.

Belo Horizonte, 2019
Daniel Abreu de Queiroz

Quem nunca?

Quem nunca viu no mundo uma pessoa com oitenta, com noventa, com cem anos de idade; frágil, torta como uma árvore velha, arqueada sobre uma bengala, com passos vacilantes e lentos, doentes – a juventude há muito tempo perdida, com os dentes quebrados, o cabelo branco e pouco, ou nenhum e a pele enrugada, cheia de manchas?

Nunca terá lhe ocorrido o pensamento de que você também está sujeito à decadência; que você também não pode escapar disso?

Quem nunca viu no mundo uma pessoa sofrendo, aflita e gravemente doente, deitada sobre a própria imundície; carregada por uns e colocada em cima de uma cama por outros?

E nunca chegou a você o pensamento de que você também está sujeito à doença; que você também não pode escapar dela?

Quem nunca viu no mundo o corpo de alguém, seja um, dois, ou três dias depois da morte; inchado, de cor azul-preta e putrefato?

E você nunca pensou que também está sujeito à morte; que você também não pode escapar?

Suponha que alguém contemplasse as muitas bolhas que vão passando sobre a água no Rio Ganges. Depois de observá-las e examiná-las longa e cuidadosamente, a essa pessoa as bolhas eventualmente pareceriam vazias, irreais e sem substância.

Exatamente da mesma forma, o praticante do Caminho contempla todos os fenômenos físicos, os sentimentos, as percepções, as criações mentais e os estados de consciência – sejam do passado, do presente, ou do futuro; de longe, ou de perto – e, depois de observá-los e examiná-los cuidadosamente, eles parecem vazios, indiferentes e desprovidos de identidade real.

Há três princípios fundamentais:

Todos os fenômenos são passageiros.

Todo ser vivo está sujeito ao sofrimento.

As dez mil coisas não formam entidades independentes e separadas.

Assim, o que quer que tenha sido visto, provado, ouvido, cheirado, sentido, ou imaginado – seja no presente, no passado, ou no futuro; interno, ou externo; pesado, ou sutil; superior, ou inferior; próximo, ou distante – deve ser interpretado de acordo com a realidade e com a verdadeira sabedoria:

"Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade."

A fuga do cavalo

Um velho fazendeiro tinha um cavalo para ajudar na roça e contava com o bicho para as mais variadas tarefas. Quando o animal fugiu e os vizinhos ficaram sabendo da notícia, vieram consolar o homem, dizendo amigavelmente:

"Que pena..."

O fazendeiro mastigava impassível a beirada de um cachimbo e respondeu apenas:

"Vamos ver..."

Na manhã seguinte, o cavalo retornou à fazenda por iniciativa própria. Além disso, ele vinha trazendo consigo mais três cavalos selvagens. Os vizinhos logo apareceram para celebrar:

"Quanta sorte!"

O fazendeiro, inabalável, ecoou:

"Vamos ver..."

No terceiro dia, o filho do fazendeiro tentava montar num dos cavalos selvagens quando, atirado de cima do animal, quebrou a perna. Os vizinhos vieram oferecer simpatia pelo infortúnio, mas o fazendeiro apenas repetiu:

"Vamos ver..."

Quando o próximo dia raiou, oficiais do exército chegaram à vila para angariar soldados que alimentassem, com o próprio sangue, a mais uma guerra bárbara e vazia. Vendo que um dos rapazes estava com a perna quebrada, deixaram-no para trás. Eufóricos pela coincidência que primeiro machucara e depois protegera ao filho do fazendeiro, os vizinhos o parabenizaram pelo final feliz.

O fazendeiro concluiu:

"Vamos ver..."

O Bárbaro do Olho Grande

Bodidarma era um monge indiano que foi parar na China, onde recebeu abrigo em um templo Shaolin.

Por quê?

Quem sabe?

Por que o sol se põe?

A flor desabrocha para quem?

Não existia nem Zen, nem Chan – apenas um monge indiano sendo hospedado por outros monges, na China.

Diz-se que ele tinha uma barba cerradíssima e um temperamento muito difícil. Em pouco tempo (e é incerto se ele decidiu partir, ou se foi expulso), Bodidarma deixou o templo para isolar-se numa caverna por perto – onde passou nove anos meditando, sentado de frente para a parede.

Ele não tinha alunos, não escrevia livros, não dava palestras... Perseguia sozinho o seu próprio caminho, de frente para uma parede.

Eventualmente, seus vizinhos o reconheceram como alguma espécie de autoridade espiritual, provavelmente sem o seu consentimento, ou incentivo.

O próprio imperador – um grande defensor do budismo – teve notícias do "Sábio Indiano Barbado que Meditava Sentado" e enviou um convite, que Bodidarma recusou. Um segundo convite, mais elaborado, que Bodidarma recusou. Finalmente, o imperador enviou guardas que forçaram o monge a visitá-lo.

No palácio, orgulhoso, o imperador lhe disse efusivo:

"Eu mandei construir centenas de templos e patrocino o bem-estar de incontáveis monges. Ergui estátuas de Buda e fiz com que traduzissem e copiassem sutras... Qual é a amplitude do mérito espiritual que eu conquistei com tantas boas ações?"

Bodidarma respondeu:

"Mérito nenhum."

"Ora," disse um imperador contrariado, "se não há mérito ou recompensa espiritual por todas essas coisas santas que eu fiz,

então qual é exatamente a ‘grande verdade superior’ que você aprendeu e está em condições de ensinar?”

“O nariz é vertical. Os olhos são horizontais.”

“Se tudo é tão prosaico, então por que você é chamado de santo? Em outras palavras, se isso é tudo, então quem é você?”

Bodidarma respondeu:

“Eu não sei.”

"Daruma" (nome japonês de Bodidarma)
Kano Sanraku - Japão (ca. 1630)

O primeiro parto zen budista

De volta à solitária meditação na caverna, era um dia muito frio quando alguém chegou, atravessando a neve em busca do Bárbaro Barbado que Veio do Oeste.

Quem chegava era um homem importante do exército – ainda por cima, um aclamado erudito, reconhecido por todo o reino como um sábio estudante das escrituras budistas, taoistas e confucionistas – que, apesar de possuir uma enorme dedicação para os estudos, não conseguia encontrar neles a paz de espírito que buscava.

Bodidarma disse que não acolhia alunos e voltou a meditar.

O desconhecido esperou a noite inteira na frente da caverna, enquanto a neve ia cobrindo seu corpo. De manhã, Bodidarma lhe perguntou:

"O que é que você quer, afinal de contas?"

"Eu quero abrir as portas da compaixão universal, para libertar todos os seres."

O indiano barbado se impacientou:

"Como é que você pode se achar em condições de praticar verdadeira religião, com uma virtude tão pequena, sabedoria zero, um coração vaidoso e um espírito arrogante?"

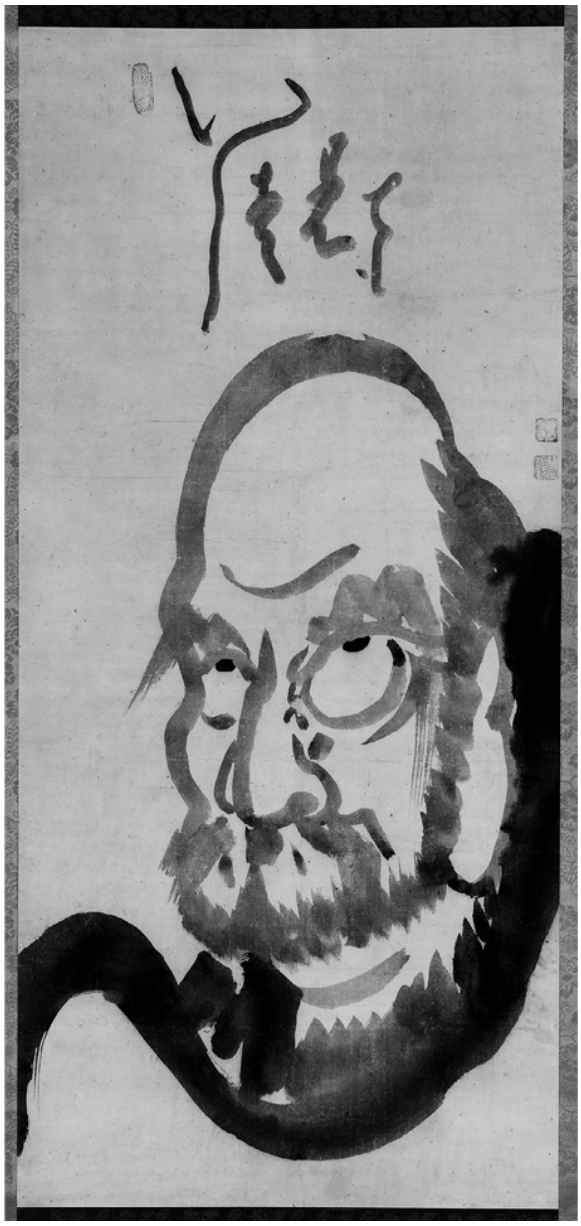
Mais tarde, ficaria evidente que o visitante realmente vivia atormentado e ansioso – aflito por todas aquelas falhas que o mestre percebera imediatamente, enquanto as "autoridades" eclesiásticas e acadêmicas da época o tinham por grande sábio realizado.

Incapaz de encontrar o Caminho nas escrituras e sutras, aquele estudioso renomado e aflito reconhecera em Bodidarma a verdadeira sabedoria que buscava. Por uma tragédia do destino, quem carregava aquela "lâmpada" era um homem ríspido e recluso, que não tinha a menor pretensão de transformar-se em professor.

Na incapacidade de explicar seu coração com palavras, o aspirante a aprendiz sacou a espada e cortou um de seus próprios

braços, oferecendo-o a Bodidarma como prova de sinceridade.

Esse monge de um braço só, eventualmente seria renomeado por Bodidarma como Huike e se transformaria no Segundo Patriarca do zen budismo (que, sem Huike, provavelmente teria desaparecido junto com um indiano solitário e plenamente realizado, dentro de uma caverna).



"Retrato de Daruma"
Hakuin - Japão (ca. 1750)

Prontinho...

Com o ferimento tratado e finalmente aceito como aluno, Huike abriu-se com o Primeiro Patriarca:

"Eu vivo num estado deplorável de ansiedade, mestre. Por favor, aquiete a minha mente."

Bodidarma, que não tinha paciência para a crença em "poderes sobrenaturais" (através dos quais um sacerdote pudesse magicamente aquietar a mente dos outros), propôs um método alternativo:

"Por que você não traz a sua mente até aqui, para que eu possa aquietá-la?"

Atônito, Huike admitiu:

"Quando você coloca o problema dessa forma, mestre, eu não consigo encontrar a minha mente para trazê-la até você."

Bodidarma concluiu bruscamente:

"Então é porque eu já a aquietei."

Através dessa resposta, Huike obteve certa compreensão.

Absolva os meus pecados

Anos mais tarde, quando Huike se encontrou pela primeira vez com o discípulo que seria reconhecido por ele como o Terceiro Patriarca, a conversa entre os dois foi bastante irônica.

Irônica por quê? Porque o Segundo Patriarca se viu numa situação muito similar à que ele mesmo havia criado, em sua primeira consulta com Bodidarma – no entanto, ocupando agora a posição oposta.

Aquele que um dia viria a se chamar Sengcan – reconhecido por Huike como "o discípulo que superou todos os outros discípulos" – antes disso era um pobre homem perdido e atormentado, em busca de um caminho espiritual.

Depois de frustrar-se com muitos gurus e mestres de seitas variadas, Sengcan finalmente chegou ao Segundo Patriarca do Zen quando já se sentia no fundo do poço e destinado ao fracasso. Derramando lágrimas, ele confidenciou:

"Mestre, eu vivo num estado deplorável, sendo consumido pelos meus pecados. Por favor, eu imploro que você os absolva para mim."

Huike respondeu sorridente, provavelmente atento à ironia daquela conversa:

"Claro. Traga os seus pecados até aqui, para que eu possa absolvê-los."

Depois de uma longa pausa, inesperadamente de bom humor, Sengcan respondeu:

"Quando eu procuro pelos meus pecados desse jeito, eu não consigo encontrá-los."

O mestre concluiu afetuoso:

"Então é porque eu já os absolvi."

Siga direto em frente

Agora, voltamos ao treinamento de Huike, sob a tutela de Bodidarma. Depois de alguns anos juntos, a dupla subia a trilha até o pico de uma montanha quando o mestre parou do nada e perguntou:

"Afinal de contas, aonde estamos indo?"

"Por favor, mestre, apenas siga direto em frente."

"Quando você quer seguir direto em frente," respondeu Bodidarma, "você não pode dar nem um passo."

Através dessa resposta, Huike iluminou-se.

A transmissão da lâmpada

Rompida a barreira inicial, Bodidarma aceitou mais discípulos. Certo dia, o Bárbaro Barbado disse a eles que era hora de se despedir, porque ele pretendia retornar à Índia.

Antes de partir, o mestre pediu que cada um de seus melhores alunos expressasse a própria compreensão do Caminho, de forma que ele pudesse avaliá-los pela última vez.

Dao Fu disse:

"O Caminho não pode ser contido nas palavras e nas frases, nem pode ser excluído das palavras e das frases."

Bodidarma disse:

"Você tem a minha pele."

A monja Zong Chi disse:

"O Caminho é como contemplar o glorioso reino de Buda. Quando o percebemos uma única vez, despertamos instantaneamente."

Bodidarma disse:

"Você tem a minha carne."

Dao Yu disse:

"Os Quatro Elementos são vazios. Os Cinco Agregados não formam entidades separadas e independentes. Não há nada a ser conquistado. Não há Caminho."

Bodidarma disse:

"Você tem os meus ossos."

Huike fez uma profunda reverência para o mestre, em silêncio, e voltou ao seu lugar.

Bodidarma disse:

"Você tem a minha medula."

Princípio ontológico

Depois de receber a "lâmpada" de Bodidarma, Huike passou alguns anos peregrinando sem rumo e trabalhando para ajudar onde pudesse. Quando sentiu-se verdadeiramente pronto, começou a ensinar.

Ele atravessou um período muito conturbado na China, em que a dinastia governante ruiu, sob o peso de protestos e revoltas. Os novos poderes – influenciados nisso por religiões rivais – decidiram que o budismo tinha concentrado poder demais e passaram a persegui-lo.

Assim, de "queridinhos da sociedade", os budistas passaram de repente a inimigos da pátria. Pode-se notar aqui (e em tantos mais exemplos), como tinha absoluta razão quem escreveu que uma sucessão de imensas surpresas, no seu próprio tempo, é o que a gente encontra distorcido nos livros de história, dados a apresentar essa sucessão de surpresas como se fosse algo inevitável.

No caso de Huike, até os próprios monges budistas também lhe combatiam e perseguiam, por causa da nova abordagem que o "Chan" sugeria, e ainda por causa da inveja criada pelas multidões atraídas com a pregação do Segundo Patriarca.

Reza a lenda que um grupo de monges certa vez contratou um assassino para se infiltrar no mosteiro de Huike e tirar sua vida, mas o espião acabou sendo convertido pelo mestre.

Os inimigos e conspiradores finalmente conseguiriam a cabeça do Segundo Patriarca, condenado à morte (por acusações de "heresia") pelo magistrado local.

À data de sua execução, Huike tinha 107 anos de idade.

Restaram-nos poucos fragmentos de textos escritos de seu próprio punho. Um desses trechos vem de uma carta que ele enviou a um de seus estudantes:

"Você compreendeu o darma pelo que ele é – sua mais profunda revelação jaz num princípio ontológico, ou seja, sobre a própria natureza e identidade das coisas. É apenas por causa da

ignorância que a mani-joia é confundida com um tijolo. Quando despertamos para a iluminação, no entanto, percebemos que todos carregam a joia verdadeira. Os ignorantes e os iluminados compartilham a mesma essência. Não haveria realmente como separá-los. Nós deveríamos saber que todas as coisas são tais como são. Aqueles que dividem o mundo em dualismos merecem compaixão e eu escrevo essas explicações para tentar ajudá-los. Quando percebemos que não existe absolutamente nada separando este próprio corpo e Buda, que razão existiria para perseguir o paraíso?"

"Huike pensando"
Shi Ke - China (ca. Século X)

Confiança no coração

Depois de escolher Sengcan como o seu sucessor, entregando-lhe a túnica e a tigela que recebera de Bodidarma (essa tradição de passar a túnica e a tigela de Bodidarma para o próximo patriarca manteve-se até Huineng), Huike aconselhou seu discípulo a passar alguns anos escondido entre as montanhas, para continuar praticando e, também, para evitar a perseguição contra os budistas.

Reza a lenda que o Terceiro Patriarca se escondeu na Montanha Huan Quan, onde os tigres que vinham aterrorizando a caçadores e fazendeiros foram amansados pela chegada do mestre. Seguramente, isso é apenas uma invenção amável de algum cronista anônimo ao longo dos séculos, nada factual, que eu incluo aqui por falta de outros dados – apenas para ilustrar um pouco a figura do Terceiro Patriarca, sobre quem sabemos muito pouco.

Ainda que os dados sobre sua vida pessoal sejam escassos, Sengcan é muito famoso pela autoria de um dos primeiros textos que se popularizaram expressando o pensamento zen budista – um texto querido pela sua simplicidade e clareza, que vem sendo apreciado por quase mil e quinhentos anos.

O título desse texto do Terceiro Patriarca, "Confiança no próprio coração", dialogava com o slogan de uma outra seita budista que também vinha crescendo em popularidade naquela época: a escola da Terra Pura, que recomendava "confiança no Buda Amitaba".

Esse "Buda Amitaba" é um "buda celestial" – ou seja, uma divindade. Em outras palavras, a seita da Terra Pura corresponde a uma corrente devocional do budismo, enfatizando o poder da fé na compaixão de uma divindade.

A resposta de um infante zen budismo era bem clara:

Para encontrar o Caminho, esqueça deuses e demônios...

Confie no seu próprio coração

Para entrar no Caminho Perfeito, não há dificuldade;
Apenas se recuse a ter preferências.
Quando o amor e o ódio são descartados,
Tudo se revela claramente e sem disfarces.

À menor discriminação, por outro lado,
Céu e a terra perdem sua união.
Se você quer ver a verdade com os próprios olhos,
Desapegue-se de opiniões contrárias e favoráveis.

Erguer o que agrada contra o que desagrada:
Essa é a doença da mente.
Até que o profundo significado do Caminho seja percebido,
A paz da mente é perturbada inutilmente.

O Caminho perfeito é como o infinito,
Onde nada falta e nada existe em excesso.
É quando escolhemos agarrar ou repelir,
Que negligenciamos a verdadeira natureza das coisas.

Não se perca na complicação do mundo externo,
Nem se acomode nos sentimentos do vazio interior.
Seja sereno na unicidade das coisas
E o dualismo desaparecerá por conta própria.

Quando você tenta aquietar o movimento com passividade,
Esse próprio esforço transforma-se em ativo movimento.
Mergulhado em tal dualismo,
Quem poderia encontrar a verdade?

Quem se desvia do Caminho perfeito,
Comete o duplo erro da negação e da afirmação:
A negação da realidade externa se converte na sua própria afirmação;
A afirmação do vazio original se transforma na sua própria

negação.

É por causa da ignorância que experimentamos como reais
As transformações no mundo vazio que nos confronta.
Não se desgaste buscando a verdade,
Apenas deixe de alimentar opiniões.

É preciso voltar à raiz, para encontrar sentido.
Perseguir aparências é negligenciar sua fonte.
No momento da iluminação,
Acontece algo além do vazio e das aparências.

Evite cuidadosamente um estado dualístico.
Quando há traços disso e daquilo,
Do certo e do errado,
A essência da mente se perde em confusão.

O dois existe por causa do Um,
Mas não se apegue nem a esse Um.
Quando a mente segue o Caminho sem perturbação,
As dez mil coisas não oferecem ofensa.

Se um olho nunca adormece,
Todos os sonhos serão interrompidos por conta própria.
Quando a mente conserva seu caráter absoluto,
As dez mil coisas serão de idêntica substância.

Quando sondamos o mistério profundo do Um,
Instantaneamente esquecemos as ofensas externas;
Quando as dez mil coisas são vistas na sua unidade,
Voltamos à origem e permanecemos onde sempre estivemos.

Um em tudo.
Tudo em Um.
Se apenas isso fosse compreendido,
Ninguém precisaria lamentar-se por “não ser perfeito”.

Quando o Coração e cada coração confiante não estiverem divididos,
E indivisos estiverem todo coração confiante e o Coração,
Chegamos até a fronteira onde as palavras falham;
Porque isso não é do passado, do presente, ou do futuro.

Para Hachisuke, um Intocável

Ouro e prata, status e poder; tudo retorna ao céu e à terra.
Lucro e perda, ter ou não ter; tudo isso é fundamentalmente vazio.
Aristocratas e agricultores; santos e pecadores – todos terminam do mesmo jeito.
Estamos ligados, pelo destino, ao turbilhão da existência.

Ah, como é lamentável... O mendigo da Ponte Ryogoku,
Que perdeu sua vida em uma trágica enchente.
Se você me perguntar sobre seu paradeiro, eu direi:
No coração do reflexo da lua sobre as ondas.

Um dedo mostrou a lua

De frente para os penhascos,
A lua brilhava no céu.
Na fonte original, onde as mil formas surgiam,
Sua lanterna não projetava luz.
O espírito desobstruído é límpido.
A caverna vazia é um mistério.
Um dedo me mostrou a lua.
A lua é o centro da mente.

"Montanha Fria e Shide"
Keison - Japão (Sec. XV ou XVI)

Bolotas de carne, muito ocupadas

O Grande Mar é infinito.
Há dragões e peixes aos bilhões,
Todos comendo uns aos outros;
Bolotas de carne idiotas e tão ocupadas!

É porque a mente nunca para,
Que a ilusão surge como se fosse névoa.
A lua de nossa natureza é límpida e brilhante;
A céu aberto, ela brilha sem limites.

Balsas de pecado

Qual a coisa mais triste do mundo?
As balsas de pecado que as pessoas constroem
Para chegar ao inferno,
Ignorando o monge entre as nuvens e penhascos –
Com uma túnica fina para os caminhos da vida.

No outono, ele deixa que as folhas caiam.
Na primavera, ele deixa que as árvores desabrochem.
Ele dorme através dos Três Reinos;
Livre de preocupações –
Tendo a lua como lanterna e o vento como lar.

Até que a lua surja e

Eu aprecio o caminho simples,
Entre escuras videiras e cavernas na montanha.
Na floresta, há espaço para vagar;
As nuvens brancas como companheiras.
Há o Caminho que não leva para a cidade.
Apenas pessoas com a mente vazia podem escalar.
À noite, eu sento sozinho entre as pedras,
Até que a lua surja;
Montanha Fria.

Sutra Diamante

O Buda Sidarta Gautama (ou Shakyamuni, o "sábio do clã dos Shakyas") tinha um discípulo chamado Subhuti, que lhe perguntou:

"Se os filhos e as filhas de boas famílias quiserem desenvolver o mais alto, mais desperto e mais realizado nível de iluminação da mente; se eles quiserem alcançar a Inigualável Sabedoria Perfeita, o que eles deveriam fazer para apaziguar suas mentes à deriva e para ajudar a enfraquecer os pensamentos de desejo?"

O Buda lhe respondeu:

"Se os bons filhos e as boas filhas do mundo inteiro quiserem alcançar a Inigualável Sabedoria Perfeita, conquistando o mais alto, mais desperto e mais realizado nível de iluminação da mente – um coração calmo, que não alimenta pensamentos de desejo – todos esses filhos e filhas deveriam acompanhar atentamente, com sua completa atenção, o que estou prestes a dizer:

"Todos os seres vivos – sejam eles nascidos a partir de ovos, de um útero, da umidade, espontaneamente, ou seja como for; tendo eles forma ou não; estejam eles cientes ou inconscientes, não-cientes, ou não-inconscientes... Eu eventualmente guiarei todos os seres vivos até o Nirvana – o ciclo final da vida e da morte.

"Ao mesmo tempo, até quando esse número inimaginável de seres vivos estiver liberto, na realidade nem um único ser terá sido libertado. Por quê? Porque se um discípulo ainda se apega às noções ilusórias de forma, ou de movimento – tais como um ego, uma personalidade, um self, identidades alheias, ou uma identidade universal que existe eternamente – então essa pessoa não é um autêntico discípulo.

"Além disso, Subhuti, na prática da compaixão e da caridade, um discípulo deve ser desapegado. Em outras palavras, ele deve praticar sua compaixão e sua caridade sem importar-se com as aparências, com a forma, com os sons, cheiros, gosto, tato, ou outras qualidades de todo tipo. Por quê? Porque praticar caridade e compaixão sem apego é a forma de alcançar a Inigualável

Sabedoria Perfeita; é a forma de se tornar um buda vivo.

"Subhuti, você acha que é possível medir todo o espaço do universo? O mesmo se aplica aos benefícios alcançados pelo discípulo que pratica a compaixão e a caridade sem apego às aparências; não seria possível medi-los por completo.

"Quanto às aparências – você diria que é possível reconhecer um buda através delas? Quando falamos de aparência, não estamos falando da forma real, mas apenas de uma ilusão. Tudo que tem forma e aparência é ilusório e irreal. Quando você percebe que todas as formas são ilusórias e irreais, você compreende as coisas como elas verdadeiramente são."

Com o sentimento de quem provava a um doce néctar, Subhuti perguntou:

"Num futuro distante, mestre, será possível que outras pessoas ainda vão ouvir esse ensinamento e alcançar um verdadeiro conhecimento da iluminação, experimentando o Real desperto em seus corações?"

"Sem dúvida alguma, Subhuti. Sempre haverá aqueles que são virtuosos e sábios. Ao praticarem compaixão e caridade, reconhecerão a verdade do que dissemos e poderão despertar completamente seus corações. Ao encontrarem as palavras que dissemos, essas pessoas se descobrirão repletas de confiança. Isso vai acontecer porque elas terão compreendido intuitivamente que tais palavras expressam a verdade.

"É preciso destacar, no entanto, que tais indivíduos hão de ter plantado as sementes da bondade e da sabedoria – que levam a tal realização – com grande antecedência; terão plantado as sementes das boas ações e da caridade por centenas de milhares de vezes. Assim, quando uma pessoa se encontra pronta, uma confiança pura e brilhante irá surgir no seu coração.

"Além disso, as pessoas que intuitivamente compreenderem a verdade da compaixão e da caridade desinteressadas serão cumuladas de infinitos benefícios. Sabe por que eu posso afirmar isso? Porque para encontrar-se nessa condição, tais pessoas precisam ter abandonado todas as fantasias simbólicas sobre a existência de uma identidade pessoal, de outras pessoas, ou de

um self universal. Precisam ainda ter descartado as noções arbitrárias sobre a não-existência de uma identidade pessoal, de outras pessoas, ou de uma consciência universal. Sem isso, os seus corações ainda perseguiriam tais conceitos relativos.

"Assim, quem busca a Perfeita Iluminação deveria descartar não apenas todas suas concepções a respeito de sua própria identidade, de outras identidades, ou de uma identidade universal, mas deveria descartar ainda os pensamentos sobre a não-existência de tais divisões.

"Quando um buda discorre sobre esse tipo de coisa, usando a mesma classe de ideias e conceitos linguísticos que condena, enquanto usa, as pessoas precisam ter em mente a irrealidade desses conceitos e ideias. É preciso lembrar que, ao ensinar sobre as verdades espirituais, um buda sempre utiliza a linguagem da mesma forma que uma balsa é utilizada para atravessar o rio. Assim que chegamos à outra margem, não há mais uso para a embarcação, que devemos abandonar antes de pisar, efetivamente, na outra margem do rio.

"Para que possamos alcançar a iluminação, é preciso que alguém nos explique esses conceitos e ideias arbitrários sobre espiritualidade. Em última instância, por outro lado, tais concepções dualistas devem ser descartadas. Assim, Subhuti, não parece apenas natural que devamos descartar também as nossas ideias sobre a não-existência de tais fantasmas? Uma apegada negação simbólica do mundo simbólico seria a sua própria afirmação.

"Você imagina, Subhuti, que o Buda tenha chegado à mente iluminada mais alta, mais realizada e mais desperta? Acha que essa é a disciplina que eu ensino?"

O discípulo respondeu:

"Pelo que eu entendi do seu carinhoso aprendizado, mestre, não há um objeto que exista de forma independente e separada, que possamos chamar de 'mente', para atribuir-lhe o título de 'a mais alta, mais realizada e mais desperta'. Da mesma forma, não há uma disciplina independente e separada que o Buda ensine. Por quê? Porque a sabedoria que o Buda conquistou e que vem

compartilhando através das palavras não pode ser concebida como uma entidade independente e separada, que possamos descrever pelo dualismo da linguagem. A natureza dessa sabedoria é indizível e não pode ser contida. Ela nem é, nem não-é. O que isso quer dizer? Que os budas e seus discípulos não se iluminam por causa de uma disciplina, ou de um método, mas através de um processo íntimo, intuitivo e espontâneo que faz parte da sua própria natureza."

"Subhuti, se alguém preenchesse as Três Mil Galáxias com os sete tesouros, para destiná-los à compaixão, à caridade e a dar esmolas, essa pessoa acumularia muito mérito e levaria a felicidade a vários lugares?"

"Sim, meu querido mestre, O Mais Honrado, Príncipe dos Iluminados. Tal pessoa acumularia muito mérito e levaria a felicidade a várias partes, ainda que, na verdade, tal pessoa não seja uma entidade separada e independente, onde qualquer mérito pudesse acumular. Por quê? Porque esse mérito acumulado é caracterizado pela qualidade do não-mérito."

O Mais Honrado continuou:

"Suponhamos que alguém entenda apenas um parágrafo deste sutra, mas que ainda assim ela se incumbisse de explicar essas linhas para outra pessoa. O mérito disso seria ainda maior que o dos tesouros entregues à caridade. Por que? Porque todos os budas e todos os ensinamentos e valores ligados às mentes mais altas, mais despertas e mais realizadas erguem-se a partir do ensinamento contido neste sutra. E mesmo assim, Subhuti, enquanto eu falo sobre o assunto, é preciso que eu retire o que disse, tão logo as palavras tenham sido proferidas – já que, na realidade, não há budas, nem ensinamentos.

"Você acredita que uma pessoa no Caminho da Iluminação diria 'Estou no Caminho da Iluminação'?"

"Não, mestre," respondeu Subhuti. "Um verdadeiro discípulo no Caminho não pensaria em si mesmo como numa entidade independente e separada, que pudesse entrar nisso ou naquilo. Apenas aquele discípulo que não ergue diferenças entre si mesmo e o mundo, que não tem apreço pela fama, pelas aparências,

cheiros, sons, gosto, tato e nome pode ser chamado com justiça de um viajante no Caminho."

"E o discípulo a quem resta apenas mais uma encarnação diz para si mesmo: 'Tenho direito a receber as honras e benefícios devidos a quem só vai reencarnar mais uma vez!'?"

"Não, mestre. Reencarnação é apenas um nome. Não há partida, ou chegada à existência. Apenas quem compreende isso pode ser chamado com justiça de discípulo."

"E quanto àquela pessoa venerável, Subhuti, que nunca mais renascerá num corpo mortal, será que ela diz para si mesma: 'Mereço as honras e benefícios de quem não vai voltar!'?"

"Não, mestre. Quem não vai voltar é apenas um nome. Na realidade, não há ninguém voltando, ou não-voltando."

"Diga-me finalmente, Subhuti, se um buda diria a si mesmo: 'Eu conquistei a Iluminação Perfeita!'"

"Não, mestre. Não existe algo como Iluminação Perfeita a ser conquistado. Se um buda perfeitamente iluminado falasse tal coisa para si mesmo, ele estaria apegado à ilusão da existência de uma individualidade pessoal – uma personalidade separada e independente – de forma que tal pessoa não seria um buda perfeitamente iluminado."

"Você se destaca entre os discípulos, Subhuti, na compreensão dos prazeres da iluminação. Você se mostra perfeitamente satisfeito, sendo um recluso, e demonstra grande liberdade em relação a todas as paixões."

"Querido e Mais Honrado Mestre, se eu pensasse em mim mesmo dessa forma, não teria sido possível escapar das ilusões do ego. Sei que, na verdade, não existe Subhuti e que, assim, Subhuti não reside em parte alguma. Sei que ele não conhece nem desconhece o prazer, e que ele não é nem livre de suas paixões, nem escravizado por elas."

"E quanto à minha última encarnação, quando fui um discípulo do Buda Dipankara? Você acredita que eu tenha recebido algum ensinamento definitivo, ou alcançado algum nível de autocontrole através dos quais eu tenha me transformado num buda?"

“Não, Honorável Mestre. Quando você foi discípulo do Buda Dipankara, na realidade, você não recebeu nenhum ensinamento definitivo, nem alcançou qualquer autocontrole definitivo.”

“Entenda ainda, Subhuti, que se algum buda prometesse criar um paraíso, ele estaria mentindo. Por quê? Porque um paraíso não pode ser criado, nem pode ser desfeito.

“O discípulo deve desenvolver um coração independente de forma, som, cheiro, gosto, sensação táctil, ou representação mental. O aprendiz deve desenvolver um coração que não dependa de nada. Assim, Subhuti, o coração de cada discípulo deve ser purificado de tudo que se relaciona a visão, audição, paladar, olfato, tato e diferenciação simbólica. Eles devem usar seus corações de forma espontânea e natural, sem o impedimento criado pelas noções preconcebidas que se erguem a partir dos sentidos.

“Por exemplo, digamos que alguém tivesse o corpo do tamanho do Monte Sumeru. Enganada pelos sentidos, essa pessoa não desenvolveria um sentimento íntimo de gigantesca existência pessoal?”

“Seguramente, mestre, essa pessoa teria uma tendência a sentir-se muito grande. No entanto, o Buda ensinou que aparências, cheiros, sons, gostos, texturas e nomes são fenômenos ilusórios. Na realidade, não há nem grande nem pequeno. Por quê? Porque não há entidades separadas e independentes. Seja qual for o espaço que um corpo ocupa, ele ainda tem uma medida. Em relação ao Vazio – que não se pode medir, ver, cheirar, provar, escutar, ou nomear – o grande e o pequeno se equivalem; inseparáveis.”

Aprovada a resposta, o Buda Gautama ponderou:

“Mesmo que houvesse um novo Rio Ganges para cada grão de areia que existe hoje no Rio Ganges, Subhuti, e mesmo que alguém abarrotasse Três Mil Galáxias com os sete tesouros, tantas vezes quanto houvesse grãos de areia em todos aqueles Rios Ganges, convertendo toda essa riqueza para obras de compaixão, caridade e esmola, isso não se compara ao mérito e à distribuição de alegria produzida por explicar uma única parte

deste sutra para os outros.

"Se alguém ensinar um parágrafo deste sutra em qualquer lugar do mundo, aquele chão se tornará sagrado e digno da reverência de todos os reis. Muito mais sagrado ainda vai se tornar qualquer local, quando alguém estudar, ou praticar este sutra por lá. Onde quer que este sutra seja honrado e considerado, ergue-se um altar sagrado contendo a presença de todos os budas e de seus mais veneráveis discípulos.

"Enfim," concluiu O Mais Honrado, "seria impossível demonstrar, com palavras, a real importância do que temos tratado neste sutra."

Subhuti perguntou:

"E como devemos chamar a este sutra?"

Shakyamuni sugeriu:

"Este sutra deveria ser chamado de O Diamante que Corta através da Ilusão. Este sutra é compacto e afiado, como um diamante que pode atravessar concepções arbitrárias e levar à outra margem da iluminação. Diga-me, Subhuti, há quantos redemoinhos de poeira no mundo?"

"Há inúmeros redemoinhos de poeira no mundo, mestre."

"No entanto, quando eu falo sobre redemoinhos de poeira, isso não quer dizer que a verdade se encontra num conceito definitivo ou arbitrário sobre redemoinhos de poeira. Estou apenas usando essas palavras como uma figura de linguagem. Elas não são reais, mas apenas ilusões. Acontece o mesmo com a palavra 'universo' – esse tipo de palavra não estabelece nenhuma realidade definitiva, ou arbitrária. Estou apenas usando as palavras como palavras. Será que um buda poderia ser reconhecido pela sua aparência, Subhuti?"

"Não, mestre. O Buda não pode ser reconhecido pela sua aparência. Por quê? Porque o Buda ensina que as aparências não são reais, mas apenas imagens."

"Subhuti, se alguém ouvir o que estamos conversando aqui, nem o mérito de uma pessoa que vem sacrificando a própria vida por tantas reencarnações quanto há grãos de areia nos Três Mil Universos poderá se comparar."

Compreendendo o elogio do mestre e tocado pela importância do tema que vinham tratando, aqui, Subhuti foi levado às lágrimas. Ele disse:

"Que dádiva rara e preciosa, o Caminho da iluminação. Desde que eu obtive os olhos da compreensão, guiado pela sabedoria do Buda, não reconheço maior e mais belo ensinamento. Grande Patriarca Maior, caso alguém escute o seu sermão, enquanto nutre uma confiança pura e cristalina, será possível alcançar um grande insight em relação à verdade. Com esse insight, é possível descobrir a forma mais sofisticada de virtude. Essa compreensão da verdade, fundamentalmente, não é uma compreensão da verdade, mas é o que o Buda chama de compreensão da verdade.

"Quem se apega a noções arbitrárias sobre sua própria identidade, identidades alheias, ou uma identidade universal, segue abraçado ao que é não-existente. Budas são budas porque conseguiram descartar concepções arbitrárias de forma e fenômeno; são pessoas que transcenderam a percepção ilusória e penetraram na fonte de todas as formas."

Shakyamuni confirmou:

"Assim é, Subhuti. Abençoados serão aqueles que ouvirem este sutra sem tremer, ou abalar-se. Por quê? Porque este sutra leva consigo a mais alta perfeição – que na, realidade, não é perfeição nenhuma e que, por isso, incontáveis budas e abençoados afirmaram ser a mais alta perfeição.

"O Caminho exige a prática da paciência perfeita, onde também não há perfeição, nem apego a conceitualizações simbólicas sobre o fenômeno da paciência. A prática da paciência perfeita é simplesmente a prática da paciência perfeita.

"Há milhares de encarnações, quando o Príncipe de Kalinga mutilou meus membros, minhas orelhas, meu nariz e minha carne, naquele momento eu não experimentava uma identidade, um ego, uma vida, ou uma alma. Eu não sentia nem não-sentia. Por quê? Porque se eu sentisse através da ilusão de um ego, enquanto era mutilado, eu também sentiria raiva. Se eu percebesse o mundo através dos conceitos linguísticos e das formas ilusórias, eu teria me entregado ao ódio.

“Durante quinhentas encarnações, dediquei minhas vidas à prática da paciência, como se eu fosse um santo convocado a sofrer humildemente. Mesmo então, enquanto mendigava, meu coração estava livre de concepções arbitrárias sobre fenômenos, identidade, ego, alma, ou consciência universal.

“De quem pretende obter a Suprema Iluminação, Subhuti, o Caminho exige o abandono de todo e qualquer tipo de diferenciação do fenômeno. Um discípulo não deve permitir que seu coração se baseie em, ou dependa de, pensamentos provocados pelos sons, pela visão, pelos sabores, pelas sensações tácteis, pelos odores, ou por ideias.

“Um discípulo não deve apegar-se a pensamentos sobre o pensamento, ou sobre o não-pensamento. O coração de um discípulo deve manter-se livre e independente de qualquer objeto criado a partir dos sentidos. Se o coração depende de objetos do mundo sensitivo, ele estará baseando-se em ilusões; sem nenhuma solidez e desamparado da realidade. É por isso que recomendo praticar a caridade desapegada. Deve-se praticar a caridade sem tomar as aparências como referência de nada. Praticando dessa forma, para o bem de todos os seres vivos, abandonamos o apego e a obsessão com as aparências.

“Imagine uma pessoa que entra num lugar escuro e que não pode mais enxergar. Ele, ou ela, é como alguém praticando a caridade e a compaixão, enquanto governada pelos objetos sensitivos. Agora, Subhuti, imagine uma pessoa ao nascer do sol, com a capacidade para enxergar todo tipo de coisas. Essa pessoa é como alguém praticando a caridade e a compaixão sem ser governada pelos objetos.

“Assim como a ideia de um ser não é um ser, todas as coisas sobre as quais tenho falado são assim não-coisas.

“O que eu digo é a verdade e as coisas são como eu digo, onde não há falsidade. Além disso, Subhuti, quando o Caminho é percebido, aprendido e naturalizado, não há nada que seja verdadeiro ou falso. Assim como eu declaro que a matéria não é material, também afirmo que todos os seres vivos, na verdade, não são seres vivos.

“Se houver alguém que se sinta satisfeito com ensinamentos inferiores aos que ofereço aqui, Subhuti, essa pessoa ainda está apegada à ideia que tem a respeito de si mesma, de uma individualidade, uma entidade independente e separada, ou um ego universal do qual ela participa. Tal pessoa não será capaz de escutar, receber, recitar ou explicar este sutra a ninguém.

“Quando entregamos esse ensinamento com tantos detalhes, algumas pessoas podem ficar desconfiadas ou descrentes; suas mentes podem até ficar desorientadas e confusas. Mas é preciso compreender, Subhuti, que o significado deste sutra está além da linguagem e do intelecto.”

Subhuti curvou-se em agradecimento pela palestra do Mais Honrado e falou:

“Mestre, se você me permite mais uma pergunta: o que os filhos e as filhas de boas famílias podem fazer para desenvolver o mais alto, mais desperto e mais realizado nível de iluminação da mente? Se eles quiserem alcançar a Inigualável Sabedoria Perfeita, o que eles podem fazer para apaziguar suas mentes à deriva e para tornarem-se os mestres de seu próprio pensamento?”

Shakyamuni respondeu:

“Se os bons filhos e as boas filhas quiserem alcançar a Inigualável Sabedoria Perfeita, conquistando o mais alto, mais desperto e mais realizado nível de iluminação da mente, seus corações devem manter-se determinados na seguinte postura: ‘Eu preciso ajudar todos os seres a pular para a outra margem da iluminação; mesmo sabendo que, depois disso, sequer um único ser terá sido salvo.’

“Por quê? Porque se um discípulo alimenta a ideia de um ego, de uma individualidade, de outras pessoas, ou de uma identidade universal, ele não é um discípulo. Não há sequer algo independente e separado a ser chamado de o mais alto, mais desperto e mais realizado nível de iluminação da mente.

“Uma comparação pode ser feita com um corpo humano gigante. Se eu falasse a respeito de um corpo humano gigante, o que você entenderia, Subhuti?”

O discípulo respondeu:

"Eu entenderia que o mestre fala de 'um corpo humano gigante' sem nenhuma pretensão de realidade, mas apenas como uma série de palavras. Essas palavras carregam um sentido meramente imaginário. Quando o Buda fala de um corpo humano gigante, ele está usando as palavras como se fossem palavras."

"Assim também acontece quando um discípulo fala a respeito de libertar todos os seres vivos, Subhuti. Quem se apegar a conceitos de seres vivos, ou à sua quantidade, não é digno de se dizer discípulo. Para o Caminho, até algo a ser chamado de 'discípulo' é só uma imaginação. Além do mais, não há nada a ser liberto por nenhum discípulo.

"Um verdadeiro discípulo sabe que todas as coisas existem independentes do conceito de individualidade, do ego, ou de qualquer outra abstração simbólica. Se um discípulo dissesse: 'Eu vou criar um belo e sereno jardim de buda', essa pessoa não seria um verdadeiro discípulo. Por quê? Porque o belo e sereno jardim de buda a respeito do qual o Buda fala não é o belo e sereno jardim de buda sobre o qual se pode falar. É por isso que esse belo e sereno jardim de buda não é o belo e sereno jardim de buda e, assim, o chamamos de o belo e sereno jardim de buda.

"Quando eu falo sobre os tantos grãos de areia no Rio Ganges, Subhuti, estou afirmando que são grãos de areia de verdade?"

"Não, mestre. Você está falando deles apenas como as palavras 'grãos de areia'."

"Diz-se que eu tenho olhos humanos, olhos da iluminação, olhos da sabedoria transcendental, olhos da intuição espiritual e olhos do amor e da compaixão por todos os seres sencientes. No entanto, tais seres não são seres vivos, nem não-vivos, mas nos referimos a eles como seres vivos.

"Eu conheço o coração de cada ser vivo em toda a gama de universos existentes. Todas as formas de pensar, tendências e teorias não são a mente, mas ainda assim são chamadas de mente. Na realidade, no entanto, não é possível reter a mente do passado, apanhar uma mente futura, ou sequer agarrar-se à mente presente.

“Quando falamos em bênçãos e méritos, isso é apenas uma figura de linguagem, desprovida de substância. Palavras. Imagens simbólicas. Confiar nisso é como procurar o Buda pelas aparências. E que ninguém afirme que o Buda falou verdades espirituais, porque isso enlamearia o meu nome, já que verdades espirituais não podem ser ditas. É por isso que dizemos ‘falar a verdade’.”

Subhuti perguntou:

“Mestre, quando você alcançou a iluminação suprema, você não experimentou conquista nenhuma?”

“Assim foi, Subhuti. Quando alcancei a iluminação suprema, não havia conceitos no meu coração. Até as palavras ‘iluminação suprema’ são apenas palavras, que eu uso apenas como palavras. Além disso, o que eu conquistei com a iluminação suprema foi o mesmo que todos os outros já têm. É um estado indiferenciado, que não deve ser tido como superior, ou inferior.

“É um estado independente dos pensamentos e conceitos sobre eu, outros, seres vivos, ou consciência universal. É preciso praticar a caridade de forma desapegada, à luz do conhecimento de que não existe diferença entre si mesmo e outro. Assim, praticamos a caridade não apenas oferecendo comida e objetos materiais, mas também através da gentileza e da simpatia.

“Espero que todos entendam que minhas palavras não sugerem a prática da caridade enquanto vamos apegados a conceitos arbitrários sobre a gentileza, porque a gentileza, fundamentalmente, é apenas uma palavra e não é a verdadeira gentileza, que deve ser espontânea e desinteressada, independente das aparências. Quem percebeu a indivisibilidade das coisas passa a compreender que o mérito não é propriedade privada, ou algo a obter, mas a propriedade em comum de todos os seres.

“A ideia de libertar a todos os seres, inclusive, não é realmente uma ideia de Buda. Se o Buda pensasse que pode libertar seres e que existem seres a serem libertos, isso o apanharia na ideia de um ego, de uma individualidade, um ser vivo, ou uma consciência universal. O que o Buda chama de identidade, no entanto,

fundamentalmente não tem qualquer identidade conforme as pessoas normais imaginam que a identidade exista. O Buda não acredita na existência de uma pessoa normal, e é por isso mesmo que posso falar a respeito de pessoas normais.

"Seria possível reconhecer o Buda pelas suas 32 marcas, Subhuti?"

"Sim, Mais Honrado. É possível reconhecer o Buda através das suas 32 marcas físicas."

"Se isso fosse verdade, Subhuti, então o rei Chacravartin – que também possuía as 32 marcas – seria chamado de Buda."

Percebendo seu erro, o discípulo disse:

"Realmente, mestre, agora eu percebo que o Buda não pode ser reconhecido apenas pelas suas 32 marcas físicas."

"Assim acontece, Subhuti. E se alguém estiver olhando para uma figura ou imagem do Buda, afirmando conhecer o Buda e idolatrando o Buda, essa pessoa estaria em erro, ignorante do verdadeiro Buda. E ainda assim, caso alguém acredite que o Buda não precisa ter as 32 marcas, isso também seria um erro.

"Igualmente, quem fala que o Buda está chegando ou saindo – sentado ou deitado – também comete um erro. Por quê? Porque o Buda não vem de parte alguma e não vai embora para lugar nenhum. O nome Buda é apenas uma expressão; uma figura de linguagem.

"Digamos, Subhuti, que alguém – seja um homem, ou uma mulher – apanhasse as Três Mil Galáxias e as moesse num pozinho muito fino para, em seguida, soprar esse pó no Espaço. O que você me diria? Esse pó tem alguma existência individual?"

"Tomando a lógica convencional, mestre, esse pó espacial deveria ser considerado como alguma espécie relativa de existência. Mas quando é usado na forma de palavras, ele não tem existência. As palavras são usadas apenas como uma ilustração abstrata. De outra forma, estaria implícita a crença na existência da matéria como identidade separada e independente – o que não acontece na realidade. Além disso, quando O Mais Honrado se refere às 'Três Mil Galáxias', ele só poderia fazê-lo referindo-se a uma conceitualização abstrata. Por quê? Porque se

as Três Mil Galáxias existissem realmente, sua única realidade seria encontrada em sua união cósmica. Seja na forma de uma galáxia, ou de um pozinho muito fino, qual a diferença? É apenas no contexto de sua indivisibilidade cósmica que o Buda pode referir-se ao mundo."

Satisfeito, o Buda concluiu:

"Ainda que as pessoas normais sempre tenham perseguido símbolos abstratos referentes à matéria e às galáxias, esses conceitos não têm fundamento real. São ilusões de uma mente mortal. Mesmo quando imaginadas no contexto de uma indivisibilidade cósmica, a realidade à qual esses símbolos tentam se referir é indizível e incognoscível.

"Se um discípulo dissesse que o Buda, em seu ensinamento, fez constantes referências a si mesmo, a outras pessoas, aos seres vivos, ou a uma consciência universal, essa pessoa não seria um verdadeiro discípulo e não teria entendido o meu ensinamento. Por quê? Porque ao falar dessas coisas, não estou fazendo referência à sua 'verdadeira existência', mas apenas usando as palavras como símbolos; como ilustrações fantasmagóricas. As palavras só podem ser utilizadas dessa forma. Conceitos, ideias, meias-verdades e verdades espirituais não têm mais realidade do que a matéria, ou o movimento.

"Ao entrar no Caminho, as pessoas devem perceber, enxergar, saber, compreender e entender que todas as coisas e toda verdade espiritual são não-existências, de forma que, para alcançar a completa iluminação, deve-se manter o coração livre de qualquer tipo de pensamento.

"Subhuti, ainda que uma boa alma – seja um homem, ou uma mulher – oferecesse ao Buda uma quantidade de tesouros tão grande que pudesse preencher o universo inteiro, isso não traria tanto mérito e tantas bênçãos quanto os que caberiam à pessoa que, buscando iluminar-se, estudasse, seguisse e explicasse pelo menos uma parte deste sutra a alguém.

"Por quê? Porque seria impossível que alguém explicasse este sutra, enquanto segue apegado a conceitos sobre a forma, o movimento, ou verdades espirituais. A explicação deste sutra só é

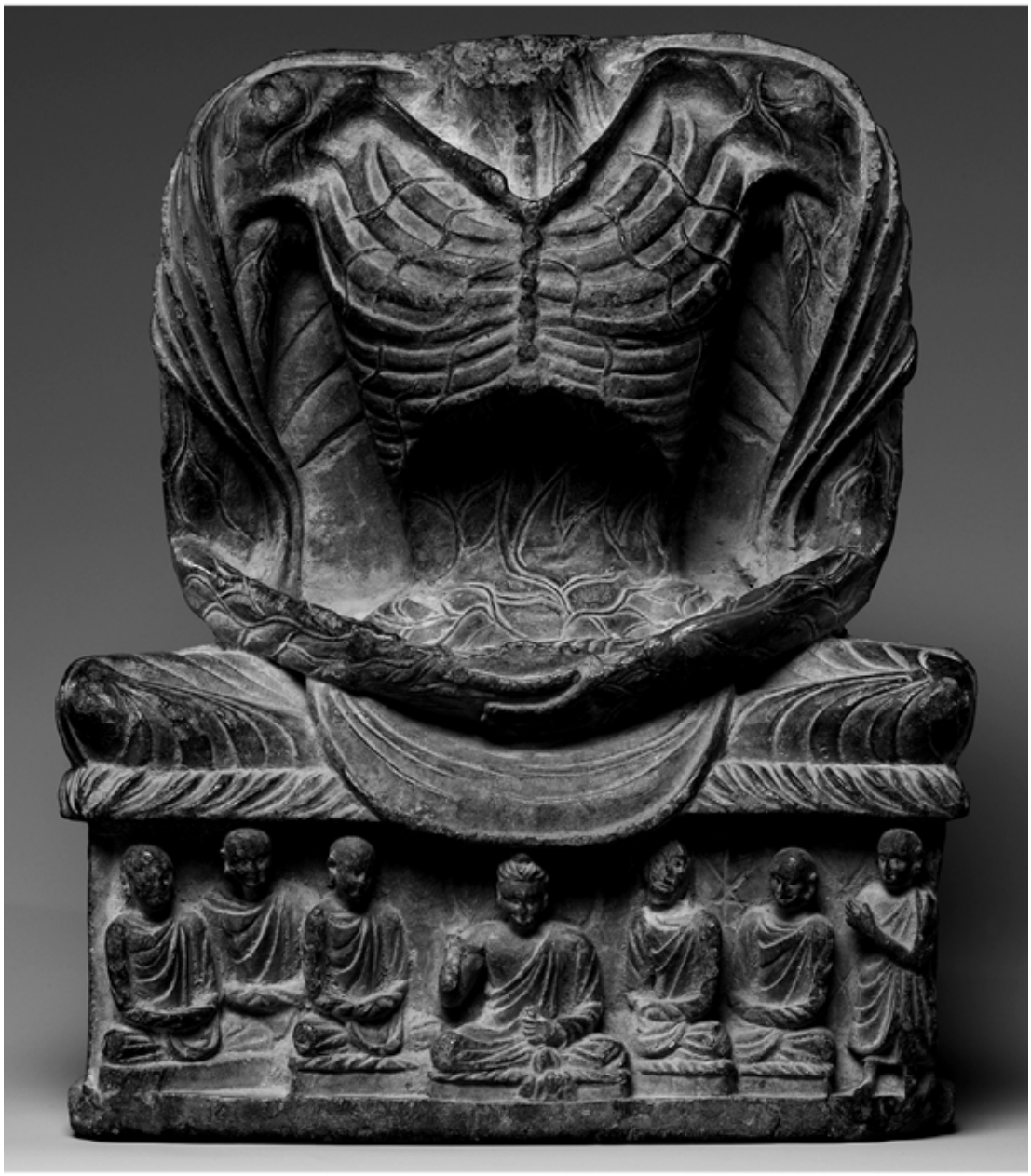
possível com um coração perfeitamente tranquilo e livre de apego às aparências.

"Por fim, a forma de enxergar nossa existência neste mundo é a seguinte:

"Como a pequena gota de orvalho, que encontramos no jardim pela manhã e que à tarde já sumiu, ou como uma bolha flutuando na correnteza; como o piscar de um relâmpago em nuvem de verão, que também some num instante, ou como a vela tremulante da lanterna – uma ilusão, aparição, ou sonho. Assim deve-se enxergar a nossa existência neste mundo.

"Quando o mundo é visto dessa forma, céu e terra parecerão vazios. A medida do seu coração será vasta como o infinito e larga como a imensidão; livre de impedimentos. Abandonando os impedimentos, não há medo. O Buda não teme a gente viva ou morta; a aparições estranhas, ou criaturas como leões e tigres.

"Se a vida é como a gota de orvalho – como as bolhas, ou o relâmpago – qual é exatamente o impedimento? Não há impedimentos. Por mim, qualquer coisa vai bem. Tragam aqui um tigre e eu vou meditar ao lado dele."



"Buda Shakyamuni fazendo jejum"
Autor Desconhecido - Paquistão (Século III ou IV)

Sem nem piscar um olho

Durante uma guerra civil em que muitas atrocidades foram cometidas, todos os moradores de uma determinada vila fugiram, tão logo ficaram sabendo que as tropas do império se aproximavam.

"Todos os moradores", vírgula, menos um velhote – que tomava conta de um templo e que manteve a própria rotina inalterada.

Ao tomar conhecimento de tamanha ousadia, o general do exército exigiu que lhe apresentassem a tal suposto mestre.

Os soldados chegaram com o velho, amarrado e já um tanto surrado. Apesar daquilo, ele não demonstrava raiva, ou medo, mas quase que uma indiferença.

O general esperava súplicas e lamúrias, mas, em vez disso, foi tratado como se conversassem de igual para igual. Isso o zangou de tal forma que ele sacou a espada e avançou em direção ao mestre, gritando:

"Você não percebe quando está na presença de alguém que pode te matar sem nem piscar um olho?"

O mestre respondeu, impassível:

"Sim, eu percebo. E você? Não percebe quando está na presença de alguém que pode morrer sem nem piscar um olho?"

Reconhecendo que o monge realmente não tinha medo, o general guardou sua espada e, mais tarde, tornou-se um estudante do zen budismo.

Tokimune e a covardia

Hojo Tokimune governou o Japão durante um período delicado de sua história e transformou-se num herói por rechaçar a invasão dos mongóis.

Ávido e dedicado estudante do zen budismo, Tokimune também ficou famoso pela popularização do Caminho entre os samurais de sua era.

Ainda no início de sua prática, preocupado com o andamento da guerra, Tokimune teve o seguinte diálogo com o mestre Bukko:

"Por favor, mestre, esclareça uma dúvida que vem pesando o meu coração. Eu entendo que o pior inimigo da nossa vida é a covardia. Como eu posso estar seguro de derrotá-la?"

Bukko respondeu:

"Corte a fonte de onde surge a covardia."

Tokimune investigou:

"E qual é essa fonte da covardia?"

Bukko delatou:

"Tokimune."

Naqueles tempos, Tokimune já era um guerreiro experimentado e renomado na defesa do país, contra as respeitadíssimas tropas dos mongóis. Naturalmente, a sugestão de que ele mesmo fosse a fonte da covardia deixou o samurai com o orgulho ferido. Ele disse, exaltado:

"Covardia é o que eu mais odeio entre todas as coisas! Como é que eu posso ser a fonte da covardia?"

O mestre lhe admoestou:

"Jogue fora esse queridinho que você chama de Tokimune. Podemos conversar de novo sobre o assunto, depois que você tiver feito isso."

"E como isso pode ser feito?"

"Elimine todos os seus pensamentos."

"Mas meus pensamentos surgem naturalmente. Como eu posso eliminar os pensamentos da minha consciência?"

O mestre recomendou:

“Sente-se com as pernas cruzadas em meditação e busque a fonte desses pensamentos que você imagina serem propriedade de Tokimune.”

O guerreiro era um estudante sincero do Caminho, mas não queria esquivar-se de suas responsabilidades como o governante de um Japão ameaçado:

“Eu tenho tantas preocupações práticas para cuidar, que é difícil encontrar momentos ociosos em que eu possa me dedicar à meditação.”

O mestre concluiu:

“Se você utilizar essas mesmas preocupações práticas da sua vida diária como ocasião para reflexões internas, um dia você descobrirá quem é esse seu Tokimune queridinho.”

Controlando a raiva

Um samurai procurou um famoso mestre zen budista para lhe perguntar:

"Mestre, eu tenho um temperamento incontrolável. Às vezes, eu me entrego à raiva. Você poderia me ajudar a ultrapassar isso?"

O mestre aparentou surpresa:

"Isso é muito estranho! Você poderia, por favor, me mostrar essa raiva agora?"

"Agora eu não posso."

"E por que não?"

"É algo que me acontece de repente."

"Sendo assim, essa raiva não participa da sua natureza verdadeira, ou você não teria nenhum problema em demonstrá-la a qualquer momento. Em outras palavras, por que você está preocupado com o que não é seu?"

A partir dessa conversa, sempre que o samurai estava prestes a ser tomado pela raiva, as palavras do mestre voltavam à sua mente e, com o tempo, ele desenvolveu um temperamento pacífico.

Pra começo de conversa

Quem será capaz de desatar o sino
Pendurado no pescoço
Do cachorro gigante?

Para descobrir, você deve se perguntar
Quem foi que o amarrou lá,
Pra começo de conversa?

Um samurai encontra o céu e o inferno

Um samurai perguntou ao mestre Hakuin:

"Céu e inferno existem de verdade?"

O mestre, desdenhoso, perguntou de volta:

"Quem você acha que é?"

"Eu sou um soldado a serviço do imperador."

O mestre riu:

"Sério? Que tipo de exército mais deplorável aceitaria você como um soldado que o represente? A sua cara parece a de um mendigo."

O samurai, irritado, levou a mão à espada e deu um passo à frente em ameaça.

O mestre acrescentou:

"Essa sua espada ridícula deve estar cega demais para cortar o meu pescoço."

Furioso, o soldado desembainhou a lâmina e avançou desembestado em direção ao mestre, que, tranquilo, explicou:

"Assim, abrem-se as portas para o inferno."

Como se acabasse de ser atingido por uma parede, o samurai compreendeu instantaneamente a lição de Hakuin e interrompeu sua investida. Ele devolveu, lentamente, sua espada à bainha e, ato contínuo, ajoelhou-se no chão em reverência ao mestre, que concluiu:

"Assim, abrem-se as portas para o paraíso."

Iluminado pela tampa da panela

Um jovem se aventurou através das montanhas e florestas, para treinar a arte da espada com o seu ídolo – um lendário espadachim que, aposentado, atravessava os dias como recluso, meditando sozinho em uma cabana isolada.

O mestre aceitou o discípulo, que passou a limpar a casa, buscar água e lenha, cozinhar etc.

Depois de alguns meses, o jovem estava bastante desapontado, porque – trabalhando e esperando respeitosamente – ele ainda não recebera nenhuma instrução relacionada com a espada.

Decidido, o garoto abordou o velho e disse que viera até ali para aprender a arte da espada, e não a arte do servente.

O mestre apenas concordou com a cabeça.

A partir dali, a vida do aprendiz se transformou num inferno.

Era impossível trabalhar em paz, porque quando ele se preparava para cortar um pedaço de lenha, ou fervia água para preparar arroz, o mestre apareceria do nada, como um fantasma, para aplicar-lhe uma varada pelas costas. Enquanto ele varria, ou colhia frutas, um ataque repentino o surpreenderia como se caísse do céu.

Alguns anos passaram, até que o aprendiz fosse capaz de se desviar espontaneamente de qualquer ataque – mas sequer essa conquista impressionou o mestre.

Certo dia, o rapaz percebeu que o velho havia abandonado a vara que usava para lhe bater, enquanto preparava uma sopa de vegetais, dentro da panela grande.

Malandro, o aprendiz colheu a vara em silêncio e atacou a cabeça do mestre, que, impassível e sem olhar para trás, utilizou a tampa da panela para se defender.

Com isso, o discípulo iluminou-se e compreendeu os princípios da arte.

Não-pensamento

Quando Yakusan estava sentado em posição de lótus, um monge que não conhecia aquele tipo de meditação lhe perguntou:

"No que você está pensando, nessa posição imóvel?"

Yakusan respondeu:

"Pensando naquilo que está além do pensar."

O monge sentiu-se confuso:

"E como você consegue pensar naquilo que está além do pensar?"

Yakusan explicou:

"Através do não-pensamento."

Começou bem...

Um monge perguntou a Wei-kuan:
"Onde está o Caminho?"
O mestre Kuan respondeu:
"Bem à nossa frente."
O monge disparou:
"Então por que eu não posso vê-lo?"
O mestre disse:
"Por causa do seu egoísmo, você não pode vê-lo."
"Se eu não posso ver o Caminho por causa do meu egoísmo, então Vossa Reverência o vê?"
"Enquanto houver 'eu' e 'você', a situação se complica e não se pode ver o Caminho."
"Então quando não existe nem eu e nem você, o caminho é visto?"
O mestre concluiu:
"Quando nem eu e nem você existimos, quem está lá para ver?"

Nem sujeito, nem objeto

Um monge perguntou ao mestre Chih, de Yun-chu:

"O que significa 'enxergar a sua própria natureza e tornar-se um Buda'?"

Chih respondeu:

"A nossa natureza é pura e imaculada; serena e imperturbável, desde o princípio. Ela precede o universo dualista, onde habitam as entidades tais como ser e não ser, virtude e pecado, grande e pequeno, receber e entregar... Quando enxergamos nossa natureza, o corpo permanece em seu estado de como-está. Experimentar um insight imediato a respeito disso é enxergar a sua própria natureza. A sua própria natureza é o Buda, e o Buda é a sua própria natureza. Portanto, enxergar sua natureza é tornar-se um buda."

O monge não ficou satisfeito:

"Mas se a nossa natureza precede o universo dualista, onde há ser e não ser, grande e pequeno etc., então onde exatamente esse 'enxergar' acontece?"

O mestre explicou:

"Há um enxergar, mas isso não se relaciona a uma determinada forma que seja vista."

"Se não há uma forma que seja vista, então como se poderia dizer que houve um 'enxergar' qualquer?"

"Esse enxergar corresponde a um outro tipo de visão."

"Em tal visão, quem é o observador?"

"Também não há observador."

Wuzhun cavalgando uma mula

Durante certo período, na China, o budismo foi coberto de privilégios, permitindo que os templos ostentassem fabuloso luxo, acumulando grandes quantidades de metais preciosos em estátuas e relíquias. Eles recebiam doações de terras e fortunas; não pagavam impostos...

Muitos sacerdotes aproveitavam a vida opulenta da corte, recebendo invejáveis recompensas materiais e, ainda, profunda reverência e respeito.

Quando uma perseguição sistemática contra os budistas e suas riquezas aconteceu, sob a tutela do imperador Wu-tsung, os templos nas capitais e grandes centros foram arrasados. Seus bens foram saqueados e seus monges assassinados.

Quando a perseguição terminou, o Chan emergiu como a seita dominante no budismo chinês. Por quê?

O Chan também sofreu inúmeras perdas e presenciou incontáveis tragédias, mas não foi tão afetado quanto as outras seitas – principalmente porque os seus templos eram geralmente pobres e isolados; porque eles geralmente se mantinham modestamente, através do trabalho braçal dos próprios mestres e aprendizes, e também pelas características particulares da ideologia zen budista.

Um episódio que ilustra bem essa ideologia, avessa a santimônias e imune a recompensas terrenas, pode ser encontrada numa anedota envolvendo Wuzhun – um mestre, calígrafo, poeta e pintor chinês que chamava atenção por sua sabedoria e também pelo seu comportamento excêntrico.

Em certa ocasião, Wuzhun foi convocado para uma audiência imperial, na qual, para a sua imensa surpresa, ele foi generosamente premiado pelo imperador Lizong.

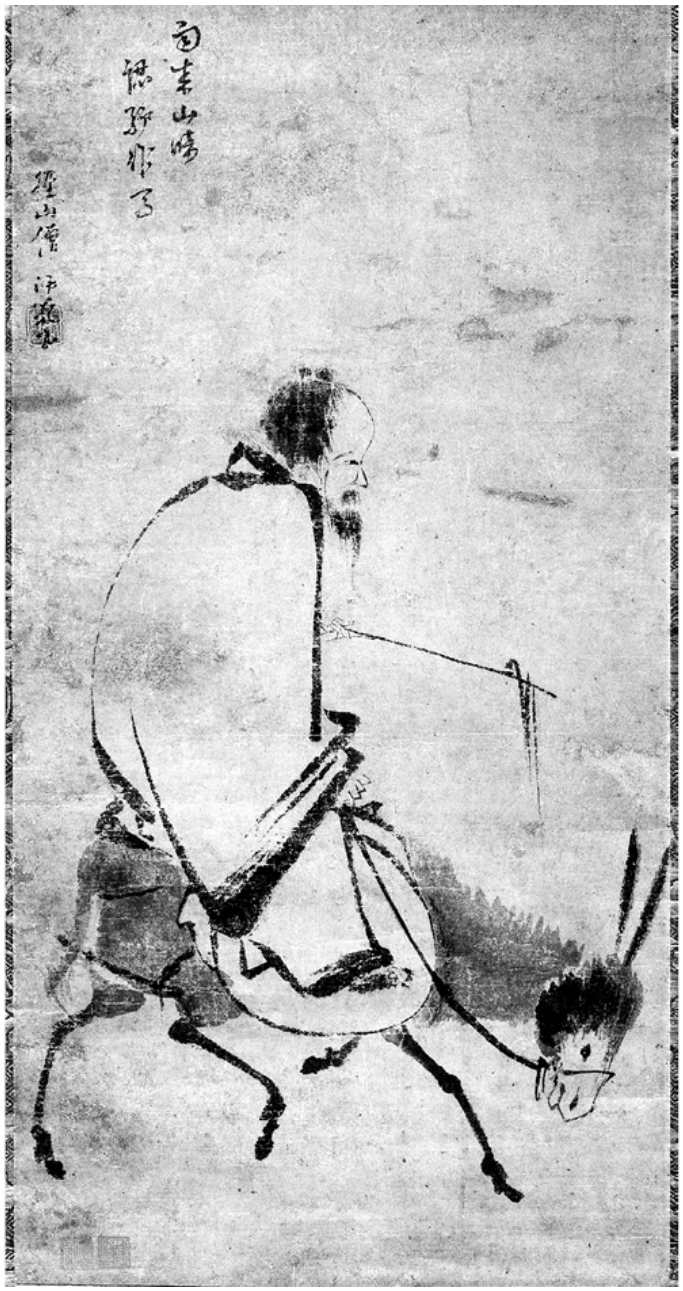
De volta ao seu retiro, Wuzhun pintou uma tela com uns poucos traços rápidos, habilmente aplicados, que – de acordo com especialistas – exemplificam bem a maneira expressiva e livre da pintura zen, que se basearia “menos em detalhes descritivos do

que na captura da concentração espiritual no interior do artista, resultando em uma representação vívida."

A tela trazia a imagem de um monge com a testa proeminente, bigode e uma barbinha rala (não muito diferente do próprio Wuzhun) montado em cima de uma mula.

Sobre a tela, ele escreveu em bela e fluída caligrafia:

"Quando a chuva escurece a montanha,
Começam a confundir mula com cavalo."



"Mestre do Chan cavalgando uma mula"
(南宋 佚名 騎驢圖 軸)
Wuzhun Shifan – China (1238)

Flores nos olhos de alguém

Disse o Buda:

Eu considero os reis na mesma posição dos grãos de poeira. Olho para os tesouros de ouro e gemas preciosas como se fossem tijolos e pedrinhas. Vejo a mais rica seda como trapos e as tantas galáxias do universo como sementinhas em alguma fruta. O maior lago da Índia não passa de uma gota no meu pé. Eu percebo nos ensinamentos dos sábios desse mundo as ilusões de um mágico. Penso nos mais altos conceitos de libertação como em panos dourados num sonho. Encontro nos julgamentos entre o certo e o errado a dança espiralante de um dragão e penso no surgimento e desaparecimento das crenças como em rastros deixados pelas estações.

O caminho sagrado da iluminação é como se flores brotassem nos olhos de alguém.

A meditação é como o pilar de uma montanha.

O paraíso é um sonho acordado.

Mazu Daoyi, ou Ma-tsu Tao-yi, ou...

Baso é geralmente tido como o primeiro mestre a utilizar o cajado para iluminar alguns alunos na paulada.

Sua aparência era incomum: diz-se que ele corria como um boi e que encarava como um tigre. Também se diz (parece importantíssimo notar que essa informação vem atravessando os séculos intacta) que ele conseguia cobrir o nariz com a língua.

Quando jovem, o Sexto Patriarca lhe disse:

"Por onde você passar, na sua jornada, manadas e manadas de cavalos vão surgir para pisotear as pessoas à Grande Morte."

Baso encaminhou 139 discípulos à Outra Margem – cada um deles vindo a se tornar um mestre espiritual num lugar diferente; incansavelmente ensinando o Caminho.

Em certa ocasião, um monge lhe perguntou:

"Qual é o sentido fundamental do budismo?"

Baso respondeu:

"Qual é o sentido desse instante?"

Respondendo em silêncio

Um monge disse a Yakusan:

"Mestre, eu venho tateando no escuro em busca de um sentido para a minha própria vida. Você poderia me revelar qual é significado do budismo, para que eu possa me iluminar?"

Yakusan manteve-se em silêncio – e essa era exatamente a resposta. Caso o monje estivesse preparado, ele teria sido capaz de compreender a resposta do mestre. No entanto, estava claro que o monge não compreendia, de forma que Yakusan sentiu-se obrigado a complementar:

"Não é difícil, para mim, dizer uma palavra sobre a questão à nossa frente. O ponto, no entanto, é entender o significado tão logo seja pronunciado, sem nenhum momento de deliberação. Quando isso acontece, podemos abordar a verdade. No entanto, há um atraso da sua parte. Você começa a racionalizar as coisas e a culpa finalmente será atribuída a mim. Assim, parece bem melhor manter a boca fechada, para que nós dois possamos escapar de novas complicações."

Rabiscando linhas no chão

Um monge traçou quatro linhas de tamanhos diferentes no chão e disse a Baso:

"Não se pode dizer que uma seja realmente maior do que a outra. Deixando as descrições, comprimentos e palavras de lado, como você descreveria o problema?"

Baso pegou a vara que o outro vinha usando e desenhou uma única linha no chão. Ele disse:

"Sem falar de maior ou menor, eu te respondi."

Quem é que se adapta ao quê?

Um monge perguntou a Baso:
"Como podemos nos adaptar ao Caminho?"
Baso respondeu:
"Eu nunca me adaptei ao Caminho."
O monge insistiu:
"Qual é o ensinamento fundamental do zen?"
Baso lhe bateu com o cajado e disse:
"Se eu não te batesse agora, eu teria me transformado em alvo de chacota por todo lado."

Sete do sete

Um monge perguntou a Joshu:

"Qual é a essência de todas as essências?"

Joshu respondeu:

"Algo idiota, do qual você não precisa. Essa tal 'essência das essências' que tem virado moda, e que você sugere aqui, seria como 'o sete do sete', ou 'o oito do oito'."

Mesmo que seja assim, alguns percebem e outros não

Um monge alto, que aparentava 70 anos, perguntou a Joshu:

"Qual é a essência de todas as essências?"

Joshu respondeu:

"Se tal coisa existisse, ela seria um monge alto, aparentando uns 70 anos."

Mais um?

Um monge perguntou a Joshu:

“Qual é a essência de todas as essências?”

Joshu perguntou:

“Há quanto tempo você vem se essenciando desse jeito?”

O monge disse muito sério:

“Desde jovem, eu tenho me preocupado com a questão da essência.”

Joshu concluiu:

“Que sorte desse monge idiota, ter me encontrado aqui e agora. Ele já estava quase a ponto de se essenciesgotar.”

Como escapar de um dilema

Um mestre caminhava pela floresta com seus alunos, quando apanhou do nada uma vara e perguntou a Ekido:

"O que é isto?"

Naturalmente, essa não era uma pergunta trivial. Era um teste. O aluno hesitou para oferecer uma resposta, de forma que o mestre lhe aplicou uma varada.

"O que é isto?" – repetiu o mestre, agora para Tanzan.

O rapaz disse, pronta e desembaraçadamente:

"Mestre, será que você poderia deixar-me examinar o objeto, para responder o que é?"

O mestre imediatamente jogou a vara para Tanzan, que, sem qualquer hesitação, desferiu uma varada no mestre.

"Dois Cavalos sob a Lua"
Utagawa Hiroshige - Japão (ca. 1830)

E se Lu apontar para a lua?

Um intelectual chegou ao Monte Sokei – residência de Huineng, o Sexto Patriarca (conhecido, antes disso, apenas como Lu, o mendigo andarilho) – com uma pilha de escrituras, e um volume ainda maior de dúvidas que pretendia sanar.

Huineng disse a ele:

"Me desculpe, mas eu não conseguiria ler isso. Por favor, leia você as escrituras em questão, em voz alta, que assim eu poderei tirar as suas dúvidas."

O intelectual estava chocado, por descobrir que o Sexto Patriarca do zen budismo era um analfabeto – quer dizer, um iletrado.

Lembre-se que o chinês é muito diferente do nosso alfabeto. Seguramente, Huineng conheceria símbolos simples e cotidianos, mas não tinha a menor condição de enfrentar os caracteres eruditos e complicados da profunda, refinada e enigmática filosofia budista esparramada sobre aqueles pergaminhos.

Para o intelectual, no entanto, "compreensão" limitava-se à erudição, de forma que ele perguntou:

"Como você poderia compreender as escrituras, se não consegue nem ler as palavras?"

O mestre respondeu:

"A verdade e as palavras são coisas muito diferentes. As palavras são como um dedo..."

Nesse ponto, Huineng apontou para a lua.

"Nós podemos apontar para a lua, usando o dedo, mas o dedo não é a lua. Descobrir a lua implica abandonar o dedo. As palavras são como um dedo, apontando em direção à verdade. Para colocar as coisas de uma forma simples, só podemos enxergar o dedo. A lua fica além do dedo."

A lua de outono

A lua aparece em todas as estações, é verdade,
Mas certamente ela é melhor no outono.
Na estação da colheita, as montanhas intimidam;
A água corre fria e cristalina.
Um espelho redondo flutua no infinito
E não há contrastes entre claro e escuro,
Pois que tudo brilha inundado pela mesma presença.

Deixando de lado tanto a luz quanto o objeto,
O que é aquilo?

Ah, o céu imensurável, que paira muito alto;
O vento de outono que sopra no rosto muito frio.
Apanho meu precioso cajado e circulo a barriga da montanha.
Sequer um grão de poeira do mundo em parte alguma.
Qualquer direção é solitária e serena;
Indo a parte alguma, eu paro imerso no brilho que derrama da lua;
Nessa mesma noite, quem mais olha para ela? A quem mais ela ilumina?

Outono depois de outono, olhando para a lua.
Seres humanos vão admirá-la pela eternidade.
Os sermões de Buda, no Pico do Abutre...
O Sexto Patriarca apontando para a lua...
Certamente aconteceram em noites como essa.

Eu entoo cânticos para a lua, ao longo da noite;
Enquanto os córregos se acalmam e o orvalho cai branco.

O poço de quem refletirá mais brilho?
Qual viajante irá banhar-se por mais tempo ao luar?
A casa de quem terá sorvido mais raios?

Você não consegue enxergar Baso, quando,
Admirando a lua com seus discípulos,
Reconheceu que Nansen, apenas, alcançara o Conhecimento Além da Forma?
Você não consegue escutar a famosa gargalhada de Yakusan,
Ressoando através das vilas, desde o pico solitário?

Essas histórias de tempos antigos levaram viajantes a observar
O crescer e o minguar da lua com mentes vazias.
Cheio de admiração pelos antigos, eu também encaro a lua;
Minha túnica ensopada pelo orvalho da madrugada.

Exame à luz da lua

Chizo, Hyakujo e Nansen estavam admirando a lua com seu mestre, Baso, quando este lhes desafiou:

"Esse instante, o que é?"

Chizo disse:

"Raiz perfeita."

Hyakujo disse:

"Prática perfeita."

Nansen balançou as mangas da própria túnica e foi embora.

Baso exclamou:

"Um novo sutra entra no cânon budista."

Gargalhando ao encontrar a lua

Yakusan chegava ao pico de uma montanha, à noite, justamente quando as nuvens se abriam para, de repente, revelar a lua (que provavelmente vinha lhe sendo negada, durante a escalada). Isso fez com que o monge explodisse numa gargalhada tremenda.

Reza a lenda que o som de suas risadas era tão alto que teria sido ouvido em vilas a vários quilômetros de distância.

Um poeta, contemporâneo de Yakusan, fez referência à ocasião com os versos:

Diretamente sob o céu, num pico solitário.
As nuvens se partiram: a lua!
Risadas brotaram do coração inteiro.

Tesouro natural

No topo da Montanha Fria,
Circular e solitária brilha a lua;
Iluminando a imensidão do céu
Em que nenhuma nuvem flutua.
Honre esse tesouro natural,
Escondido em cinco sombras;
Enterrado profundamente na carne.

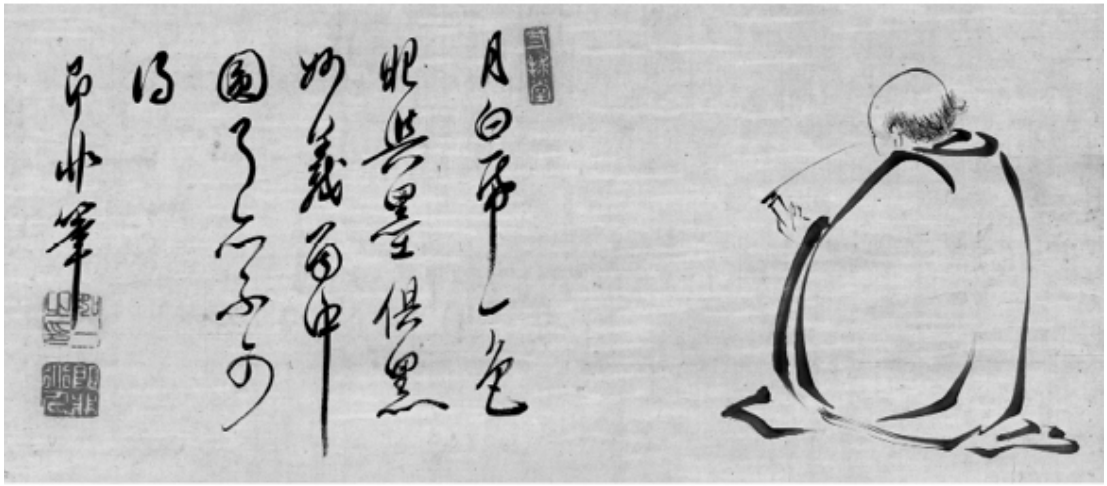
Não-dois

A iluminação não existe separada de você,
Assim como a lua não divide a água que a reflete.
Você não poderia tolher a iluminação,
Assim como a água não poderia empurrar a lua no céu.

Ainda assim,
No nível da água,
Está a altura da lua.

Lendo um sutra à luz da lua

A lua e o papel têm a mesma cor.
A pupila do olho e a tinta são pretas.
O conhecimento perfeito, alojado no círculo,
Está além do entendimento.



"LENDO UM SUTRA À LUZ DA LUA"
(即非如一筆　墨蹟)
SOKUHI NYOITSU - JAPÃO (SÉCULO XVII)

Como um elefante na floresta

Que alegria observar a pessoa iluminada
E desfrutar a companhia de gente sábia!

Vá! Siga os iluminados,
Os sábios, os despertos, os amáveis...
Eles sabem como trabalhar e como suportar.

Caso você não encontre
Amigos ou um mestre para te acompanhar,
Então siga viagem sozinho –
Como um rei que abre mão do próprio reino;
Como um elefante na floresta.

Se alguém conseguir encontrar
Uma companhia sábia e virtuosa,
Deixe-o acompanhá-la alegremente;
Superando os perigos da estrada.
Siga-os,
Como a lua segue o caminho das estrelas.

Sete dias de silêncio

Antes que o zen budismo se espalhasse pelo Japão, já havia monges praticando algum tipo de meditação.

Quatro desses monges eram muito amigos e sempre estudavam juntos. Em certa ocasião, eles se comprometeram a ficar sete dias em silêncio.

Acordaram, meditaram, jejuaram e assim atravessaram o dia, sem que nenhum deles falasse nada.

Ao chegar da noite, sem que ninguém precisasse usar palavras, um deles instalou uma vela no centro da sala e, em torno dessa vela, eles voltaram a meditar em silêncio.

Tudo parecia controlado, até que um vento mais forte ameaçou a luz de que dispunham. Um dos monges se afobou e disse:

"A vela vai apagar!"

Surpreso pela atitude do amigo, um segundo monge disse:

"É só uma vela! Você quebrou seu voto de silêncio!"

"Vocês dois são tapados? Por que estão falando?" – irritou-se um terceiro.

"Eu fui o único que não falou nada!" – gabou-se o quarto monge.

Dogen chegando à China

Um japonês chamado Eisai viajou à China para estudar o autêntico Chan. Diz-se que ele também importou consigo, dessa viagem, a tradição do chá. Ele carregava as sementes do chá-verde e as sementes do Zen – porque é justamente a sua escola que seria reconhecida, mais tarde, como a primeira escola original e independente de zen budismo no Japão.

Copiando a iniciativa do mestre, um dos discípulos de Eisai, Myozen, também viajaria à China, levando consigo alguns de seus mais promissores alunos – entre eles, Dogen.

Myozen não sobreviveria à viagem, morrendo de uma trágica enfermidade, três anos depois de chegar à China.

Dogen, por outro lado, retornaria ao Japão para transformar-se numa das figuras mais importantes da literatura zen budista. Ele é o escritor preferido de vários mestres e estudantes ao longo das eras; mesmo ainda hoje em dia.

Nesta história, por outro lado, Dogen ainda era um jovem estudante, chegando à China sob a tutela de Myozen, em 1223.

Depois de meses enfrentando o mar, quando finalmente chegaram ao porto, na região de Chekiang – onde ficavam os centros budistas mais famosos – o mestre foi imediatamente aceito no mosteiro, mas os discípulos tiveram que esperar por mais um mês, vivendo dentro do barco.

Certo dia, o chefe dos cozinheiros do mosteiro veio ao porto para comprar algas e Dogen aproveitou a oportunidade para descobrir um pouco sobre o lugar onde pretendia viver.

Depois de puxar conversa e de estabelecer alguma espécie de amizade, Dogen perguntou ao chefe cozinheiro:

"Admirável colega, por que você não se concentra na prática do zazen (meditação sentada) e na interpretação das palavras deixadas pelos mestres da antiguidade, ao invés de se sobrecarregar com a posição de chefe dos cozinheiros, trabalhando o dia inteiro?"

O outro monge parecia ter se divertido imensamente com

aquela pergunta. Ele riu até tossir e, quando conseguiu se controlar, respondeu:

"Querido amigo de um país longínquo, você ainda não compreendeu a prática, ou o significado das palavras dos mestres da antiguidade."

Dogen não soube como responder.

Círculo perfeito

Um garoto brincava na praia, quando viu que um velho rabiscava a areia com um pedaço de pau. Curiosa, a criança se aproximou e viu que o velho acabava de desenhar um círculo perfeito. O pequeno disse:

"Ei, vovô, como foi que você conseguiu desenhar um círculo tão perfeito?"

O velho respondeu:

"Eu não sei... Eu apenas tentei e continuei tentando. Aqui, tente você..."

O velho entregou o pedaço de pau ao garoto e foi embora.

A criança tentou desenhar um círculo, mas desenhou um ovo.

Tentou de novo e, mais uma vez, desenhou errado.

Ele continuou tentando e tentando, até que finalmente, numa manhã de sol, ele conseguiu desenhar um círculo perfeito.

Enquanto admirava sua obra, satisfeito, ele ouviu alguém dizendo às suas costas:

"Ei, vovô, como foi que você conseguiu desenhar um círculo tão perfeito?"

Escapar?

Um monge perguntou a um mestre:

“Como podemos escapar dos Três Mundos do desejo, da forma e do vazio?”

O mestre respondeu:

“Escapar pra quê?”

A mente é Buda

Um monge perguntou a Baso:
“O que significa Buda?”
O mestre respondeu:
“A mente, da forma que ela existe, é Buda.”

Buda não existe

Um monge perguntou a Baso:
“O que significa Buda?”
Baso respondeu:
“A mente não existe. Buda não existe.”

Agora sim

Joshu perguntou a Nansen:

"Eu ouvi alguns monges dizendo que 'a mente não é Buda e sabedoria não é o Caminho'. Existe algum erro nisso?"

Nansem confirmou:

"Sim, há um problema aí."

"Por favor, mestre, você poderia corrigir essa frase?"

Nansen concedeu:

"A mente não é Buda e sabedoria não é o Caminho."

O túnel de Zenkai

Na sua juventude, Zenkai se envolveu num romance com a esposa de seu patrão. Os dois acabaram matando o marido traído e fugindo na calada da noite. Viveram como ladrões, até que Zenkai não suportou mais a angústia que sentia e foi perambular sozinho, como um mendigo, tentando se redimir pelos crimes do passado. Ele queria dedicar a própria vida à realização de alguma boa ação.

Mendigando de uma cidade a outra, ouviu relatos preocupantes sobre uma estrada perigosa que passava por cima de uma pedra muito alta, onde os viajantes estavam sempre se ferindo e, em muitos casos, morrendo. Investigando o local, Zenkai decidiu que muito sofrimento seria poupado pela construção de um túnel que atravessasse a pedra. Satisfeito por encontrar o que buscava, ele se encarregou daquela empreitada.

O ex-samurai mendigava durante o dia e trabalhava no túnel durante a noite.

Quase trinta anos se passaram assim, e o túnel já estava quase terminado. Foi quando um samurai de meia idade apareceu, procurando pelo velho Zenkai:

"Você e minha mãe mataram o meu pai. Eu tenho procurado você por muitos anos e agora eu vou te matar."

Zenkai respondeu:

"O que você disse é verdade e você pode levar a minha cabeça, mas por favor espere até que eu termine de cavar esse túnel. Essa passagem vai beneficiar a vida de muitas pessoas. Assim que o túnel estiver pronto, você pode me matar."

O samurai concordou com a proposta e observou silenciosamente o trabalho por alguns meses. Entediado, ele cansou de esperar ociosamente e passou a ajudar Zenkai no trabalho. Cavaram juntos por quase um ano e, finalmente, o túnel estava pronto.

Zenkai largou sua ferramenta no chão e disse:

"Pronto, você já pode cortar a minha cabeça."

O samurai se ajoelhou respeitosamente no chão e disse:
“Como é que eu poderia arrancar a cabeça do meu mestre?”

Motim contra o mestre Bankei

O templo do mestre Bankei atraía discípulos de todas as partes. Em certa ocasião, um dos tantos jovens que se acumulavam por lá foi acusado de roubar algo de um outro estudante.

O assunto foi levado ao conhecimento de Bankei, mas ele simplesmente ignorou a questão.

Alguns dias mais tarde, o mesmo aluno voltou a se envolver numa acusação de roubo. Mais uma vez, o mestre Bankei não tomou qualquer atitude, nem administrou qualquer tipo de punição.

Isso enfureceu os alunos, que se organizaram em algazarra para exigir que Bankei punisse o ladrão. Eles ameaçavam abandonar o templo em massa, caso o problema não fosse endereçado.

Bankei ouviu pacientemente às suas reclamações e disse imperturbável:

"Queridos amigos, vocês todos são realmente muito sábios. Todos vocês compreendem perfeitamente a diferença entre o certo e o errado. Vocês podem ir embora imediatamente e continuar estudando em qualquer outro lugar. Esse pobre colega que vocês acusam de furto, por outro lado, não é capaz de reconhecer a diferença entre o certo e o errado. Se eu não acolher esse tipo de aluno, para ensiná-lo, quem acolherá? Assim, eu já me decidi a mantê-lo aqui, sob minha tutela, mesmo que todos vocês decidam partir."

O privilégio de Bankei

O cozinheiro do templo decidiu que o mestre Bankei merecia uma comida melhor e preparou uma iguaria especialmente para ele.

Notando que seu prato não era igual ao dos outros, o mestre ralhou:

"Se você acha que eu preciso comer melhor do que os outros, então você deve pensar que eu não mereço comer é nada."

Bankei trancou-se no próprio quarto e se recusou a comer por sete dias. Durante todo esse tempo, o cozinheiro implorava que o mestre encerrasse a greve de fome. Ele finalmente disse:

"Talvez você esteja se sentindo muito bem, mestre, mas eu ainda sou jovem e não posso ficar sem comer para sempre."

Bankei abriu a porta e disse, sorrindo:

"Eu quero comer o que o mais humilde entre os meus discípulos estiver comendo. Quero que se lembre disso, para quando o professor for você."

Sobre Bankei

Durante o velório do mestre Bankei, um grande número de leigos se reuniu aos monges para se despedir do mestre. Entre eles, havia um velho mendigo cego, que vivia perto do templo e confidenciou aos presentes:

"Eu não posso ver o rosto das pessoas, então tudo que tenho delas, para formar a minha opinião, é o som de suas vozes. Assim, é apenas natural que a minha atenção encontre sutis detalhes onde a maioria das pessoas enxerga apenas uniformidade.

"Muitas vezes, quando ouço alguém parabenizando o sucesso de um amigo, por exemplo, eu consigo ouvir notas de inveja por trás dos elogios. Quando alguém se compadece pelo infortúnio de um vizinho, muitas vezes é possível ouvir um tom de regozijo por trás das palavras de conforto.

"O mestre Bankei foi a pessoa mais honesta que eu já escutei. Quando ele falava de alegria, tudo que eu ouvia era alegria. Quando ele falava de tristeza, tudo que eu ouvia era tristeza."

Pedras no rio

Um casal zen budista que vivia isolado nas montanhas recebeu a visita de um mestre da capital, pertencente a uma das maiores seitas budistas por lá. O monge era altivo e elegante, enquanto o casal de zen budistas se assemelhava mais a um par de pobres fazendeiros.

Apesar disso, eles fizeram amizade rapidamente e conversaram sobre vários assuntos. Depois de caminhar alegremente ao largo de um rio, eles sentaram à sua margem para meditar.

Passados alguns minutos, o marido disse:

"Vou pegar tapetes para nós!"

E saiu correndo, por cima da água, até sua cabana que ficava por perto.

Quando ele voltou, a esposa disse:

"Vou buscar almofadas de palha!"

E saiu correndo, por cima do rio, até a cabana.

O monge da capital imaginou que aquilo era um desafio zen budista contra os "poderes sobrenaturais" de sua própria seita. Ele disse:

"Então vocês acreditam que o zen é mais poderoso do que a minha seita? Se algo nesse mundo é possível, eu tenho fé no Buda Amitaba que eu também poderei fazer! Apenas observem!"

E saiu pisando por cima do rio, para afundar logo em seguida.

Apesar das roupas molhadas e com um pouco de lama, ele não perdeu sua pose, sua elegância, ou sua determinação. Tentou mais uma vez e afundou na água. Outra vez...

A esposa perguntou ao marido:

"A gente devia mostrar onde ficam as pedras?"

Duelo dármico

Se as discussões entre as seitas mais analíticas e especulativas do budismo podem ser comparadas a complexas mandalas, ou a longas valsas, as discussões dentro do zen budismo são curtas e assassinas, como duelos de espada.

O termo que se estabeleceu para referir-se às consultas que os monges zen budistas buscavam com outros monges, inclusive, é exatamente "duelo de darma".

Enquanto a palavra "duelo" é muito fácil de entender, a palavra "darma" é tão complicada que geralmente ninguém sequer a traduz.

Eu vou te ensinar uma trapaça – toda vez que você esbarrar na palavra "darma", troque por "conhecimento" e deve funcionar.

Para que o truque não exploda na sua cara, no entanto, é preciso afinar com cuidado a palavra "conhecimento".

Em primeiro lugar, você percebe a diferença entre dados e informações?

Dados são símbolos isolados e neutros, enquanto informações são dados organizados para criar relações mais significativas do que apenas dados.

Na teoria geral do pensamento ocidental, o conhecimento seria o que vem logo acima da informação, num suposto nível mais alto de abstração.

No contexto do budismo, por outro lado, o conhecimento é algo separado da informação e dos dados.

Dado é ler que a temperatura do fogo na trempe do fogão ultrapassa 300 °C (temperatura limite do meu termômetro).

Informação é ouvir que o fogo na trempe do fogão pode te queimar, causando dor e dano.

Conhecimento é quando você queima a primeira vez e realmente conhece o que é queimar-se.

Ou seja, para o budismo, não há nenhuma quantidade ou organização de dados e informações que possa transformar-se em conhecimento.

Conhecimento é o que você experimenta e descobre diretamente – além das palavras, opiniões e convenções linguísticas.

Não há uma quantidade ou configuração possível de palavras que pudessem realmente transmitir, a quem nunca se queimou, o que "queimar-se" quer dizer.

Esse é o tipo de "conhecimento" que pode substituir a palavra "darma" – algo que ninguém poderia transmitir de verdade com uma explicação (ainda que explicações sejam úteis, e muitas vezes necessárias, para chegar àquele conhecimento).

Além disso, quando falamos sobre darma, é claro que também estamos falando sobre o conhecimento relacionado à iluminação – aos princípios fundamentais do budismo.

Esse conhecimento não tem forma, nem matéria-prima, e pode transparecer (sem ser contido) em tudo que tem forma e matéria-prima.

Acompanhe esse antigo duelo dármico entre duas crianças, refletindo o conhecimento de suas respectivas escolas.

Os dois jovens viviam em mosteiros vizinhos e às vezes se cruzavam pelas trilhas na montanha. Talvez influenciado pelo espírito combativo do budismo naqueles tempos – talvez porque a garota do outro mosteiro fosse bonita – o rapaz um dia lhe desafiou:

"Onde é que você vai?"

A garota sorriu e respondeu:

"Onde quer que as minhas pernas me levem..."

O garoto não soube como responder, colocou o rabinho entre as pernas e saiu correndo para compartilhar a experiência com o mestre, que lhe sugeriu:

"Da próxima vez que você encontrar essa garota, repita a mesma pergunta. Quando ela disser 'onde quer que as minhas pernas me levem', pergunte a ela como seria caso as pernas dela sumissem."

A aluno ficou muito eufórico pela sugestão do mestre. Passou mesmo a caminhar mais tempo e ir mais longe, esperando ocasião de confrontar a sua "rival". Quando a oportunidade finalmente

surgiu, ele disse arrogante:

“Aonde você vai?”

A garota sorriu e respondeu:

“Aonde quer que o vento me carregue...”

Derrotado, o garoto voltou a consultar-se com o mestre, que lhe disse:

“Mas não era bastante óbvio? Da próxima vez, pergunte o que ela faria se o vento não soprasse!”

O garoto deu um tapa no próprio joelho e reconheceu a sabedoria adaptativa do mestre.

Alguns dias mais tarde, ele encontrou a garota perambulando pelo mercado da vila e perguntou com ares triunfantes:

“Aonde você está indo? Já sei! Você está indo onde o vento te leva, mas e se...”

A garota o interrompeu:

“Não, hoje eu vim aqui para comprar legumes.”

A estrada para Sekito

Yinfeng estava saindo do mosteiro de Baso, quando o mestre lhe perguntou:

"Aonde você vai?"

"Eu vou visitar o templo desse tal Sekito..."

O mestre advertiu:

"A estrada para Sekito é escorregadia."

Yinfeng desdenhou:

"Estou com o meu cajado. Mesmo que eu encontre algum trecho escorregadio, estarei preparado."

Chegando a seu destino, Yinfeng circulou a cadeira do mestre Sekito três vezes, bateu seu cajado no chão e perguntou:

"Qual é a doutrina fundamental?"

Sekito respondeu:

"Céu azul! Céu azul!"

Yinfeng não soube o que responder e foi embora em silêncio. Oportunamente, comentou o episódio com Baso, que sugeriu:

"Volte lá e pergunte a mesma coisa de novo. Depois que ele responder 'céu azul, céu azul', imite o barulho de um trovão duas vezes."

Yinfeng voltou até o templo de Sekito e perguntou de novo:

"Qual é a doutrina fundamental?"

Sekito imitou o barulho de um trovão duas vezes.

Derrotado, Yinfeng voltou mais uma vez em silêncio e contou o caso para Baso, que comentou:

"Eu te disse que a estrada para Sekito era escorregadia."

Existe apenas isso

Gosetsu chegou ao templo de Sekito e disse ao mestre:

"Se você me disser algo onde não há dualismo, eu vou ficar e estudar com você. Por outro lado, se você não conseguir, eu vou embora."

Sekito o ignorou completamente.

Gosetsu balançou as mangas de sua túnica e deu as costas.

Quando ele chegava ao portão do templo, Sekito gritou:

"Professor!"

Gosetsu olhou para trás e Sekito concluiu:

"Desde o nascimento, até a morte, existe apenas isso. Por que você deu as costas?"

Gosetsu iluminou-se.

Comentário:

Gosetsu visita o grande mestre Sekito, mas chega acompanhado de certa atitude – a sua mente de aprendiz ainda não foi aberta.

Caridosamente, Sekito o ignora.

Infelizmente, Gosetsu não está preparado para reconhecer sabedoria. Balançando as mangas de sua túnica, desdenhosamente, ele dá as costas.

Sekito deixa que ele vá até o portão e então grita "Professor!".

Ao ser chamado, Gosetsu precisa olhar para trás.

"Desde o nascimento, até a morte, existe apenas isso" elimina o dualismo.

Ainda que Gosetsu pressinta alguma coisa, ele não se iluminou. Sekito ataca imediatamente, sem oferecer tempo ao monge para retornar aos próprios pés.

"Por que você deu as costas?" paga o resto da conta.

Mas eu te pergunto: qual era a intenção de Sekito, ao ignorar Gosetsu?

Qual o sentido de Gosetsu olhar para trás, ao ser chamado?

O que significa “desde o nascimento até a morte, existe apenas isso”?

Verso:

Entre as dez mil formas, uma única verdade.
Apenas quando vista por conta própria ela é real.
O caminho da escola zen é o silêncio e não a tagarelice.
Infinita falação inteligente pode apenas descrever.

Matemática Zen

Joshu perguntou a um monge:

"Onde você esteve?"

O monge respondeu:

"Eu fui até o templo do mestre Ungo."

Joshu aproveitou para se informar:

"E qual é o ensinamento dele?"

"Enquanto eu estava lá, um monge lhe perguntou o seguinte: 'O que acontece quando o antílope encaixa os chifres num arbusto, à noite?' Ungo respondeu: 'Um vezes um é igual a um.'"

Joshu aprovou:

"Vejo que o irmão Ungo segue próspero e saudável."

O monge também aproveitou a oportunidade:

"E você mestre, o que diria sobre o antílope encaixando os chifres num arbusto, à noite?"

Joshu respondeu:

"Não tenho nada a acrescentar. Dois dividido por dois é igual a um."

Ir e vir?

Eu assisti a um documentário sobre mosteiros no Japão, uma vez, e quando o jornalista perguntou a uma monja por que ela tinha ido morar ali, sujeitando-se a uma vida praticamente medieval, no meio da cidade grande, ela respondeu:

"Porque eu queria viver intensamente."

Através dessa resposta dela, a minha compreensão aumentou.

E era justamente vivendo assim, intensamente, que o mestre do Monte Kuei desfrutava mais um dia rotineiro quando recebeu a visita de uma amiga.

Tenham sempre em mente a irrealidade das palavras.

Quem chegava era Liu Tiemo – certamente, uma amiga.

Uma visita amigável?

Pouco provável.

Lenda zen budista, Liu Tiemo nasceu camponesa e, ainda muito jovem, descobriu o zen. Depois de sua iluminação, ela se transformaria rapidamente numa das figuras mais temidas na história da seita.

Famosa por seu temperamento intratável, Liu era tão forte, agressiva e invencível nos duelos de darma, que recebeu o carinhoso apelido de "Moinho de Ferro" – tentando dar conta de ilustrar a forma como suas respostas se assemelhavam a grandes dentes de ferro destroçando tudo.

Hsueh Tou escreveu a respeito dela:

"As respostas da monja Liu 'Moinho de Ferro' eram como faíscas de colisão; como um relâmpago. Bastava que você hesitasse por um instante e ela desapareceria com o seu corpo e com a sua vida. Depois de estudar por muitos anos, ela era como uma espada muito afiada, balançando fora da bainha."

Infelizmente, apenas duas narrativas envolvendo diretamente essa monja sobreviveram aos séculos – e eu só gosto desta. A outra história parece registrada por algum rancoroso, descrevendo um evento em que ela teria se dado mal – onde sequer encontramos qualquer ensinamento que valha a pena

compartilhar, mas apenas o julgamento de alguém, que deveríamos aceitar por mera confiança (e talvez, também, um pouquinho de rancor).

Aqui, para evitar injustiça, é preciso ainda esclarecer que os mestres de antigamente (avessos à linguagem melosa dos clérigos e artistas "marketeiros", que viviam à periferia da corte – ansiosos mesmo para se afastarem da hipocrisia "respeitável") tinham o afetuoso costume de apelidar uns aos outros ofensivamente, como em "saco de arroz", "trapo sujo" e assim por diante...

Com isso em mente, tente compreender o que o velho mestre do Monte Kuei queria dizer, quando recebeu a visita da Moinho de Ferro, cumprimentando-a de forma amigável e provocando um debate ao mesmo tempo:

"Ah, sua vaca velha! Então você veio?"

Liu, impassível, respondeu:

"Amanhã vai ter um grande banquete comunitário no Monte Tai. Você vai, professor?"

É preciso explicar que o Monte Tai fica mil quilômetros distante do Monte Kuei, onde eles conversavam.

Kuei Shan relaxou o próprio corpo e deitou-se no chão.

Satisfeita, Liu Tiemo foi embora.

Comentário do mestre que anotou o caso:

Ainda bem que o velho Kuei Shan tinha um truque escondido na manga, ou teria provado o moinho de ferro.

Por você mesmo

Havia um monge, num determinado templo, que acordava mais cedo que os outros monges e começava a limpar tudo sozinho.

"Eu sou o único que acorda na hora certa!" ele repetia para si mesmo, enquanto varria o pátio.

"Como eu odeio cada um daqueles preguiçosos!" ele remoía, enquanto tirava a poeira de uma estátua.

Secretamente, ele desejava que o mestre flagrasse a negligência dos demais e o seu próprio heroísmo, trabalhando sozinho na escuridão – mas o mestre nunca veio, porque ele mesmo estava na cama.

Eventualmente, o monge levou o assunto diretamente ao mestre, que lhe perguntou:

"Para quem você limpa o mosteiro?"

O aluno tomou um choque ao ouvir essa pergunta e ficou paralisado. O próprio mestre respondeu:

"Para você mesmo. Quando você fizer alguma coisa, faça por você mesmo e não por causa dos outros."

Fedendo

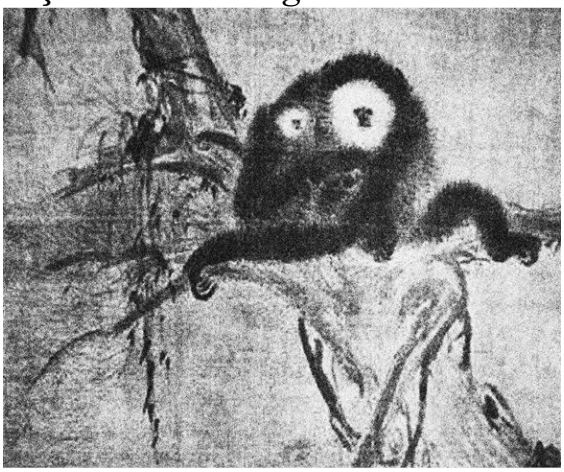
A caminho do mosteiro, um monge pisou em excrementos na estrada – mas não percebeu.

Ao longo de todo o dia, esse monge reclamou que as pessoas à sua volta estavam fedendo.

Mokkei-zaru Zenga

"Zenga", literalmente "desenho zen", é o nome do estilo de pintura que se desenvolveu atrelado ao zen budismo.

"Mokkei-zaru", literalmente "Macaco à la Mokkei", é a expressão que surgiu para descrever uma corrente estética específica dentro do universo da Zenga – influenciada por um pintor chinês (Muqi), que os japoneses chamavam de Mokkei – particularmente referindo-se à forma de desenhar macacos, geralmente com braços muito longos.



DETALHE DE "GUANYIN, GARÇA E MACACOS"
MUQI FACHANG - CHINA (SÉCULO XIII)

Representações com esse tipo de macaco, tentando apanhar o reflexo da lua sobre a água, são muito frequentes na arte zen budista.

Por quê?

A resposta curta é: por causa de uma parábola contada pelo Buda.

Para uma resposta longa, será preciso que eu me suje um pouco de lama, abordando temas prementes da nossa sociedade, que são tão menos discutidos quanto mais aceitamos acriticamente os modelos que nos são propostos – não só para explicar os fenômenos observados, mas, acima de tudo, para os

delimitar e definir.

Se um livro sobre zen budismo (que é o Elo Perdido entre a falação-interminável e a falação-zero) retroceder frente à empreitada, quem poderá realizá-la?

Para começar, fica mais fácil ilustrar questões da mente quando falamos sobre alguma parte mais popular, atualmente, de nós mesmos – como, por exemplo, os nossos músculos.

Todos já sabemos que, para desenvolver bons músculos, não adianta só puxar, empurrar e forçar.

Também é preciso descansar e alongar. De forma contrária, transformaremos nossos músculos numa aberração de rigidez e câimbras, incapazes de realizar as tarefas que nos motivaram a treiná-los em primeiro lugar.

Quem treina os próprios músculos obsessivamente, sem descansar nem alongar, pode mesmo se apaixonar pela deformidade consequente, mas a verdade é que estaria melhor quem não tivesse treinado.

Por que isso é relevante? Porque mesmo em sua forma mais básica e desengajada, o zen budismo é o descanso e o alongamento da mente – a atividade (ou ausência de atividade) mental que pode balancear e enriquecer todo o esforço de puxar, agarrar e construir; empreendido através das nossas contrações intelectuais conscientes e programadas.

O estado de "simplesmente estar" que desenvolvemos com a meditação (uma experiência livre de pensamentos, que acompanha o fluxo do mundo ininterruptamente; sem agarrar-se a nada, nem bater-se contra nada) funciona ao mesmo tempo como descanso para o nosso maquinário de representação simbólica, e também como um alongamento da nossa consciência em direção ao contato direto (sem o intermédio do intelecto) com o mundo e com nosso próprio coração.

Sem a familiaridade com essa experiência não-linguística, tendemos a desenvolver certa rigidez de alienação; própria de

quem vive numa confusão inconsciente entre as sombras dos objetos e os objetos em si mesmos.

Já conhecemos uma alegoria pertinente e muito ilustrativa sobre esse tipo de alienação (a confusão entre as aparências e a realidade): o Mito da Caverna, de Platão – onde os habitantes de uma caverna confundem as sombras na parede com os objetos de verdade, até que o filósofo abandona o calabouço para descobrir o "sol" da "realidade", "lá fora".

No entanto, enquanto o pensamento ocidental desenvolveu-se obcecado com a capacidade de construção simbólica do ser humano – imaginando que a realidade estava "mais fundo no pensamento", para eventualmente afirmar que "só é real aquilo que pode ser rigorosamente reconstruído no universo do pensamento", o budismo evita esse buraco da alma ao reconhecer a irrealidade fundamental da própria linguagem.

Há outra parte que conhecemos bem em nós mesmos e que ajuda a ilustrar essa questão: os nossos olhos.

Não apenas os nossos olhos, mas também a incrível máquina que invetamos numa tentativa de reproduzir suas funções: a câmera fotográfica, que todos hoje conhecemos bem.

Nesse conhecimento que temos sobre câmeras, está implícito um conhecimento sobre os olhos.

A luz atravessa a lente e cria uma imagem no filme, ou na mente.

O que enxergamos não é a realidade em si mesma, assim como uma fotografia não é a realidade em si mesma. São recriações pictóricas. Ilusões. Apenas imagens.

Assim como a imagem se forma no interior da câmera, a nossa visão é um universo interno de formas e cores – não muito diferente da linguagem, que é um universo interno de símbolos.

Não são as coisas, em si mesmas, que algo em nós agarra lá fora, ou no Mundo das Ideias. São recriações produzidas no interior de nós, como fotografias muito íntimas – um cineminha privado, ou biblioteca íntima.

Por sua própria natureza, essas recriações são

necessariamente diferentes do mundo em si mesmo.

A nossa audição também cria um universo interno, cego, povoado por barulhos – mas ninguém vai confundir o barulho de um carro com o carro em si mesmo, ou a imagem de um carro com um carro em si mesmo.

Feche os olhos e recrie na sua mente o barulho de um carro acelerando, ou o rosto de alguém que você ama.

Essa é a realidade?

Quando chegamos ao universo interno das representações simbólicas, no entanto, parece que a história nos levou a confundir a ideia de um carro com um carro em si mesmo.

Não apenas isso; a nossa filosofia escolheu mesmo desprezar o carro em si mesmo, para sugerir que "realidade" é apenas a ideia que se pode ter de um carro.

Séculos de dor de cabeça e complicações infinitas floresceram dessa identificação infantil entre identidade, realidade e linguagem. Felizmente, já podemos estabelecer ao menos os limites da ciência e da filosofia, que são os limites da linguagem.

Se eu digo "um pedaço de pau," isso dá forma a um fantasma simbólico na mente humana.

Se eu digo "um pedaço de pau com as medidas X, Y e Z, pesando tantos K etc.," isso apenas pormenoriza o fantasma – não poderia invertê-lo à categoria de "realidade", muito menos serve de critério para determinar o que é real – determina apenas a parte da realidade que podemos manipular com imensa vantagem, depois de convertê-la em linguagem rigorosa e publicamente acessível.

Os símbolos são tão diferentes da realidade, que eles são estáticos e independentes. Na realidade, nada permanece e tudo incessantemente se transforma; mas os conceitos estabelecidos de quilo e de quilômetro são entidades congeladas. Na fotografia de uma árvore, as folhas não balançam, nem caem.

O conceito de uma flor, no Mundo das Ideias, é algo em si mesmo; uma entidade separada e independente. Na realidade,

por outro lado, a flor só existe junto à terra, ao vento, à água, às abelhas, ao brilho de uma estrela convenientemente posicionada... Enfim, a flor só existe realmente como parte de tudo mais que a cerca – de tudo mais que existe. "Sua única realidade seria encontrada em sua união cósmica."

Assim, descobrimos que o "brilho do sol" revelado pelo filósofo, no Mito da Caverna, na verdade era o brilho do magma vulcânico, ainda mais fundo na terra do que as referidas cavernas. Talvez o brilho fosse mesmo o de uma televisão.

Entre os clássicos da literatura budista, há uma parábola contada pelo Buda que parece até a versão em negativo do Mito da Caverna.

O tema é idêntico – uma crítica àqueles que confundem o aparente e o real.

No entanto, em vez do sol, é a lua.

Dentro de seu contexto, o Mito da Caverna sugere que a realidade se encontra no Mundo das Ideias.

A parábola do Buda, no sentido oposto, é contextualizada pela sugestão de que o Mundo das Ideias é a própria ilusão que os tolos confundem com a realidade.

Quem está certo?

Eu, pessoalmente (irresponsável, leviana e sorridentemente), gostaria de sugerir uma análise de dupla via:

Se você prefere adotar a sugestão de Buda, mergulhe no agora. Desapegue-se da linguagem e descubra por conta própria onde fica a verdade do universo.

Se você não está disposto a dar esse pulo e se permanece restrito ao método técnico-científico – intelectual e simbólico, baseado em medições – reconheça que os budistas têm afirmado encontrar pessoalmente a realização e que eles vêm falando sobre ela do mesmo jeito, há quase dois mil e quinhentos anos.

Já os filósofos e cientistas, há vários séculos têm discutido

insatisfeitos. Cada um aponta para um lado diferente, enquanto produzem canos de escapamento, telefones programados para estragar quando acaba a garantia, biscoitos com gordura trans e bombas atômicas.

Boa sorte, tentando relativizar uma coisa dessas.

Claro que os benefícios da tecnologia também são óbvios – eu não tenho intenção nenhuma de desprezar a verdade – mas a questão é que obviamente a ciência, a tecnologia e a filosofia moderna não estão "desvendando a Realidade Última", nem o coração do ser humano, ou coisa parecida...

Estão brincando com uma espada – uma ferramenta, artificial, que naturalmente obedece aos interesses (geralmente mesquinhos) de quem a empunha. É só isso.

Às vezes, essa espada nos ajuda numa tarefa complicada, que não poderíamos empreender com as mãos, ou com os dentes.

Às vezes, essa espada nos protege.

Às vezes, ela nos encanta.

Geralmente, a espada nos machuca, oprime e insatisfaz.

Em outras palavras, a linguagem (a nossa capacidade de recriar as coisas num mundo simbólico interno, fantasmático, onde podemos manipular os "corpos" de forma rigorosa, controlada e comunitária), quando é usada como religião e chão e teto, descortina possibilidades tremendas – mas essa prática se converte numa doença, quando não é temperada pelo conhecimento que sabe também desapegar-se da linguagem, para ler e usar as palavras apenas como palavras, transcendendo a identificação ilusória e patológica entre pensamento, self e realidade.

Da citação orgulhosa de Heidegger – "apenas o que pode ser medido é real" – partem várias complicações e teorias e máquinas mirabolantes, em meio às quais é fácil perder-se; mas e quanto ao que é mais importante?

O que é o ser humano?

O que nos faz bem?

Como lidar com o sofrimento?

O que a ciência, a filosofia e a tecnologia – mergulhadas no Mundo das Ideias – têm a oferecer como resposta?

Discussão infinita e blá blá blá vazio.

A resposta do zen budismo, por outro lado, é unívoca e muito clara: você já é Buda, ou seja, a sua própria natureza é o paraíso.

Essa natureza funciona como um espelho refletindo um espelho – como uma teia de aranha onde infinitas gotículas de orvalho refletem umas às outras; como uma poça de água onde surgem imagens sem substância real; ilusões.

É apegado a essas ilusões criadas na mente, pelos estímulos recebidos dos sentidos, que uma pessoa qualquer sente medo e se atormenta. É como uma bolha de sabão que, por um instante, nos parecesse uma pedra vindo em nossa direção. É como uma poça de água que sente medo e se aflige por ter que refletir algum fenômeno desagradável.

Quando reconhecemos a nossa própria natureza pelo que ela realmente é (e com isso, é claro, também a natureza desse mundo do qual fazemos parte), nós descobrimos, ou antes, experimentamos que tudo é puro e perfeito desde o princípio – que o bem e o mal; a dor e o prazer são como bolhas na superfície de um rio que flui.

Ainda que possamos expressar a resposta do zen budismo com palavras, está claro que a compreensão linguística (a "realidade" dos filósofos) não é a resposta real. Em outras palavras, a parte do zen budismo que pode ser compreendida não é o zen budismo.

A realidade, aqui, só pode ser encontrada quando percebemos a irrealidade do pensamento, da visão, do olfato, do tato, do paladar e da audição. É na fonte de todas essas coisas – impossível de ser contida numa única delas, mas dando forma a cada uma delas – que encontramos a realidade do mundo e do ser humano, capaz de responder às nossas perguntas mais importantes.

É uma experiência íntima e inefável, que não pode ser medida,

ou compartilhada linguisticamente, mas que pode ser diretamente vivenciada e confirmada por qualquer pessoa disposta a abandonar o galho certo para mergulhar em si mesma.

Em todo caso, eis a parábola que encheu o budismo de macacos:

Um grupo de 500 macacos encantou-se com o reflexo da lua sobre a água de um poço. Como esse poço era muito fundo, um dos macacos se pendurou em um galho que ficava em cima do buraco, de forma que a partir dele os macacos foram se pendurando um ao outro, numa tentativa de pegar a "lua" para si.

Quando os 500 macacos estavam assim pendurados, o galho se partiu com o peso e todos caíram no poço – foi só depois de terem caído que eles perceberam a lua de verdade, lá no céu.

Ao longo dos séculos, essa relação entre os macacos e a ilusão da lua refletida na água produziria ainda alguns termos budistas bastante curiosos, como "macaco ignorante" (癡猴, chikou), para se referir à mente não-iluminada, que confunde o reflexo com a lua, e "coração de macaco" (心猿, shinen), para qualificar uma mente inquieta como um macaco, perseguindo objetos do desejo.

Desapegando-se do galho

O macaco continua se esticando,
Tentando apanhar o reflexo da lua,
Até que a morte o derrube.

Se ele soltasse a mão do galho,
Para mergulhar na água profunda,
O mundo inteiro iria graciosamente brilhar.

"Macaco"
Hakuin - Japão (Século XVIII)

Para refletir

A madeira não conhece a cinza.
A cinza não conhece a madeira.

O corpo é lenha

Ryonen nasceu em uma família poderosa e importante. Desde criança, ela já era considerada por todos como extremamente linda e extremamente inteligente, de forma que foi escolhida como acompanhante da imperatriz.

Anos mais tarde, quando essa imperatriz faleceu de repente, Ryonen foi arrebatada pela impermanência da vida e decidiu abandonar tudo – incluindo o marido e os filhos que ela já tinha – para se tornar uma monja.

Depois de alguma peregrinação, no entanto, quando ela tentou ingressar em alguns mosteiros, foi repetidamente recusada.

Ainda que mulheres não fossem incomuns nos mosteiros e que os mestres reconhecessem a sua sincera dedicação, todos eles repetiam algo muito parecido:

"Caso eu aceite acolher você, infelizmente, a sua imensa beleza irá criar problemas para os monges que eu já abrigo."

De forma similar ao Segundo Patriarca, que cortou o próprio braço como prova de sua necessidade, Ryonen levou um ferro quente ao próprio rosto, deformando-o.

Em seguida, ela escreveu um poema nas costas de um espelho, que entregou ao mestre Hakuo:

Para servir à minha imperatriz,
Queimei incenso perfumado em minhas roupas.
Agora, como uma mendiga sem teto,
Para entrar no Caminho, eu queimei meu próprio rosto.

As estações também se revezam assim.
Quem é aquele que observa as mudanças?

Nesse mundo impermanente,
O corpo que abandonei queimado
Seria realmente deformado
Se eu pensasse nele como algo

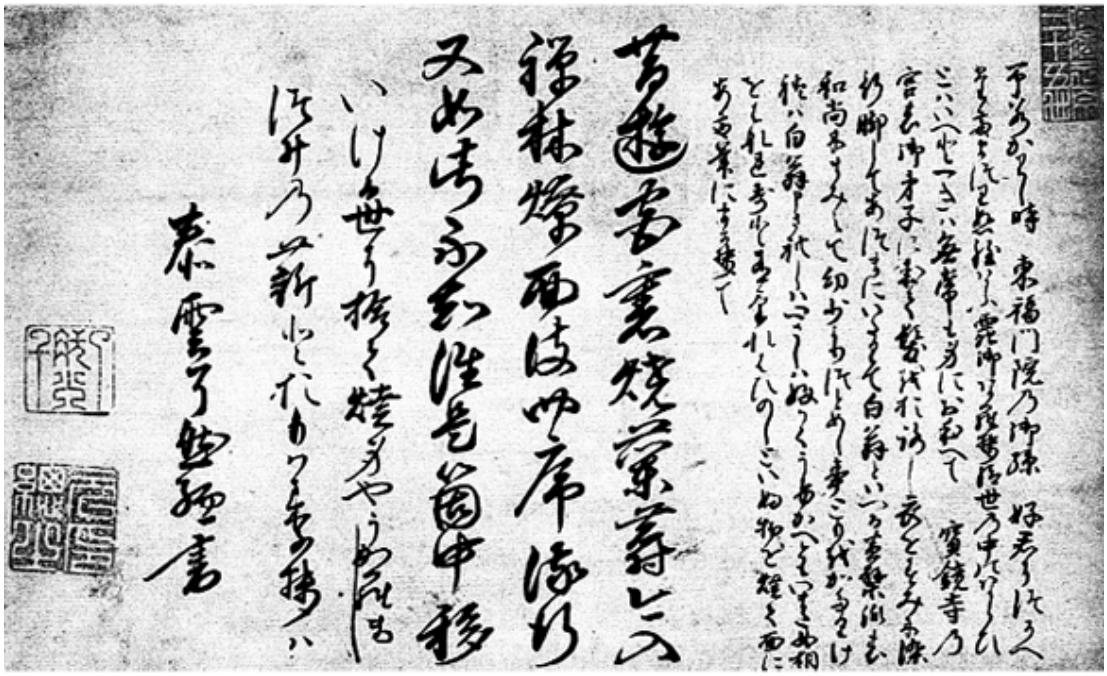
Além de lenha.

O mestre Hakuo aceitou Ryonen imediatamente. Quando ele morreu, ela o substituiu como abadessa do templo e permaneceu por lá até que encontrasse um sucessor adequado, que pudesse honrar a memória e o legado de seu mestre. Depois disso, ela partiria para fundar o seu próprio templo.

Além de ter se transformado numa lenda budista, a monja Ryonen também era reconhecida e admirada pelas suas habilidades artísticas.

Sua caligrafia, por exemplo, é muito apreciada (em complemento ao prestígio que a sua erudição, sua poesia e sua pintura conquistaram).

Enquanto o costume geralmente levava calígrafos a adotarem o estilo de algum mestre da antiguidade, Ryonen desenvolveu o seu próprio estilo – que podemos ver na tela a seguir, onde ela conta a própria história com um pincel.



CALIGRAFIA
RYONEN GENSO - JAPÃO (CA. 1700)

TSUBA
(PEÇA DA EMPUNHADURA DE UMA ESPADA, QUE PROTEGE A MÃO)
COM TEMA BUDISTA
AUTOR DESCONHECIDO - JAPÃO (CA. 1700)

Anotações de um samurai

Os fragmentos a seguir foram originalmente escritos no princípio do Século XVIII, no caderno de anotações de um samurai.

Podemos entrever, nesses textos, a influência zen budista no pensamento dos guerreiros japoneses daquela época, os aspectos da prática que mais os interessavam e o uso que faziam disso:

Um bom ponto de vista é enxergar o mundo como se fosse um sonho. Quando você tem um pesadelo, você acorda e diz para si mesmo que aquilo foi apenas um sonho.

Sabe-se que o mundo em que vivemos não é diferente disso.

Apenas por recursar-se a retroceder, uma pessoa ganha a força de duas.

Um samurai pode realizar qualquer coisa, quando pensa apenas nas tarefas do dia. Desde que seja só por um dia, uma pessoa deve ser capaz de suportar qualquer coisa.

Amanhã também é só um dia.

Odiar a injustiça e manter-se correto é algo muito difícil.

Além disso, quando alguém imagina que “ser correto” é o melhor que se pode fazer, empregando nisso todos os seus esforços, ao contrário do que se espera, essa obsessão vai causar uma série trágica de enganos.

O Caminho paira muito acima da correção.

Isso é muito difícil de descobrir, mas, quando descoberto, é a

forma mais alta de sabedoria. Vistas desse ponto de vista, coisas como a correção parecem bastante rasas.

Se alguém não é capaz de compreender isso por conta própria, ninguém pode lhe ajudar.

Em último caso, existe um método para que até aqueles incapazes de descobrir por conta própria tenham chance de entrar no Caminho.

Esse método é ouvir as outras pessoas. Mesmo quem não possui grande sabedoria, tem a chance de ouvir as outras pessoas de uma perspectiva externa. É como se diz no jogo de Go: "Quem vê de fora, tem oito olhos."

O ditado "De pensamento em pensamento, vamos reparando em nossos próprios erros" também sugere que há um Caminho em aprender com os outros.

Ouça as histórias e leia os livros, para enfraquecer as suas próprias discriminações e alinhar-se com o que já foi vivido e aprendido por outros.

Na China, viveu um homem que adorava dragões, colecionava pinturas de dragões, vestia roupas adornadas com dragões e só falava de dragões.

O assunto foi levado ao conhecimento do Rei dos Dragões, que enviou um de seus súditos para verificar o caso.

Ao deparar-se com um dragão na sua janela, o homem morreu de infarto.

Perceba como há gente que fala muito, mas que não sabe o que fazer quando se depara com a realidade.

As pessoas geralmente reclamam que o capacete de uma armadura é muito pesado.

No entanto, quando você está atacando um castelo, ou fortificação parecida, com tiros, flechas, pedras e lascas de

madeira voando na sua direção, ninguém reclama do peso do capacete.

Dentre aqueles que fizeram pouco da água, muitos se afogaram.

O caminho do samurai é encontrado na morte.

Quando é preciso decidir entre viver e morrer, existe apenas a escolha rápida pela morte.

Isso não é particularmente difícil. Apenas seja determinado e avance. Dizer que morrer antes de alcançar os seus objetivos é uma morte de cachorro é o caminho de gente frívola e sofisticada. Quando pressionado entre a vida e a morte, um samurai não tem o que escolher.

Todos queremos viver e, normalmente, a nossa lógica gira em torno do que nos agrada. Ainda assim, esquivar-se dos seus objetivos e continuar vivendo é covardia.

Há uma linha perigosamente fina entre uma coisa e outra.

Morrer sem alcançar os seus objetivos realmente é fanatismo e uma "morte de cachorro" – mas nisso, não há vergonha. Essa é a natureza do caminho do samurai.

Se alguém busca determinação diária e consegue viver como se seu corpo já tivesse morrido, ele ganha liberdade no Caminho.

Se alguém faz distinção entre o espaço público e seu próprio quarto, ou entre o campo de batalha e o tatame, quando o momento chegar não haverá tempo para se corrigir.

Deve-se manter uma atenção constante. Se não existissem homens demonstrando valor no tatame, também não os encontraríamos no campo de batalha.

Não importa se uma pessoa é aristocrata ou fazendeira, rica ou pobre, velha ou jovem, iluminada ou confusa – todos somos iguais perante a morte.

E não é que ignoremos o fato de que vamos todos morrer um dia, mas nós nos agarramos a gravetos. Mesmo sabendo que a qualquer hora vamos morrer, nós pensamos que todos os outros vão morrer primeiro e que nós seremos os últimos a partir. Dessa forma, a morte sempre parece distante.

Pensar dessa forma não é colocar-se numa situação frágil? É tão inútil que parece até uma piada num sonho.

A morte está sempre por perto. É preciso entender que "quando a hora chegar" é idêntico a "agora".

A pessoa que carece de resolução prévia em relação à inevitabilidade da morte pode ter certeza que morrerá mal. Quando uma pessoa está resoluta frente à morte com antecedência, de que forma ela poderia ser desprezível?

Certo samurai foi levado à vergonha, recentemente, porque não exerceu vingança quando devia.

O caminho da vingança está em forçar o seu caminho até o ponto em que te fatiem.

Nisso, não há vergonha.

Quando você começa a considerar que precisa fazer isso e aquilo, você fica sem oportunidade. Parando para calcular coisas como o número do inimigo, o tempo corre e eventualmente você vai desistir.

Não importa se o inimigo tem milhares de soldados – existe realização apenas em confrontá-los com a determinação de fatiar a todos, começando por qualquer ponta. Dessa forma, você vai

terminar a parte principal do trabalho.

Quando a hora chega, não há tempo para racionalizar. Se você não tiver se preparado com antecedência, provavelmente a coisa terminará em vergonha. Nós lemos livros e conversamos uns com os outros exatamente para podermos nos preparar, com determinação prévia, para esse tipo de imprevisto.

Acima de tudo, deve-se entender o caminho do samurai como estar atento ao fato que não se pode prever o que vai acontecer em seguida. Por isso, um samurai se prepara com antecedência. Vitória e derrota são assuntos para as forças temporárias das circunstâncias. O caminho para evitar a vergonha é diferente. Basta encarar a morte de frente.

Mesmo tendo certeza que vai perder, retalie. Nem a técnica, nem a sabedoria têm lugar aqui. Um homem de verdade não pensa em vitória e derrota. Ele se atira irresponsavelmente para uma morte irracional. Fazendo isso, você vai acordar do seu sonho.

Há algo a ser aprendido com uma tempestade.

Quando nos deparamos com um aguaceiro súbito, tentamos evitar os pingos e saímos correndo afobados pela rua.

Por mais que nos esforcemos, no entanto, ao passar entre o vão das casas e coisas do tipo, acabamos nos molhando do mesmo jeito.

Quando você está resolvido desde o começo, você não será perturbado – ainda que isso também não evite ensopar-se.

Essa compreensão tem aplicações infinitas.

Yui Shosetsu recebeu instruções orais abrangendo cerca de dezoito capítulos sobre a Grande Coragem e a Pequena Coragem.

Ele não anotou nada, nem decorou qualquer uma das passagens, mas apenas concentrou-se nelas enquanto eram

explicadas e esqueceu-se de tudo, logo em seguida.

Mais tarde, quando encarava situações reais, ele agia por impulso e as coisas que havia aprendido nas aulas se transformavam em sabedoria que era realmente dele.

A vida humana é muito curta. É melhor fazer o que te agrada. Não desperdice sua vida fazendo serviços que te parecem odiosos, dia após dia. Quando possível, faça o que você gosta.

No entanto, nunca diga isso aos jovens, porque esse tipo de coisa pode ser muito nociva, caso não seja interpretada com sabedoria.

Há uma forma de criar a criança de um samurai. Desde a sua mais tenra idade, é preciso encorajar valentia e evitar assustá-la, ou provocá-la por causa de capricho, ou trivialidades.

Se uma pessoa é afetada pela covardia quando criança, a cicatriz pode durar por toda a vida. É um erro ensinar os filhos a ter medo de relâmpagos, a evitar lugares escuros, ou contar casos amedrontadores para fazer uma criança parar de chorar.

Além disso, uma criança vai se tornar tímida, se for repreendida muito severamente.

Devemos evitar que maus hábitos se formem. Depois que um mau hábito foi adquirido, mesmo que você repreenda a criança, ela não vai melhorar.

Quanto a questões como falar do jeito certo e comportar-se com etiqueta, gradualmente deixe que a criança tome consciência dessas coisas.

Não permita que a criança tenha contato com a cobiça por dinheiro e ouro.

Tirando isso, desde que a criança seja normal, ela terá se desenvolvido bem quando estiver crescida.

É importante citar que os filhos de casais que têm uma relação

ruim vão se tornar pouco filiais. Isso é o natural. Mesmo os pássaros e as bestas são afetados pelo que se acostumaram a ver e ouvir desde que nasceram.

A relação entre os pais e os filhos também pode se deteriorar por causa da tolice de algum dos pais, caso ame a criança acima de todas as coisas e se comporte de forma parcial quando o parceiro corrigir o filho. Caso um dos pais se torne aliado da criança contra o outro pai, haverá discórdia na família.

É por causa de sua mente superficial que alguns pais enxergam os filhos como companhia para a velhice.

Quando uma pessoa é jovem, é frequente que ela se exponha à vergonha pela vida inteira, por causa da homossexualidade. É perigoso que um jovem cresça sem conhecimento a respeito do assunto. Como não há ninguém que possa informar aos jovens sobre a questão, eu ofereço um apanhado geral:

Deve-se compreender que os nossos sentimentos por outra pessoa – seja homem, ou mulher – são pela vida inteira. Caso não seja assim, isso não seria diferente da depravação e da prostituição. O mesmo se aplica para um guerreiro.

Ihara Saikaku escreveu versos que ficaram populares, dizendo que "Um adolescente sem um amante mais velho é como uma mulher sem marido", mas esse tipo de pessoa é ridícula.

Um jovem deve testar o amante mais velho por pelo menos 5 anos. Depois disso, caso ele esteja seguro das intenções de seu parceiro, ele pode pedir pelo relacionamento.

Uma pessoa leviana não se compromete com o relacionamento de forma profunda e mais tarde abandonará o amante.

Caso o casal possa ajudar um ao outro e dedicar suas vidas um pelo outro, a sua boa sorte está garantida. Mas se um dos parceiros for vil, o outro deve sugerir que há impedimentos para o relacionamento e cortar relações com firmeza.

Se o primeiro perguntar que impedimentos são esses, deve-se responder que guardaremos esse segredo até a morte. Caso o

primeiro insista, deve-se ficar zangado. Caso ele continue pressionando a questão, nessa hora você deve fatiá-lo.

Além disso, o homem mais velho também deve certificar-se das intenções do jovem, da mesma forma que mencionamos anteriormente. Se o rapaz pode se dedicar à situação por 5, ou 6 anos, então não haverá vergonha.

Acima de tudo, não devemos dividir o nosso caminho em dois. Em tudo, devemos nos manter fiéis ao caminho do samurai.

Deveria ser desnecessário explicar que um soldado deve ter a disposição de estar na vanguarda, durante um ataque e na retaguarda, durante a retirada.

Na hora de atacar, ele nunca se esquece de esperar pelo momento certo. Enquanto espera o momento certo, ele nunca esquece de atacar.

Seguramente, não existe nada além de uma determinação focada no instante. A vida inteira de um ser humano é uma sucessão ininterrupta de instantes.

Quando alguém compreende perfeitamente o momento presente, não haverá mais nada a fazer e as perseguições são interrompidas.

Viva mantendo uma determinação focada no instante. As pessoas deixam o momento presente escapar e depois procuram por ele em outras partes. Parece que a maioria não nota esse fato, mas é com uma compreensão firme disso que empilhamos experiência em cima de experiência.

Quando alguém chega à compreensão do instante, ela será uma pessoa diferente a partir desse ponto, mesmo que não pense a respeito do assunto.

Manter-se com um único fôlego contínuo, onde a perversidade não pode se abraçar. Esse é o Caminho.

Ainda que pareça impossível, está bem à frente dos seus olhos.

Essa é uma fala do monge Bankei:

"Não dependa da força dos outros, nem confie na sua própria força. Ampute os pensamentos passados e futuros, sem agarrar-se a pensamentos presentes. Dessa forma, o Caminho Perfeito estará à frente dos seus olhos."

O que as pessoas geralmente chamam de "um grande artista" não passa de um tolo. Por causa de sua tolice, uma pessoa desse tipo se preocupa com uma única coisa – não pensa em mais nada e, portanto, se torna hábil numa coisa só. Essa pessoa é inútil.

Atualmente, as pessoas que vêm sendo chamadas de "inteligentes" se adornam com sabedoria superficial e apenas enganam os outros. Por causa disso, eles são inferiores até às pessoas ignorantes.

Uma pessoa ignorante é direta. Quando investigamos o nosso próprio coração de acordo com esse princípio, não haverá lugares escondidos. É um bom teste.

Devemos nos comportar de forma que, ao nos confrontarmos com esse teste, não passemos vergonha.

É um fato que os peixes não vivem onde a água é clara demais. Quando algumas algas ou coisas do tipo aparecem, no entanto, o

peixe pode esconder-se em sua sombra e prosperar.

Caso você precise testar a sua armadura antes de uma batalha, teste apenas a parte da frente.

Quando você for abatido, é importante cair com o corpo voltado para o campo do inimigo e nunca dando as costas para ele.

Não faz diferença se a sua armadura está arranhada, ou passando má impressão, mas deve-se dar especial importância à aparência do capacete, já que essa é a parte que te acompanha até o campo do inimigo.

As pessoas acreditam que podem esclarecer questões complicadas, racionalizando longamente sobre elas.

No entanto, isso cria apenas pensamentos perversos, que não dão em nada, porque as pessoas geralmente racionalizam tendo em mente apenas a própria vantagem.

No nível mais alto do ser humano, uma pessoa tem a aparência de não saber nada.

Um samurai disse a um de seus colegas:

“Quando enfrento um inimigo, eu me sinto como se de repente tudo ficasse escuro. Por causa disso, eu sempre termino gravemente ferido. Você já enfrentou muitos guerreiros valorosos e, apesar disso, nunca se feriu. Por quê?”

O outro samurai respondeu:

“Quando enfrentei meus inimigos, é claro que eu também me senti como se tudo ficasse escuro. Mas se naquele instante eu aquietasse o meu coração, a escuridão se transformava numa

noite iluminada pela lua. Quando o meu ataque parte desse ponto, eu sinto que posso sair ileso.”

Essa realmente é a situação, no momento da verdade.

Encontrando o Quarto Patriarca

Si-ma estava com catorze anos, quando conheceu o Terceiro Patriarca do Zen. O garoto vinha estudando budismo desde os seis, mas seu mestre atual não estava à altura de ensiná-lo.

O jovem pediu a Sengcan:

"Grande sábio venerável, eu faço um apelo à sua caridade. Por favor, me ensine a sabedoria através da qual eu possa me libertar."

O Terceiro Patriarca demonstrou piedade:

"Que coisa terrível... Quem foi que te prendeu?"

A criança estava confusa:

"N...Ninguém me prendeu."

O mestre concluiu:

"Então o que é que eu preciso te ensinar?"

Através dessa resposta, o garoto iluminou-se. Ele adotou Sengcan como seu novo mestre e o seguiu por nove anos. Foi a ele que o Terceiro Patriarca entregou a túnica e a tigela de Bodidarma, elegendo-o como o Quarta Patriarca da seita.

Seu nome monástico era Daoxin.

Pode levar

Terminada aquela primeira leva do que se transformaria num ciclo sazonal de perseguição contra os budistas, Daoxin experimentou assédio no sentido oposto.

Convidado a visitar o castelo do novo imperador – que ansiava por homenagear a santos e sábios budistas – Daoxin recusou o convite.

Por três vezes, o Quarto Patriarca recusou os avanços do imperador e este finalmente ordenou aos seus soldados que deveriam lhe trazer imediatamente: o monge, ou a sua cabeça.

No templo, depois de ouvir o pronunciamento dos soldados, em nome do imperador, Daoxin esticou a cabeça – oferecendo o pescoço que o soldado não teve disposição de cortar.

Ao ficar sabendo do caso, o imperador Taizong elogiou efusivamente o Quarto Patriarca, celebrando a sua santidade e destacando-o como um exemplo a ser seguido.

Palavras de Daoxin

Quando o olho enxerga, não existe uma “coisa” externa que entra no olho.

Também num espelho, quando há um rosto refletido, não há uma “coisa” dentro do espelho.

O rosto não entra no espelho.

O espelho não se estica até o rosto de alguém.

Quando a mente percebe algum estímulo sensório, ela o interpreta como vindo de fora. É com aprendizado e treino que compreendemos a ausência de substância própria dessas formações da mente; elas não são “coisas” – não formam entidades separadas e independentes.

As experiências da mente, criadas pelas situações, não vêm de parte alguma e não vão para lugar nenhum.

Quando você consegue olhar com frequência para os pensamentos, os sentimentos e os dualismos da mente como fenômenos sem substância, a sua prática está ficando estável.

Caso você consiga aquietar a mente – permanecendo livre dos cipós e espinhos desse fluxo contínuo de pensamentos e sentimentos provenientes dos estímulos sensitivos – você permanecerá sereno e perfeitamente atento. Isso é o fim da aflição. Isso é o que chamamos de “libertar-se”.

Seja imerso nas aflições da mente e nas suas confusões agonizantes, ou mesmo em elevados pensamentos profundos, se você é capaz de abandonar tudo isso e retornar à paz original, num instante, então a sua mente já está pacífica e pura.

Apenas tenha coragem. Não seja medroso, ou preguiçoso. Avance.

Não e não e não...

Um monge perguntou a Daoxin:

"Como devemos treinar, controlar, ou observar a mente, para alcançar a lucidez e a pureza da iluminação?

O Quarto Patriarca respondeu:

"A iluminação não é alcançada meditando sobre o Buda, nem tomando controle da mente, nem observando a mente, nem analisando a mente, nem através da reflexão, nem do discernimento, nem de um afastamento da confusão, mas através da identificação com o ritmo natural das coisas. Não rejeite nada que surgir na sua mente, nem se esforce para que nada permaneça, através do apego."

O fogo e a frigideira

Descartar o mundo das formas,
Para agarrar-se ao Vazio,
Apenas muda a doença de lugar.
Seria como subir num bote pegando fogo,
Para evitar se afogar.

Coitado do ladrão

Ryokan era um recluso, que precisava mendigar para sobreviver. Ainda assim, devido à sua fama, às vezes ele recebia presentes granfinos e tudo indica que a sua cabana era um alvo frequente para os ladrões.

Em certa ocasião, ele teria surpreendido um desses larápios dentro de sua cabana, procurando o que roubar, mas não havia nada.

Ryokan lhe disse:

"É uma pena que você tenha se aventurado tão longe para dentro das montanhas, apenas para chegar aqui e não encontrar nada. Por favor, leve essas roupas que eu estou vestindo."

O ladrão aceitou a túnica e foi embora confuso.

Em outra ocasião, Ryokan voltou à cabana para descobrir que tudo havia sido roubado – inclusive o seu colchão. Sobre esse dia, ele compôs um poema:

O ladrão esqueceu
De levar:
A lua na janela.

A gueixa

Em alguma das festividade na vila, Ryokan vestiu-se e dançou como se fosse uma mulher.

Imaginem vocês, um velho maltrapilho e descabelado, muito alto e muito magro, que vivia paupérrimo numa cabana de palha entre as montanhas – e que todos ali conheciam bem – de repente querendo se passar por requintada e refinada gueixa desconhecida...

Um dos aldeões comentou com o amigo, falando exageradamente alto, para que Ryokan pudesse ouvir:

"Ei, veja aquela linda mulher forasteira, como ela dança com elegância..."

Diz-se que, ao ouvir isso, Ryokan demonstrou imenso prazer e orgulho.

Estrelas do mar

Ryokan passeava ao longo da praia logo após uma tempestade. Centenas de estrelas do mar haviam sido atiradas pelas ondas na areia e, expostas ao sol que surgia, começavam a morrer.

O mestre ia colhendo uma a uma e as devolvia ao mar.

Um pescador que passava por ali reparou no curioso comportamento daquele velho e disse:

"Essa mesma coisa acontece depois de toda tempestade. Por que você está perdendo seu tempo com isso? Não há como salvá-las, de verdade; então que diferença faz?"

O mestre levantou alto a estrela do mar que havia acabado de resgatar, para que o pescador pudesse vê-la, e explicou, antes de devolvê-la às ondas:

"Vai fazer diferença para essa aqui."

"Um Corvo e a Lua"
Kawanabe Kyosai - Japão (ca. 1887)

Cartas de amor

Aprenda a ler as cartas de amor
Escritas pelo vento e pela chuva;
Pela neve e pela lua.

Plano B(est)

Ele me recusou abrigo...
Que pessoa mais intratável!
Mas foi através de sua gentileza,
Que pude passar aquela noite
Debaixo da cerejeira em flor,
Iluminado pela lua.

Stalker amigável

Ninguém nunca visita minha cabana,
A não ser a amigável luz da lua;
Que às vezes me espia por entre as árvores.

Itinerário

Um monge abordou Joshu com a seguinte proposta:

"Minha disciplina é impecável e tenho aprimorado a arte de compor o melhor itinerário para o meu dia."

Aqui, o monge entregou a Joshu um pergaminho onde ele havia separado meticulosamente cada período do dia, atribuindo uma atividade específica para cada um. O monge continuou:

"Atualmente, essa é a minha rotina. Na sua iluminada opinião, o que eu poderia mudar, para melhorar ainda mais o uso do meu tempo?"

Joshu respondeu:

"É você quem está sendo usado pelas horas. Esse 'tempo' do qual você fala, o que isso quer dizer?"

Sobre o tempo

Não imagine que o tempo simplesmente passa.
Não pense no passar do tempo
Como se fosse a única função do tempo.

Se o tempo realmente pudesse
Simplesmente passar,
Isso implicaria numa diferença
Entre você e o tempo.

Eterno

Um monge perguntou a Joshu:

“Quando as escrituras falam que tudo é eterno, o que isso quer dizer?”

Joshu respondeu:

“Eu sou íntimo dos patriarcas.”

O monge perguntou:

“Mas o que isso quer dizer?”

Joshu concluiu:

“Parece que hoje não vou poder responder.”

Nem vale a pena

Poderes sobrenaturais...

Gente voando.

Tudo que você já viu em filmes fantasiosos de kung fu (alguns deles, inclusive, protagonizados por Bodidarma).

Discussões sem pé nem cabeça, entre gente arrogante que usa expressões complicadas e vazias como se fossem "haduken", tentando impressionar os outros com gritos e rituais mágicos – gente que pretende se impor com mentiras, ou simplesmente copiando as palavras das escrituras, sem entender ou praticar o que elas dizem...

O zen nasceu como um movimento de revolta contra algumas correntes populares do budismo – com a proposta de eliminar toda essa presepada, para se concentrar apenas na joia fundamental da iluminação; de forma prática, direta e desencantada.

É nesse contexto que precisamos perceber, em Joshu, um mestre zen budista de 80 anos, iluminado desde jovem, que regressava à sua vila natal precedido pela reputação de santo e grande sábio – algo que tinha sentidos muito diferentes para ele mesmo e para seus admiradores.

Cada monge e cada curioso perdido, incapaz de reconhecer a verdade mesmo tendo a cara esfregada nela; obstinadamente apegados a ideias ilusórias, tentando aplicar uma "rasteira" no grande mestre, ou querendo dele alguma aprovação qualquer... Joshu era assediado pela adulação e pela cobiça de quem pregava a higiene enquanto fedia.

Vítima de um bullying constante, com gente perguntando e gente anotando tudo, Joshu geralmente reage numa alternância entre os três polos de tentar ensinar a verdade, lamentar-se pela incompreensão daqueles à sua volta e, muitas vezes, recusar de forma enfática a auréola de ilusão que alguns idolatravam ou vestiam às suas custas – usando mesmo a sua santidade espiritual como um objeto lascivo de desejo.

Em certa ocasião (de lamento), ele disse à assembleia:

"Tenho vivido aqui por algumas décadas e, até agora, nenhum verdadeiro praticante do Caminho apareceu. As pessoas que vêm aqui passam a noite, fazem uma refeição e saem correndo logo em seguida, para se esconder em algum lugarzinho quente e confortável."

Um monge perguntou:

"E se um verdadeiro praticante do Caminho aparecesse, o que você diria?"

Joshu considerou o monge por um momento e respondeu:

"Não se atira de canhão num camundongo."

Agora, numa ocasião de recusa à santimônia:

Um monge perguntou a Joshu:

"Como é para você, mestre, ser uma pessoa sagrada?"

Joshu exclamou:

"Mas é mesmo como se espalhassem uma montanha de bosta em cima do chão limpo!"

O monge estava confuso:

"Por favor, mestre, esclareça a questão para mim, porque eu não entendi."

Joshu disse:

"Vai tomar no cu."

Aqui, uma situação de tentar ensinar a verdade, quando questionado por uma pessoa honestamente buscando o Caminho:

Um monge perguntou a Joshu:

"Como devemos aplicar a mente?"

Joshu respondeu:

"Observe que os imperadores governaram todo o continente, mas na hora da própria morte eles não puderam gastar ao menos uma moeda."

Agora, freestyle:

Um monge perguntou a Joshu:
“Como é um templo sagrado?”
Joshu disse:
“Como uma donzela virgem.”
O monge acrescentou:
“E um templo cheio de monges, como é?”
Joshu respondeu:
“Como uma donzela virgem, grávida.”

Joshu caminhava pelo templo, quando se deparou com um monge rezando e lhe deu uma paulada.
O monge disse:
“Você não sabe que rezar é uma coisa boa?”
Joshu respondeu:
“Não tão boa quanto nada.”

Joshu disse à assembleia:
“Corte a cabeça dos budas e você terá algum valor.”
Um monge perguntou escandalizado:
“Que tipo de pessoa cortaria a cabeça de um buda?”
Joshu respondeu:
“Não do seu tipo.”

Um monge perguntou a Joshu:
“Como posso fazer para observar o instante?”
Joshu respondeu:
“O quê?”
“Como posso fazer para observar o instante?”
“Eu entendi o que você disse, mas é que parece estranho você não saber como observar o instante.”
“Será que um dia serei capaz, mestre?”
“Se você vai conseguir ou não, é uma questão que você precisa descobrir por conta própria.”

Um monge disse a Joshu:
"Pregar o darma nesse mundo de ignorância e sofrimento é como vestir uma túnica limpa sobre um corpo sujo."
Joshu respondeu:
"Em que diabo de mundo você acha que eu estou?"

Um monge perguntou a Joshu:
"Qual é o Caminho?"
Joshu respondeu:
"Cala a boca."

Um monge perguntou a Joshu:
"As pessoas normais apreciam riquezas. O que um monge aprecia?"
Joshu respondeu:
"Rápido! Cala a boca."
"Se eu calar a minha boca, eu vou obter a resposta?"
"Se você não calar a boca, como é que vai descobrir?"

Um monge aproximou-se eufórico de Joshu para perguntar:
"Escute essa frase que eu compus: 'Incessantemente fluindo, dia e noite'. O que você acha?"
Joshu respondeu:
"Um monge não é um fazendeiro, que precisa pagar impostos sobre sua plantação duas vezes por ano."

Um monge perguntou a Joshu:
"Para resumir tudo em uma única frase, o que dizer?"
Joshu respondeu:
"Apegado a uma única frase, você vai ficar gagá."

Um monge perguntou a Joshu:
"O que é a iluminação?"
Joshu lhe explicou:
"A sua pergunta é típica de um idiota."

Um monge perguntou a Joshu:
"Qual é o âmago insondável do profundo?"
Joshu lhe explicou:
"Você me questionando é o âmago insondável do profundo."

Um monge perguntou a Joshu:
"Pessoas realizadas também vão para o inferno?"
Joshu lhe confidenciou:
"E eu sou o primeiro da fila!"
O monge protestou:
"Mas você é uma pessoa maravilhosa! Por que você iria para o inferno?"
Joshu concluiu:
"Se eu já não tivesse ido, como teria me encontrado com você?"

Um monge perguntou a Joshu:
"Qual é a pergunta perfeita?"
Joshu lhe respondeu:
"Errado!"

Um monge disse a Joshu:
"Eu não tenho uma pergunta especial. Por favor, não me dê uma resposta especial."
Joshu concedeu:
"Extraordinário."

Um monge disse a Joshu:
"Por favor, mestre, aponte o caminho, sem usar palavras."
Joshu tossiu.

Enquanto se preparavam para tomar um chá, uma monja perguntou a Joshu:
"Mestre, você pode me ensinar a verdade que nunca foi dita?"
Joshu disse:
"A chaleira está queimando."

A moça correu até o fogareiro e colocou mais água na chaleira. Então ela voltou até Joshu e repetiu a mesma pergunta.

Joshu riu.

Alguém perguntou a Joshu:

"Que técnica deveremos aplicar para ouvir a verdade que nunca foi ouvida?"

Joshu respondeu:

"Esqueça essa história de 'nunca foi ouvida'. O que é que você tem ouvido até agora?"

Um monge perguntou a Joshu:

"Eu não tenho nada na minha mente. Como devo prosseguir?"

Joshu lhe aconselhou:

"Jogue fora."

O aluno declarou:

"Mas se eu não tenho nada, como posso jogar fora?"

Joshu concluiu a conversa:

"Então carregue com você."

Joshu disse à assembleia:

"Um buda de argila não pode atravessar a água. Um buda de metal não pode atravessar a fornalha. Um buda de madeira não pode atravessar o fogo."

Maha-Rahulovada Sutra

Os sutras de Shakyamuni precedem mais de mil anos o Chan e se esparramam numa lengalenga nada zen – mas fazem parte da sua gestação, influenciaram seu crescimento e muitas vezes esclarecem os seus princípios. Por exemplo:

Como meditar? As pessoas à minha volta esperam regras práticas e científicas – regras a que se possa medir – mas qualquer tentativa nesse sentido seria uma fraude.

É a própria prática que se autoesclarece. As palavras e convenções podem apenas apontar a lua. A iluminação é uma barreira sem grades, que pode ser abordada de todas as direções.

É preciso descobrir o seu próprio caminho. Caso você tenha dificuldade para começar, espero que as sugestões deste sutra possam te ajudar:

Em certa ocasião, o Buda Shakyamuni saiu para mendigar acompanhado pelo discípulo Rahula, que tinha dezoito anos. Durante a caminhada, o Príncipe dos Iluminados disse ao jovem:

"Rahula, tudo que tem forma – seja do passado, do presente, ou do futuro; interno ou externo; ostensivo ou sutil; mundano ou sagrado; próximo ou distante... Tudo que tem forma deve ser interpretado de acordo com a realidade e com sabedoria verdadeira: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade."

Nesse ponto, Rahula teve uma dúvida:

"E quanto ao que não tem forma, mestre?"

Sidarta respondeu:

"Tudo que tenha forma, Rahula, e todos os sentimentos, percepções, pensamentos e a própria consciência."

O jovem foi sentar-se debaixo de uma árvore, enquanto dizia:

"Depois de receber um sermão pessoal do Buda, quem seria capaz de ir à cidade para pedir comida?"

Rahula cruzou as pernas e endireitou as costas, aquietando a mente para meditar.

O venerável discípulo Sariputra chegou pouco mais tarde, a caminho de pedir comida, quando viu que Rahula meditava sentado debaixo da árvore. O veterano se aproximou para oferecer um conselho:

"Uma boa técnica, prezado colega Rahula, é desenvolver a atenção na inspiração e na expiração do ar, durante a sua respiração. Quando essa técnica é desenvolvida e refinada, ela produz belos frutos de grande benefício."

No final da tarde, Rahula se levantou e voltou ao acampamento, onde novamente encontrou espaço perto do mestre. Ele perguntou:

"Mais Honrado, como podemos desenvolver e refinar a atenção na inspiração e na expiração, para produzir belos frutos de grande benefício?"

Sidarta respondeu:

"Rahula, tudo que tem forma – seja do passado, do presente, ou do futuro; interno ou externo; ostensivo ou sutil; mundano ou sagrado; próximo ou distante, deve ser interpretado de acordo com a verdade e com sabedoria verdadeira: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Pormenorizando, existem cinco propriedades da forma: a terra, a água, o fogo, o vento e o espaço.

"A propriedade da terra pode ser interna ou externa. A propriedade interna da terra é tudo aquilo dentro de alguém que seja sólido, ou que se tornou sólido, como os cabelos, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, rins, coração, fígado, membranas, intestinos, o conteúdo do estômago, as fezes e tudo mais que seja interno e sólido. Isso é o que chamamos de a propriedade da terra.

"Todas essas coisas devem ser observadas pelo que realmente são, através de verdadeira sabedoria: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Quando alguém enxerga essas propriedades da terra pelo que elas realmente são, tal pessoa tornar-se-á desencantada com as propriedades da terra e elas serão expurgadas da mente.

"A propriedade da água também pode ser interna ou externa.

A propriedade interna da água é tudo aquilo dentro de alguém que seja líquido, aquoso, ou oleoso, como a bile, o catarro, o pus, o sangue, o suor, as lágrimas, a saliva, o muco, a urina e tudo mais que seja interno e líquido. Isso é o que chamamos de a propriedade da água.

"Todas essas coisas devem ser observadas pelo que realmente são, através da real sabedoria: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Quando alguém entende as propriedades da água pelo que elas realmente são, tal pessoa se desencanta com as propriedades da água e elas serão expurgadas da mente.

"A propriedade do fogo, igualmente, pode ser interna ou externa. A propriedade interna do fogo é tudo aquilo dentro de alguém que seja quente, ou que irradia calor, como aquilo que aquece e envelhece o corpo, aquilo que nos consome pela febre, que digere o que comemos ou bebemos e tudo mais que seja interno e que tenha qualidades do fogo. Isso é o que chamamos de a propriedade do fogo.

"Todas essas coisas devem ser observadas pelo que realmente são, através de sabedoria verdadeira: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Quando enxergamos essas propriedades do fogo pelo que elas realmente são, desencantamo-nos com as propriedades do fogo e elas serão expurgadas da mente.

"A propriedade do vento, da mesma forma, pode ser interna ou externa. A propriedade interna do vento é tudo aquilo dentro de alguém que tenha qualidades do vento, como o ar da inspiração, da expiração, os gases do intestino, os peidos e arrotos e tudo mais que seja interno e que tenha qualidades do vento. Isso é o que chamamos de a propriedade do vento.

"Todas essas coisas devem ser observadas com sabedoria e pelo que realmente são: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Quando se percebe as propriedades do vento pelo que elas realmente são, quedamo-nos desencantados com as propriedades do vento, que são expurgadas da mente.

“A propriedade do espaço, como todas as outras, pode ser interna ou externa. A propriedade interna do espaço é tudo aquilo dentro de alguém que seja feito de espaço e onde haja espaço, como os ouvidos, as narinas, a boca, o cu, as passagens por onde a comida transita, o interior do estômago, do pulmão, das veias e tudo mais que seja interno e que seja feito de espaço. Isso é o que chamamos de a propriedade do espaço.

“Todas essas coisas devem ser observadas pelo que realmente são, através de verdadeira sabedoria: Isso não me pertence. Isso não sou eu. Essa não é a minha identidade. Quando alguém enxerga essas propriedades do espaço pelo que elas realmente são, tal pessoa tornar-se-á desencantada com as propriedades do espaço e elas serão expurgadas da mente.

“Assim, Rahula, o que você precisa desenvolver é uma meditação que te deixe como a terra. Quando você medita em sintonia com a terra, impressões sensórias agradáveis ou repulsivas não poderão controlar a sua mente. As pessoas jogam na terra o que é limpo e o que é sujo; fezes, urina, saliva, pus e sangue. A terra não fica horrorizada, humilhada, ou enojada por causa disso. Da mesma forma, quando você desenvolve uma meditação em sintonia com a terra, sensações agradáveis ou repulsivas que se erguerem não terão como se apoderar da sua mente, ou se agarrar a ela.

“O que você deveria fazer, Rahula, é desenvolver uma meditação que te deixe como a água. Quando você medita em sintonia com a água, impressões sensórias agradáveis ou repulsivas não poderão controlar a sua mente. As pessoas lavam o que está sujo na água; fezes, urina, saliva, pus e sangue. A água não fica horrorizada, humilhada, ou enojada por causa disso. Da mesma forma, quando você desenvolve uma meditação em sintonia com a água, sensações agradáveis ou repulsivas que se levantem não encontrarão oportunidade para se apoderar da sua mente, ou agarrar-se a ela.

“Para que a meditação produza frutos de grande benefício, Rahula, devemos desenvolver uma meditação que nos deixe como o fogo. Quando você medita em sintonia com o fogo, impressões

sensórias agradáveis ou repulsivas não poderão controlar a sua mente. O fogo arde contra tudo que está limpo e tudo que está sujo; fezes, urina, saliva, pus e sangue. O fogo não fica horrorizado, humilhado, ou enojado por causa disso. Da mesma forma, quando você desenvolve uma meditação em sintonia com o fogo, sensações agradáveis ou repulsivas que surgirem na mente não poderão tomar seu controle, ou agarrar-se ali.

"Pratique a meditação que te deixa como o vento. Quando você medita em sintonia com o vento, impressões sensórias agradáveis ou repulsivas não poderão controlar a sua mente. O vento sopra sobre o que está limpo e sobre o que está sujo; fezes, urina, saliva, pus e sangue. O vento não fica horrorizado, humilhado, ou enojado por causa disso. Da mesma forma, quando você desenvolve uma meditação em sintonia com o vento, sensações agradáveis ou repulsivas, formadas pelos sentidos, não poderão controlar a sua mente, ou agarrar-se a ela.

"Pratique a meditação que te deixa como o espaço. Quando você medita em sintonia com o espaço, impressões sensórias agradáveis ou repulsivas não poderão controlar a sua mente. O espaço está por toda parte e não reside em parte alguma – ele abriga igualmente aquilo que está sujo e aquilo que está limpo; fezes, urina, saliva, pus e sangue. O espaço não fica horrorizado, humilhado, ou enojado por causa disso. Da mesma forma, quando você desenvolve uma meditação em sintonia com o espaço, sensações agradáveis ou repulsivas que te ocuparem não encontrarão ocasião para se apoderar da sua mente, ou se agarrar a ela.

"Desenvolva a meditação da boa vontade, Rahula, porque assim a má vontade será expurgada.

"Com a meditação da compaixão, a crueldade será expurgada.

"Com a meditação da gratidão, o ressentimento será expurgado.

"Com a meditação da equanimidade, a irritação será expurgada.

"Com a meditação no que é repulsivo, a lascívia será expurgada.

“Com a meditação no que é transitório, a sua noção de identidade será expurgada.

“Medite também, Rahula, com uma atenção constante na inspiração e na expiração do ar, durante a sua respiração. Quando essa técnica é desenvolvida e refinada, ela produz belos frutos de grande benefício. Mas como devemos prosseguir?

“Nessa prática, Rahula, deve-se ir para a floresta, entre as raízes de uma árvore, ou então para um quarto vazio, onde seja possível sentar-se de pernas cruzadas, com as costas eretas, mantendo sua atenção presente no instante.

“Ao puxar o ar, prestamos atenção nessa atividade. Ao soltar o ar, prestamos atenção nessa atividade.

“Numa inspiração longa, experimentamos o sentimento de ‘Eu estou inspirando longamente’. Numa expiração prolongada, experimentamos o sentimento de ‘Eu estou expirando o ar longamente’.

“É tendo em mente a irrealidade das palavras que podemos compreender como, ao puxar o ar rapidamente, experimentamos ‘Estou puxando o ar rapidamente’, ou ‘Estou exalando o ar rapidamente,’ quando expiramos rapidamente.

“Não há um foco em repetir palavras para si mesmo, ou um esforço de concentração nas palavras, mas, sendo necessário colocar as coisas em palavras para as compartilhar, é assim que nós meditamos na respiração: ‘Eu inspiro com a atenção e experiência completa do meu corpo. Eu expiro com a atenção e a experiência completa do meu corpo.’

“Nós praticamos ‘Eu expiro acalmando as reações do meu corpo’ e ‘Eu inspiro acalmando as reações do meu corpo.’

“Praticamos ‘Eu expiro experimentando prazer’ e ‘Eu inspiro experimentando prazer.’ ‘Eu expiro com a mente satisfeita’ e ‘Eu inspiro com a mente satisfeita.’ ‘Eu expiro experimentando a mente cotidiana’ e ‘Eu inspiro experimentando a mente cotidiana.’ ‘Eu expiro experimentando a mente apaziguada’ e ‘Eu inspiro experimentando a mente apaziguada.’ ‘Eu expiro em harmonia’ e ‘Eu inspiro em harmonia.’ ‘Eu expiro atento à transitoriedade’ e ‘Eu inspiro atento à transitoriedade.’

“É assim que desenvolvemos a atenção na inspiração e na expiração do ar, durante a meditação, Rahula. Quando essa técnica é desenvolvida e refinada, ela produz belos frutos de grande benefício.”

Virtude

Junte dinheiro para os seus filhos;
Eles vão simplesmente gastá-lo.
Colecione livros para os seus netos;
Eles não vão ler.
O melhor que você pode fazer por eles,
É aprimorar a sua própria virtude;
Quieto e em segredo.
Transmita esse tesouro aos seus descendentes;
Dessa forma, os seus esforços poderão atravessar as gerações.

"Virtude"
Hakuin - Japão (Século XVIII)

Elixir da vida eterna

Quem se torna monge escapa de inúmeras casualidades.
Compreendendo a natureza, ele aprende que todo conhecimento é vazio.
A Grande Sabedoria é casual, ociosa e permeia até o não-vivo.
O verdadeiro segredo fica escondido; extingue-se ao perambular pela linguagem.

Quando os três mundos estão vazios, toda a origem é percebida.
Quando os seis órgãos sensitivos são purificados, todos os problemas acabam.
Para tornar-se determinado, resoluto e iluminado, é preciso compreender o coração.
Quando o coração é purificado, ele brilha por conta própria;
Quando o coração é sincero, todas as direções são tocadas e embebidas pelo seu aroma.

A aparência verdadeira não tem falta nem excesso e pode ser vista em vida.
As imagens ilusórias sempre entram em decadência.
Por que buscar o que está além do que te cabe?
A porta de entrada da meditação passa por atos meritórios e por sentar-se em silêncio;
A fórmula para o cultivo de sua própria conduta na verdade é caridade e gentileza.

A maior habilidade parece falta de habilidade e sabe
Que todas as conquistas são alcançadas pela inatividade.
Os melhores planos não envolvem cálculos;
Tudo deve ser deixado como está.
Basta apenas que um coração não se mova e toda ação será perfeita.

Ultimamente, é absurdo tentar fortalecer o yang explorando o yin.

E ridículo tentar viver mais tempo com a ingestão de elixires.

O único ponto importante é que toda a casualidade de cada partícula de poeira deve ser descartada e que todo tipo de fenômeno deve mostrar-se vazio.

Viva de forma simples e pura; deixe que seus desejos sejam poucos.

Naturalmente e a cada instante, você desfrutará eternamente uma vida sem fim.

Difícil de enxergar

Nas cidades, há nuvens de poeira em espiral cobrindo tudo.

Os grãos voando rápido cegam as pessoas por toda a parte.

Garotos imortais que saem para colher ervas perdem o caminho de casa.

Lenhadores juntando lenha embaralham-se na floresta.

Mesmo que você levasse uma pérola muito brilhante nas próprias mãos,

Ainda seria difícil enxergá-la.

Chá é zen; espada é zen

No Japão, o zen budismo é tradicionalmente relacionado a artes como a cerimônia do chá, o arranjo floral, o arco-e-flecha, a espada, a pintura, a escultura, a poesia e a caligrafia.

Há uma história que ilustra bem a relação entre o zen e tantas habilidades diferentes:

Numa noite de festa, um mestre da cerimônia do chá ofendeu um samurai. O mestre não tinha nenhuma intenção de ofender e se desculpou, mas o soldado era impetuoso e não queria conversa. Insistiu num duelo, para a noite seguinte.

Encurralado, o mestre da cerimônia do chá convidou um de seus amigos – que era mestre da espada – para pedir conselhos.

Enquanto observava o amigo realizando os rituais do chá com tanta concentração e habilidade, o mestre da espada recomendou:

"Hoje à noite, no duelo, segure o punho da espada com as duas mãos e erga a lâmina acima da sua cabeça, como se estivesse pronto para fatiar. Nessa posição, apenas adote o mesmo estado de espírito que você tem enquanto prepara e serve o chá."

No dia seguinte, o mestre do chá seguiu os conselhos do amigo.

O samurai ofendido observou seu adversário longamente, até que guardou a espada na bainha, pediu desculpas pela própria arrogância e foi embora aliviado.

Identificação

Takano Shigeyoshi, um dos maiores espadachins na história recente do Japão, começou a aprender esgrima quando tinha 14 anos. O seu pai, também um espadachim, morreu naquele mesmo ano e Shigeyoshi acabou sendo adotado por um professor.

Aos 80 anos, vencedor de inúmeros campeonatos e reconhecido pelo mundo inteiro como um grande mestre, ele registrou o seguinte a respeito de sua arte:

"Quando a espada se adequa ao meu gosto pessoal em relação ao peso, construção, tom e coisas desse tipo, fica ainda mais fácil entrar num estado de identificação em que meu corpo e a espada se tornam um.

"Deveria ser desnecessário dizer que a arte da espada está condenada, tão logo você pense em vencer o campeonato, ou em exibir a sua habilidade técnica para os outros. É quando podemos descartar todas essas coisas, incluindo a ideia do próprio corpo, que alcançamos o estado de identificação em que você é a espada e a espada é você.

"A isso, damos o nome de 'não-mente' e talvez esse estado corresponda ao que os budistas chamam de 'vazio'. Na minha experiência, alcançamos esse estado quando expurgamos completamente os pensamentos e as sensações que atrapalhariam a fluidez de operação dessa ou daquela técnica que dominamos – quando retornamos à 'mente original', livres das obstruções do corpo.

"Às vezes, quando vou a um espetáculo de marionetes, eu sinto que o mestre titereiro emprega a totalidade de sua mente nos bonecos e que ele alcança um estado de espírito similar ao do espadachim. Naquele momento, ele não está consciente de uma diferença entre si mesmo e o boneco que ele manipula. O espetáculo se eleva à condição de 'arte' quando o mestre alcança esse estado de vazio.

"Há quem diga que existe uma diferença intransponível entre o mestre titereiro e o mestre da espada, porque o último pratica a

sua atividade no confronto com um ser vivo que está focado em lhe abater. Mas a minha percepção é outra, porque ambos alcançam o estado de identificação que opera de forma similar, independente dos objetivos envolvidos.

"Imerso nesse estado de identificação, eu mesmo, enquanto espadachim, não enxergo um oponente ameaçando me abater. É como se eu me transformasse também no meu adversário, de forma que todos os seus movimentos e pensamentos são experimentados como se fossem meus. Intuitivamente, ou inconscientemente, eu sei como abatê-lo e, nesse estado de espírito, esse processo parece apenas o natural."

A mesma regra se aplica a tudo

Shoju Ronin foi mestre de Hakuin. Quando os dois se encontraram pela primeira vez, o mestre quis saber os motivos que levaram o monge a entrar na vida espiritual.

Hakuin confessou:

"Foi por medo de cair no inferno."

Shoju respondeu:

"Você é um merdinha egocêntrico, não é?"

Mais tarde, Hakuin descreveria Shoju como um mestre extremamente exigente, que estava sempre lhe batendo e insultando. Apesar de nunca ter recebido aprovação ou reconhecimento formal do mestre, Hakuin considerava a si mesmo como parte da linhagem de Shoju.

Em certa ocasião, um espadachim que visitava o mosteiro aproximou-se do mestre com a seguinte solicitação:

"Eu nasci numa família de orgulhosos samurais e venho treinando a arte da esgrima desde que era uma criança. Ao longo das últimas décadas, treinei rigorosa e apaixonadamente sob a tutela dos maiores mestres de diferentes escolas. Atualmente, eu domino todos os seus segredos. Ainda assim, meu maior sonho é abrir uma escola original da arte da espada.

"Malgrado meus desgastantes esforços em busca de um Princípio Maior, sobre o qual fundar minha própria escola, eu não fui capaz de alcançá-lo. Todas as minhas tentativas de alcançar esse Princípio Maior foram absolutos fracassos. Será que o zen budismo poderia me ajudar a avançar nisso?"

Shoju aproximou-se do espadachim e lhe aplicou três murros com toda a sua força. Em seguida, ele chutou o homem, que caiu no chão, e continuou batendo.

Com a experiência, o samurai iluminou-se e veio a conquistar, mais tarde, o que buscava.

A história se espalhou e logo o mosteiro recebia frequentes visitas de guerreiros em busca do Caminho.

Em certa ocasião, um grupo de espadachins convidou Shoju para assistir a um campeonato. Ao final do evento, um dos campeões disse ao mestre:

"Você é um grande mestre do zen e, quanto à teoria da espada, admito que ninguém aqui seria capaz de discutir com você. Mas quando chegamos à prática do combate, por outro lado, espero que você também esteja pronto para admitir que não tem condições de competir conosco."

O mestre respondeu:

"Se alguém aqui acha que pode me acertar com a espada, apenas ataque e pare de falar tanto. A bem da verdade, eu sequer acredito que vocês consigam encostar em mim."

Os samurais se entreolharam animados. Um deles disse:

"Você realmente nos dá permissão para te atacar?"

Shoju apenas concordou com a cabeça.

Os samurais entregaram uma espada de madeira para o mestre, que a recusou com as palavras:

"Eu sou um monge budista. Como é que eu poderia usar uma espada? Tenho aqui um leque de metal, que será a minha arma. Ataquem quando quiserem. Se algum de vocês conseguir encostar sua espada de madeira em mim, vou reconhecer que ele se trata de um competente espadachim."

O grupo fez uma fila e atacou o monge impiedosamente; mas o leque parecia onipresente e ninguém podia encontrar uma abertura da qual tirar vantagem. Um a um, os campeões da espada foram obrigados a admitir derrota.

No mosteiro, um monge questionou o mestre sobre o acontecido:

"Todos sabemos que você é um grande mestre do zen, mas como é que você conseguiu se virar num jogo de espadas?"

Shoju explicou:

"Quando alcançamos a compreensão correta, não há obstruções. A mesma regra se aplica a tudo, incluindo esgrima. As pessoas medíocres estão sempre muito preocupadas com as palavras e nomes. Assim que alguma palavra chamativa é ouvida,

ou que alguma teoria começa a se formar, a discriminação passa a governar suas mentes. Disso, cresce um sentimento de objetivo e um apego de onde surgem todas as obstruções, morais e intelectuais, que inextricavelmente nos embaralham em contradições e polêmicas. Aquele que olha com a visão correta enxerga cada objeto em sua própria luz, ou contexto. Quando nos debruçamos sobre uma espada, compreendemos imediatamente como ela funciona. Podemos confrontar a multiplicidade das coisas sem mergulhar em confusão."

Medo de cair

Um grupo de dez massagistas cegos viajava pelas montanhas. Chegando a uma passagem muito estreita, eles ficaram ansiosamente atentos e suas pernas tremiam.

Um dos massagistas escorregou e caiu. Todos ficaram aterrorizados, até que ouviram a sua voz, rindo:

"Não tenham medo! Mesmo que eu tenha caído, não foi nada. Estou bem. Antes de cair, eu estava morrendo de medo e a minha ansiedade parecia não ter fim. Se vocês quiserem relaxar, rápido, caiam!"

Um abandono radical da ideia de si mesmo

Hyakujo perguntou a Baso:
“Qual é o ponto culminante do budismo?”
Baso respondeu:
“É exatamente aí que você desiste da sua vida.”

Um rato encurralado

Shouken foi um samurai talentoso e respeitado por sua comunidade, que se viu atormentado pelas façanhas de um rato. O bicho era tão ousado e atrevido, que abandonava o seu esconderijo mesmo durante o dia e roía, arranhava, derrubava, sujava, devorava...

O samurai criava um gato há alguns anos e, iludido, ao reconhecer que lidava apenas com um rato, imaginou que o problema já estava resolvido.

Esse bichano que ele vinha criando, no entanto, estava por demais acostumado aos confortos caseiros e hábitos indolentes para conseguir lidar com tamanha ameaça. Longe de derrotar o rato, teve o próprio focinho mordido e fugiu choramingando.

Contrariado, o samurai envolveu-se pessoalmente na questão, empunhando a espada de madeira que usava para praticar.

Foi inútil.

Apesar da experiência e da habilidade do espadachim, aquele rato parecia desafiar a lógica – ele dava a impressão de voar no ar, como um pássaro, ou um relâmpago.

Antes que o samurai pudesse ao menos acompanhar seus movimentos, o rato já havia pulado em cima da sua cabeça.

Humilhado e suando muito, Shouken reconheceu que aquele trabalho exigiria a atenção de especialistas.

Com algum custo, conseguiu reunir e contratar um pequeno esquadrão – composto pelos gatos mais famosos, na vizinhança, por sua maestria na caça aos ratos.

Quando os gatos entraram na casa, no entanto, o rato furiosamente os atacou em sequência e não houve um único gato que pudesse confrontá-lo.

Até aí, a notícia já havia se espalhado – através dos empregados da casa e dos curiosos que viviam por perto. Um dos vizinhos de Shouken veio fornecer a ele a recomendação de uma gata que vivia de forma muito humilde – sem chamar atenção, nem perseguir o caminho da fama – mas que, em sua opinião,

superava a todos os outros gatos na arte da caça.

O samurai teve algum trabalho até confirmar a história e encontrar a grande caçadora. Quando finalmente conseguiu que a misteriosa gata viesse socorrê-lo, Shouken sequer pensou grande coisa dela, que certamente não parecia se destacar em nada dos outros gatos pela vizinhança.

Apesar dessa decepção inicial, Shouken permitiu que ela entrasse em sua casa para confrontar o rato encurralado. A gata atravessou a porta casualmente, como se não estivesse consciente de nenhuma anormalidade acontecendo lá dentro.

O rato, por outro lado, ficou visivelmente apavorado à chegada daquela inimiga. A gata, quase que desdenhosamente, caminhou tranquila até o rato imobilizado pelo medo e voltou com o bicho pendurado por entre os dentes.

Encantado, o samurai convidou todos os gatos envolvidos para participar de um grande banquete, com a mestre gata caçadora sentada no lugar de honra. Os gatos se curvaram no chão, frente à mestre gata, e um deles disse:

"Cada um de nós tornou-se notável por sua habilidade e artimanha na caça e no confronto com ratos em geral, mas nunca imaginamos que pudesse haver, no mundo, um rato tão espetacular como aquele. Sentíamo-nos todos indefesos, até que você apareceu. E com quanta facilidade você resolveu a questão! Gostaríamos que você divulgasse o seu segredo, para o nosso aprimoramento, mas, antes disso, parece apropriado que cada um de nós colabore por conta própria e antecipadamente, falando um pouco sobre o que sabemos da arte de caçar ratos."

Todos concordaram e um gato preto se levantou da cadeira para dizer:

"Eu nasci numa família com imensa reputação por sua habilidade na arte. Desde que eu era um bichano, tenho treinado com a intenção de ser um grande apanhador de ratos. Eu posso pular uma cerca com mais de dois metros de altura. Eu sei como passar espremido por um buraquinho onde só caberia um rato. Tenho proficiência na execução das mais elaboradas acrobacias. Também estou acostumado a convencer os ratos de que estou

dormindo, pronto para atacar assim que eles chegam ao meu alcance. Até os ratos que correm pelas vigas do telhado são incapazes de evitar os meus avanços. Eu me sinto realmente envergonhado por ter sido forçado a retroceder, logo frente àquele rato velho que enfrentamos hoje...”

Quando o gato preto terminou de falar, a mestre gata lhe disse assim:

“O que você aprendeu é a técnica da arte. É uma parte muito importante. Entretanto, apegado à técnica e limitado à técnica, a sua mente permanece sempre consciente de um plano para combater seus oponentes. Os mestres da antiguidade estabeleceram a técnica para que pudéssemos nos familiarizar com os métodos e movimentos adequados à realização do trabalho. Naturalmente, o método é simples e efetivo. A técnica traz em si, implícitos, os pontos fundamentais da arte.

“Apesar disso, aqueles que apenas copiam o mestre perdem a oportunidade de compreender verdadeiramente o princípio da arte e se ocupam demais com o desenvolvimento de suas habilidades para manipular o corpo e os objetos. Na maior parte dos casos, o objetivo é alcançado e o desembaraço técnico impressiona com mirabolante performance, mas, no final das contas, o que isso realmente conquista?

“A habilidade técnica é certamente uma atividade da mente, mas para ser verdadeiramente invencível é preciso que essa capacidade técnica exista em harmonia com o Caminho. Quando o Caminho é negligenciado e pura habilidade técnica é perseguida, há uma divergência que pode ser abusada pelo inimigo. Na arte do confronto, devemos sempre ter isso em consideração.”

O gato preto voltou a sentar-se e um gato tigrado se levantou. Ele disse:

“Do meu ponto de vista, o mais importante na arte da luta é o chi (a energia vital que é o foco da medicina chinesa e que anima todas as criaturas vivas). Desde jovem, venho praticando o seu cultivo e desenvolvimento. Atualmente, estou em um nível elevadíssimo e essa energia, em mim, preenche o céu e a terra. Quando eu encaro um adversário, o meu chi esmagador já se

derramou sobre ele e eu alcanço a vitória antes mesmo de começar a luta. Eu não me apeguei a planos conscientes a respeito do uso da técnica, nem me disciplinei longamente nesse caminho. Eu simplesmente aplico o meu chi da forma mais adequada, de acordo com a situação, e também não há inimigos que possam evitar os meus avanços. Se um gato tentasse fugir por cima das vigas de um telhado, bastaria que eu olhasse atentamente para ele, que seguramente perderia o equilíbrio e despencaria das alturas para tornar-se meu prisioneiro. Aquele rato velho e misterioso que enfrentamos hoje, no entanto, movia-se de um lado para o outro sem deixar rastros, nem provocar sombras. Essa habilidade está além do meu conhecimento."

A grande mestre gata comentou o seguinte:

"Você aprendeu a explorar o máximo da sua força espiritual, mas quando essa força é utilizada planejada e conscientemente, isso é antiprodutivo. O seu espírito poderoso atira-se contra o espírito do adversário e, por causa do seu treinamento focado no chi, você é capaz de subjugar a maioria dos inimigos. Porém, na realidade, você nunca pode ter certeza que seu espírito será o mais forte. Sempre existe alguém mais forte, seja física ou espiritualmente.

"Quando você faz uso planejado e consciente do chi, você pode até sentir que o vigor dessa atividade espiritual preenche o universo e que ela equivale à união com a Avalanche de Chi, descrita por Mêncio, mas não é isso que acontece.

"Ainda que essa atividade espiritual planejada e laboriosamente conquistada tenha alguma semelhança com a Avalanche de Chi, o chi descrito por Mêncio é brilhante e luminoso, como todos sabemos. É um chi caracterizado pelo vigor inesgotável, enquanto o seu espírito cresce em vigor de acordo com as circunstâncias.

"Por causa dessa divergência na fonte da energia, há uma divergência no seu modo de operação. A Avalanche de Chi é um imenso rio, incessantemente fluindo. O seu chi conscientemente aplicado é como uma enchente passageira, depois de uma tempestade. Esse alagamento, por maior que seja, ainda pode ser

carregado por uma enxurrada mais forte.

"Um inimigo encurralado, com frequência, alcança um espírito mais forte do que o espírito do atacante. O inimigo encurralado se encontra numa situação premente; sua luta é entre a vida e a morte. Desesperado e encurralado, abandona-se a pretensão de escapar ileso. Nesse estado de espírito, todo e qualquer perigo que atiremos contra ele será desafiado e combatido. A totalidade da existência de um inimigo encurralado incorpora um chi vigoroso e destemido. Via de regra, não seria possível combater, pela força, essa resistência de aço."

O gato tigrado voltou a sentar-se e um gato cinza se levantou:

"Grande mestre gata inigualável! Conhecimento verdadeiro é difícil de encontrar e eu agradeço, em nome de todos, pela oportunidade maravilhosa. Tenho escutado os seus comentários com o sentimento de quem prova a um delicioso leitinho! De fato, na minha experiência, por mais poderoso que seja um espírito forte, enquanto ataca, ele sempre é acompanhado por uma sombra. Um inimigo verdadeiramente temível, ou mesmo um rato, quando encurralado, certamente se aproveitaria intuitivamente disso, por menor que seja a sombra. Assim, em vez de me dedicar à força – seja a força física, através da técnica, ou a força espiritual, que sobrepuja o chi do inimigo com um chi mais poderoso – eu tenho me disciplinado na adoção de um atitude passiva e flexível.

"Quando encontro um inimigo muito forte, eu simplesmente acompanho os seus movimentos – como uma cortina que se rende à pedra que lhe foi jogada, dobrando-se para evitar o dano e conter o ataque ao mesmo tempo. Por mais forte que seja um rato, ele não encontraria formas de lutar comigo. Esse fenômeno que encontramos hoje, por outro lado, era um rato sem igual. Ele se recusava a dobrar-se ante a minha força e, ao mesmo tempo, também se recusava a morder a isca do meu espírito flexível. Era uma criatura misteriosa, que eu jamais imaginei encontrar durante a vida."

A gata explicou:

"Isso que você chama de espírito passivo e flexível não está em

harmonia com o Caminho. É uma criação artificial; uma artimanha forjada na sua mente consciente. Quando você utiliza essa técnica contra um adversário que se encontra num estado de grande sensibilidade, ele será capaz de perceber imediatamente qualquer distúrbio espiritual provocado pela sua mente consciente, reagindo como se fosse uma segunda cortina que acompanha a sua.

"Ao mesmo tempo, esse espírito flexível produzido artificialmente – com seus pequenos intervalos de intromissão consciente, ou 'distúrbios' no que deveria ser um fluxo contínuo – gera consigo um ligeiro desfocar no seu coração, traduzindo-se numa opaca obstrução que interfere com a agudeza da sua percepção instantânea e com a agilidade da sua ação de resposta. Essa é a consequência de impedir que a natureza persiga sua forma original, de maneira espontânea e livre.

"O rato encurralado abandona todo pensamento sobre ação e hesitação; com isso, ele leva a natureza a exibir seus olhos mais profundos. O inimigo encurralado às vezes abandona sua vida ao destino e deixa que a natureza siga seu próprio caminho, sem impedimentos conscientes.

"Quando esse estado de espírito é dominado, ou mesmo que exibido apenas momentaneamente, não há sombra, desfoque, rastros, ou enchentes através das quais possam te derrotar. Quando esse estado é dominado, não há inimigos que possam resistir aos seus avanços.

"As disciplinas às quais vocês se sujeitaram não são de pequena importância. Seria errado ignorar a técnica, afinal de contas, o Caminho Sem Forma só pode se materializar através de um recipiente. Também seria errado negligenciar o chi, que governa o corpo e que, ao harmonizar-se com a natureza, age em perfeita comunhão com as transformações situacionais. Finalmente, seria igualmente equivocado desprezar a prática de uma mente flexível, já que, se recorremos espontaneamente a ela, isso interrompe a luta no plano físico do combate de forças e é capaz de resistir mesmo contra as pedras.

"Entretanto, há um quesito fundamental que foi negligenciado

por vocês e que certamente bloqueará o seu potencial, caso a questão não seja resolvida: deve-se abandonar até a última partícula de pensamento autoconsciente. Quando a mente abriga esse tipo de discriminação, todos os seus atos se tornam pequenos truques arquitetados pela mente humana; frutos imperfeitos do desejo. Isso não está de acordo com o Caminho.

"É reagindo contra essa manifestação de eu-e-outro, criada pela discriminação autoconsciente, que as pessoas se alarmam à sua aproximação e acabam erguendo um espírito antagônico delas mesmas. Quando você está num estado de espírito chamado de mushin (não-mente), você age em comunhão com a natureza, sem recorrer a expedientes artificiais. Tendo dito isso, é importante ressaltar que essa pequena consideração está longe de exaurir o Caminho, que se encontra acima de todo tipo de limitação.

"Por exemplo: algum tempo atrás, havia na minha vizinhança uma gata que passava o tempo todo dormindo, sem demonstrar qualquer sinal de combatividade, ou de força espiritual. Ela poderia ser mesmo comparada a uma estátua de madeira.

"Ninguém nunca viu essa gata apanhar um rato e, ainda assim, onde quer que ela estivesse, nenhum rato jamais ousava aparecer na frente dela.

"Quando a oportunidade surgiu, questionei essa venerável mestre sobre os motivos pelos quais os ratos não ousavam permanecer onde ela estivesse, mas a gata apenas ficou em silêncio. Eu repeti a pergunta várias vezes, até perceber que ela não estava evitando, ou rejeitando a minha pergunta. Ela simplesmente não sabia o que responder.

"Assim, percebemos que aquele que realmente sabe não diz uma palavra, enquanto quem fala não sabe. Aquela velha gata havia se esquecido não apenas do próprio ego, mas de tudo a respeito de si mesma. Ela estava no mais alto estado de falta de propósito. Ela é a guerreira superior a todas as outras, que descobriu a arte divina da guerra, que permite vencer sem precisar matar. Eu não poderia ser comparada a ela."

Nesse ponto, a gata espadachim bebeu algumas linguadinhas de seu leite, para molhar a garganta, e continuou:

“Eu sou apenas uma gata. Eu como ratos e o que poderia opinar a respeito dos assuntos humanos? Ainda assim, caso vocês me permitam o atrevimento, eu gostaria de sugerir que a arte da espada deve ser vista como a arte de reconhecer, num momento crítico, a razão da vida e da morte. A arte da espada não serve apenas para derrotar o seu inimigo. Tendo isso em mente, um samurai deve se disciplinar tanto nas técnicas da espada quanto numa cultura espiritual.

“Antes de tudo, ele precisa descobrir a razão da vida e da morte, livrando sua mente de pensamentos egocêntricos. Quando isso é alcançado, ele abandona as dúvidas, distrações, cálculos e deliberações – o seu espírito é harmônico, flexível e em comunhão com a natureza; o coração é sereno e a mente vazia. Assim é que podemos responder livremente às mudanças acontecendo ininterruptas no mundo.

“De outra forma, quando pensamentos e desejos são agitados na mente, isso provoca um mundo de forma onde há ‘eu’ e ‘não-eu’. Consequentemente, surgem contradições. Enquanto essa oposição permanece, o Caminho é restringido e obstruído. A atividade livre e espontânea se torna impossível. O seu coração já afundou na escuridão da morte, perdendo sua luminosidade intrínseca e misteriosa. Nesse estado de espírito, quem poderia erguer-se para apostar a própria vida contra um adversário? Mesmo que você triunfe, será apenas um acidente – que, certamente, não participa da arte da espada.

“Quando, mais cedo, eu falei sobre o estado mais alto de falta de propósito, isso não representa a simples ausência de objetos na mente, onde uma nulidade vazia prevalece. A questão é que a própria mente não tem forma – essa é a sua natureza – assim, não devemos erguer, artificialmente, objetos que permanecem por lá. Quando algo é agarrado, a sua energia espiritual é atraída naquela direção. Quando a sua energia espiritual perde o equilíbrio, sua atividade original se torna turva e deixa de acompanhar o fluxo.

“Quando a energia tende para um lado, há energia demais numa direção e energia de menos do outro lado. Quando há

energia demais, ela transborda e não pode ser controlada. Quando há energia de menos, ela não oferece o bastante e as coisas murcham. Em ambos os casos, esse estado de espírito é incapaz de lidar com as transformações constantes.

"Quando um estado ocioso de falta de propósito prevalece, o espírito acompanha a tudo e não se agarra a nada; a energia não se desequilibra para um lado, ou para o outro. Assim, é possível transcender duplamente ao sujeito e ao objeto. É possível reagir espontaneamente às transformações, sem deixar rastros.

"Está escrito no I Ching: 'Não há pensar, nem agir, mas apenas uma quietude absoluta, sem movimento. Ainda assim, há sentimento e, quando age, flui através de qualquer objeto e fenômeno do mundo.' Quando esse conhecimento é compreendido em relação à arte da espada, estamos um pouco mais próximos do Caminho."

As pessoas e os bichos no banquete ouviam hipnotizados à sabedoria da gata. Terminada a palestra, Shouken – o anfitrião – aproveitou a oportunidade para tirar uma dúvida:

"Mestre gata caçadora, mais cedo você citou uma expressão que sempre me confundiu. Por favor, você poderia esclarecer o que significa 'não há sujeito, nem objeto'?"

Erguendo as orelhas e tirando a cara da tigela à sua frente, com uma expressão bastante séria e a boquinha pingando leite, a gata respondeu:

"É por causa do ego que encontramos inimigos. Quando não há ego, não há inimigos. O inimigo representa uma oposição – assim como o fogo se contrapõe à água, ou o macho se contrapõe à fêmea e o pequeno se contrapõe ao grande. Tudo que toma forma através dos sentidos existe necessariamente dentro desse tipo de oposição.

"Quando não há símbolos pipocando na mente, os conflitos de oposição também se dissolvem. Quando não há conflitos entre percepções antagônicas disputando privilégio, isso é conhecido como 'não há sujeito, nem objeto'.

"Quando, além disso, a mente também esquece a si própria, você desfruta um estado de absoluta ociosidade, ou falta de propósito; um estado de perfeita tranquilidade passiva. Em

harmonia com o mundo, você e a natureza são um só.

"Quando a própria forma da inimizade desaparece, não se pode dizer que você esteja consciente disso, nem que esteja inconsciente disso. A sua mente é purificada de todas as intervenções e criações simbólicas e você responde instantaneamente às mudanças situacionais, sem o intermédio do intelecto. Quando alcançamos tal estado de absoluta ociosidade intelectual, o mundo e você são a mesma coisa. Sujeito e objeto se unificam. Não se faz diferenciação entre certo e errado, ou gostar e não gostar; pairamos acima de todas as formas de abstração.

"Condições como a dor e o prazer, perda e ganho, satisfeito ou insatisfeito são criações da sua própria mente. O universo inteiro, na verdade, não deve ser perseguido fora da Mente. Um antigo poeta escreveu: 'Quando um grão de areia entra no seu olho, os Três Mundos convergem num caminho estreito. Quando seus olhos estão perfeitamente livres de objetos, perceba como a vida se alarga!" Vocês percebem a relevância desses versos? Quando uma minúscula partícula entra no seu olho, você não pode mais mantê-lo aberto. O olho pode ser comparado à mente, que, por natureza, é luminosa e livre de objetos. Assim que objetos se cristalizam na mente, sua pureza é perdida e 'os Três Mundos convergem num caminho estreito'.

"Também foi dito que 'cercado por um exército inimigo com centenas de milhares de soldados, a minha forma pode ser esmagada, ou partida em pedaços, mas a Mente é minha e nenhum exército poderia ameaçá-la.' Confúcio escreveu: 'Mesmo uma pessoa indefesa não pode ser privada de sua vontade.' Quando essa vontade, ou mente, se entrega à confusão, por outro lado, ela se transforma em inimiga de si mesma.

"Nos comentários que ofereci, não há desvios caprichosos do ensinamento tradicional do Zen, porque até os mestres são impotentes nesse quesito. A questão também não se restringe ao estudo do Zen. O treinamento mental empreendido pelos antigos sábios atravessa incontáveis ramos da arte, que compartilham a auto-realização como pilar central em comum.

"Isso é tudo que eu poderia explicar aqui. O papel do mestre

não ultrapassa a transmissão da técnica e a ilustração dos mecanismos pertinentes. São vocês quem percebem, ou não percebem a verdade. A verdade é uma conquista individual, transmitida diretamente de mente para mente; de coração a coração, como uma tocha que acende outra tocha. É um tipo especial de aprendizagem, além do ensinamento linguístico.

"O que buscamos com o ensinamento linguístico é apontar para o que você já possui em si mesmo. Não há segredos confidenciados pelos mestres a seus discípulos. Ensinar é fácil. Ouvir também é fácil. A dificuldade está em tornar-se consciente do que você já tem e em tornar-se capaz de usar esse tesouro como se fosse seu. Essa é a auto-realização conhecida como 'enxergar o seu próprio ser', ou 'satori'.

"Satori é como despertar de um sonho. Despertar, auto-realização e enxergar sua própria natureza são expressões sinônimas."

Todas as artes

Masamune foi o criador da técnica de forjar a espada chamada "katana" e é geralmente considerado o maior ferreiro de espadas que o Japão já teve.

Reza a lenda que, em certa ocasião, dois colecionadores estavam competindo quem possuía a melhor lâmina. Um desses colecionadores escolheu a sua katana preferida – criada por Muramasa, um dos discípulos de Masamune – e a mergulhou na água de um córrego, onde várias folhas vinham passando. Ao entrar em contato com a lâmina, as folhas eram fatiadas perfeitamente.

O outro colecionador escolheu a sua katana preferida, criada pelo mestre Masamune. Quando ele colocou a espada na água, as folhas evitavam a lâmina.

De mãos vazias

"Kensei" é um título honorífico que pode ser literalmente traduzido como "santo da espada". Os japoneses aplicam o termo a espadachins de habilidade lendária, como Bokuden.

Amplamente considerado o maior samurai de sua era, Bokuden morreu aproximadamente treze anos antes que Musashi tivesse nascido. Algumas histórias registradas sobre o seu comportamento ilustram a excêntrica relação que se desenvolveu, no Japão, entre o zen budismo e a classe de guerreiros samurai:

Bokuden atravessava o Lago Biwa numa balsa repleta de passageiros. Havia entre eles um samurai vulgar e arrogante, que falava alto em estardalhaço; autointitulando-se o maior espadachim de sua era.

Parte dos passageiros ocupava o tempo da viagem escutando as bravatas do samurai arrogante. Eles se empolgavam e se comoviam em ondas, enquanto o outro esbravejava confetes sobre si mesmo.

Contagiado com a atenção que vinha recebendo, o brutamontes ficou muito irritado ao perceber que alguém cochilava, sem prestar-lhe qualquer atenção. Ele caminhou até o dorminhoco (Bokuden) e o sacudiu pelos ombros:

"Ei... Você também carrega uma espada, não carrega? Eu sou o maior espadachim de nossa era. Não há ninguém que eu não possa derrotar. E você? Não tem nada para falar?"

Bokuden respondeu:

"É verdade que eu também carrego espadas, mas a minha arte é muito diferente da sua. Na minha prática, não há qualquer ambição de derrotar as outras pessoas. Tudo que eu domino é a arte de não ser derrotado."

Essa resposta enervou ainda mais o samurai arrogante que dava um espetáculo aos passageiros. Certamente munido de algum "pedigree" que ele pensava impressionante, o brigão perguntou, debochado:

"E qual é a sua escola?"

“A minha escola é conhecida como Aquela que Derrota o Inimigo Até de Mãos Vazias.”

“Se a sua escola é assim tão impressionante, então por que você carrega uma espada?”

“Eu carrego essa espada como um instrumento para me desprender de sentimentos egoístas; não é para matar.”

A partir desse ponto, a raiva do rufião não conhecia mais limites. Ele gesticulava e andava de um lado para o outro, como se estivesse num palco:

“Então você realmente está querendo ME ENFRENTAR DE MÃOS VAZIAS?”

Bokuden respondeu:

“Claro. Por que não?”

O samurai disse ao balseiro, com ares de imperador:

“Dirija-se imediatamente à ilha mais próxima!”

Bokuden ponderou:

“A ilha mais próxima tem um porto, onde há muita gente. As pessoas tendem a se aglomerar em volta de um duelo, por curiosidade, e alguém pode se ferir. Há uma pequena ilha deserta ao oeste do porto. Eu preferiria que a gente fosse para lá.”

O samurai concordou com a proposta e a balsa foi em direção à pequena ilha deserta.

Tão logo a embarcação estava próxima o bastante, o espadachim petulante e afobado pulou do barco; sacando a espada e pronto para o combate.

Bokuden caminhou até o fundo da embarcação, enquanto tirava a própria espada da cintura e a entregava ao balseiro.

Tudo indicava que ele estava pronto para seguir o samurai até a ilha, mas ele tomou graciosamente o remo das mãos do balseiro, enquanto entregava a espada, sem que ninguém se alarmasse, ou protestasse.

Em vez de pular da balsa, Bokuden encostou o remo na areia e empurrou com força – afastando a embarcação e abandonando o encrenqueiro na praia deserta, enquanto todos os outros riam.

Um pouco de Dogen

O Zen surgiu na China, pronunciado como “Chan” e, mais tarde espalhou-se para o Leste. Nunca se ouviu falar disso na Índia.

Quando o Patriarca Bodidarma sentou por 9 anos frente a uma parede, próximo ao templo Shaolin do Monte Song, ninguém conhecia o verdadeiro ensinamento de Buda. Os leigos e os próprios monges chamavam-no apenas de “o sábio que fazia meditação sentada (zazen)”.

Mais tarde, todas as gerações de seguidores sempre se dedicaram ao zazen. Leigos e curiosos que os observavam, sem saber do que se tratava, passaram a chamá-los informalmente de “a seita Zazen”. Eventualmente, a palavra “za” (sentar) foi suprimida e hoje dizemos “a seita Zen”.

Há aqueles que, atraídos pela grama, pelas flores, pelas montanhas e pelas águas, desembocam no Caminho da Realização.

Há aqueles que, revirando pedras, solo, barro e areia, levam em si o mais autêntico selo de buda.

O Zen é a autêntica porta da paz, da felicidade e da liberdade. Ainda que as tantas palavras das escrituras budistas pudessem se espalhar para cobrir tudo, a alavanca do Grande Ensinamento está contida até numa única partícula de poeira.

Assim, defender que “o coração, em si mesmo, é buda” é como a lua refletida na água.

Ensinar que “o próprio sentar-se é buda” é como a lua refletida num espelho.

Não se apegue à estética dessas ou daquelas palavras; desse ou daquele argumento. Não se apegue às palavras. É infrutífero imaginar que apenas mover sua língua e produzir barulhos, recitando esse ou aquele sutra, vai transformar alguém em buda. Se você pensa desse jeito, vai se afastar cada vez mais da verdade.

O reino dos budas é inconcebível. Ele não pode ser alcançado

pela linguagem, nem se abre a quem falta coragem, ou sabedoria.

Apenas aqueles capazes de abrigar à grande e genuína confiança podem visitar esse reino. Aqueles a quem falta confiança não conseguem aceitar o reino de Buda, por mais que escutem sobre ele. Até nos sermões do Pico do Abutre, houve aqueles a quem Shakyamuni explicou:

"Você pode ir embora, se quiser."

Com esperanças de que você venha a se tornar um verdadeiro praticante do Caminho, recomendo a prática da iluminação imediata.

Entenda que, fundamentalmente, você já experimenta a iluminação mais alta; ela já te preenche continuamente. No entanto, é possível que você não a perceba. É possível que você tenha o costume de levantar discriminações e de tratá-las como se fossem reais.

Sem perceber, você sai do Caminho e seus esforços serão inúteis. Discriminações simbólicas desabrocham flores superficiais.

Você pode teorizar sobre as doze causas do renascimento, ou sobre as vinte e cinco existências – você pode argumentar que são três, ou cinco Veículos, e se o Buda foi um personagem histórico, ou fictício. Mas não tome esse conversê como se fosse o jeito certo de praticar o ensinamento budista.

Sente-se e pratique o zazen com todo o seu coração. Encontre a forma de buda e desapegue-se de todas as coisas. Pulando por cima da cerca entre ilusão e iluminação; livre do túnel entre o mundano e o sagrado; desacorrentado do senso comum; imediatamente, sinta-se à vontade, enriquecido por maravilhosa iluminação.

Quando alguém medita, mesmo que só por um instante – adotando a forma de buda nas atividades do corpo, da fala e do pensamento – as dez mil coisas se transformam na perfeita forma do Buda e o céu inteiro é iluminação pura.

Essa iluminação reverbera e um caminho se abre para te ajudar no invisível. No zazen, você deve abandonar o corpo e a mente. Essas coisas, no entanto, não têm forma. Por existir em

desconstruída imobilidade, a realização é imediata. Se a prática e a realização fossem duas coisas separadas, como pode parecer a um leigo, cada uma dessas coisas poderia ser reconhecida isoladamente, mas o que pode ser reconhecido isoladamente não é realização verdadeira, já que a realização não pode ser alcançada pela discriminação.

Na imobilidade desconstruída, mente e objeto se unificam. Assim, num estado fluído e receptivo de concentração – sem perturbar sua natureza; sem mover uma única partícula – você se envolve com a atividade de buda.

As árvores, a grama e as coisas abraçadas dessa forma irradiam maravilhosa luz, pregando incansavelmente o Grande e Inconcebível Ensinamento.

Isso acontece quando sentamos como um martelo, batendo no vazio – mas, mesmo antes e depois, o maravilhoso reverberar desse martelo ainda permeia todas as coisas.

Como a iluminação poderia se limitar a um tempo e lugar determinados? Os dez mil seres, todos, manifestam a prática original, o rosto original e o coração de todos os budas; inesgotável.

No entanto, foi o próprio Shakyamuni que transmitiu essa técnica maravilhosa de alcançar o Caminho. Todos os budas do passado, presente e futuro alcançaram o Caminho praticando zazen e, por isso, consideramos essa prática o portão da frente.

Sente-se e encontre o Buda que já existe em você. Quando buscamos o Buda fora de nossos próprios corações, como algo externo, o Buda se transforma num demônio.

Fogo, fuego, fire

Fogo, fuego, fire, feuer, 火, hi, huoi, نار, вогонь – em diferentes comunidades humanas, a mesma ideia de fogo vem sendo expressa por diversos conjuntos de rabiscos, ou barulhos. Todos os exemplos de realidade que deram origem a essas palavras diferentes queimam do mesmo jeito.

Não houve um primeiro ser humano que, sozinho, alcançou alguma verdade escondida sobre o fogo, no Mundo das Ideias e, só depois que alguém sabia, o fogo apareceu no mundo.

O ser humano, por toda a parte, deparou-se com o fogo e isso produziu na sua mente uma imagem, um som, uma sensação tátil, um cheiro, um gosto e uma ideia – não era uma palavra, ainda que para cada grupo a palavra eventualmente tenha sido estabelecida.

Cada grupo inventou a sua própria palavra, socialmente reconhecida como representante do fogo, mas em todo e cada grupo, as palavras diferentes vieram de uma idêntica reação: a produção espontânea e natural de uma ideia (um símbolo) na mente humana, quando em contato com o fogo (fuego, fire, feuer...). O mundo produz nos humanos, natural e espontaneamente, imagens, sons, gostos, sensações táteis, odores, sabores e ideias.

Em outras palavras, a linguagem é um dos sentidos: é um universo interno, povoado pelos objetos simbólicos da mente, da mesma forma que a visão é um universo interno, povoado pelos objetos visuais da mente e a audição é um universo interno povoada pelos objetos sonoros da mente.

A linguagem não pode ser considerada a porta que dá acesso à verdade, porque ela é um universo subjetivo dos seres humanos, fundamentalmente diferente da própria verdade.

Pense, por exemplo, no universo criado pela visão.

O que você enxerga é a realidade em si mesma, ou é um universo criado dentro de você, diferente do mundo real?

Olhe para o seu dedo.

Essa imagem que você está vendo não é realmente o seu dedo.

É uma imagem criada A PARTIR do seu dedo, por um mecanismo interno. Essa imagem colorida e tridimensional do seu dedo, inclusive, está localizada na sua mente (ou dentro da sua cabeça, se você preferir) e não no seu dedo.

A gente tem a tendência de interpretar o que vemos como sendo o que está "lá fora", porque a gente se guia entre os objetos lá fora a partir da imagem que os nossos olhos criam deles. Mas a imagem está dentro da gente. O que enxergamos não está "lá fora", mas dentro de nós. É um universo visual interno, virtual e diferente do mundo real.

A partir do mundo lá fora – ou, mais rigorosamente, a partir da fatia de realidade que a gente percebe com os olhos – a gente cria um universo imagético ao qual chamamos de "visão".

É como um reflexo desse mesmo mundo real, que produz imagens em nossa mente – apenas uma forma diferente de refletir – que criamos o universo da audição. Pra nós (por causa dos instrumentos humanos da nossa sensibilidade) o que vemos e o que ouvimos parecem coisas completamente diferentes (quando na verdade são manifestações do mesmíssimo espectro eletromagnético), porque através dessas duas frestas para o mundo real nós criamos dois universos diferentes, usando partes distintas da nossa sensibilidade.

Essa é a existência humana: através dos estímulos de uma realidade última, que definitivamente existe e da qual fazemos todos parte, nós criamos universos pessoais múltiplos, através dos quais transitamos, fazendo uso da nossa atenção (seja intencionalmente, ou não), dando forma à nossa experiência de vida.

É assim que o ser humano existe.

A sua visão cria um universo próprio, a sua audição também, assim como o olfato, o tato, o paladar e o pensamento. É provável que essas categorias não estejam perfeitamente descritas, mas vamos usar o que já temos pronto.

Nós criamos intimamente e experimentamos universos internos que são diferentes do mundo real e construídos através

de frestas para ele. Cada universo interno desses tem suas próprias características maravilhosas, que felizmente não precisamos explicar detalhadamente pra ninguém, porque todos as experimentamos.

Algumas de nossas capacidades são geralmente desprezadas e via de regra lhes prestamos pouca atenção – como o olfato. Outras capacidades são privilegiadas e essa relação pode mesmo mudar, como em alguém que perde a visão e passa a confiar mais na audição.

Observando o cenário geral dessa balança, atualmente nós somos chamados de "A Sociedade da Imagem", então é fácil perceber que o universo da visão é privilegiado entre nós. Confiamos muito nele. Dedicamos muita atenção e importância ao que vemos. Tiramos grande parte do nosso prazer dali.

Somos também chamados atualmente de "A Sociedade da Informação", o que reflete a importância que damos ao universo criado pelo nosso pensamento: a linguagem.

Usamos o universo interno da nossa visão para guiar nossos movimentos, mas atribuímos o controle ao pensamento. Por quê?

Porque a nossa cultura acredita que "realidade é apenas o que pode ser medido".

Sem perceber que o pensamento é mais um dos universos internos que acessamos através da nossa atenção – e donos de uma linguagem sem rival no mundo natural; sem nada a que comparar esse nosso pensamento mutante – na bagunça interpretativa que se levanta a gente tende a se identificar com o próprio pensamento de forma ontológica, experimentando-o erroneamente como se fosse uma identidade independente e separada, que vive dentro da gente, controlando tudo. Como se "fôssemos" o nosso pensamento, em detrimento de tudo mais que experimentamos ou fazemos.

Essa parte com a qual a gente tende a se identificar, na verdade, é só mais uma parte, que apesar de maravilhosa e única em toda a natureza à nossa volta, dentro de nós é só mais uma parte, que nem tem acesso à maioria das coisas cujo conjunto forma "a gente".

O pensamento é uma das partes de uma pessoa só, completa – uma parte através da qual podemos nos misturar de forma muito íntima e profunda com Sócrates, ou com nossa mãe. Isso é mágico e especial, mas em uma pessoa cabe muita coisa, acontece muita coisa, e o pensamento é só um pedacinho – um dos universos virtuais que a gente produz e experimenta.

Você respira, ou é respirado?

É você quem bate o seu próprio coração e bombeia o seu sangue, ou quem faz isso por você é outra pessoa?

É você quem digere a sua comida?

O seu pensamento não tem controle desses fenômenos, que indiscutivelmente fazem parte de você e são realizados por você – o seu pensamento não os governa, nem programa; tudo que ele pode fazer nesse campo, em geral, é atrapalhar o curso natural das coisas, que o seu corpo conhece sem pensar.

Como é que o seu pensamento poderia "ser" você, quando ele encosta numa parte tão pequena de você?

Uma parte muito significativa, com certeza. Não é surpresa nenhuma que tenhamos dificuldades para interpretar a linguagem, ou que venhamos a nos identificar patologicamente com ela. É a dificuldade que um olho teria para enxergar a si mesmo, ou que uma faca teria para cortar a si mesma.

É através do raciocínio – uma função da linguagem – que já podemos compreender o erro dessa relação entre identidade e pensamento. Imaginando que o nosso pensamento é a nossa "alma" e nos controla, colocamo-nos na posição dos povos antigos, quando atribuíam terremotos, ou tempestades à fúria de supostos deuses, maquinando intrigas no topo de algum morro.

Quando os deuses caem do morro e as pessoas colocam o pé no chão, estamos mais próximos do que realmente somos.

Estando mais próximos do que realmente somos, a tendência é que nossa habilidade pra agir de forma pertinente e ser feliz aumente.

É claro que a natureza guarda segredos fora do alcance do intelecto, assim como também não podemos enxergar tudo, escutar tudo, tocar em tudo e assim por diante... Ainda que a

linguagem seja desproporcionalmente mais imersiva e vantajosa (como a audição dos morcegos, ou a visão da águia) – sendo ainda única entre os animais no seu caráter socialmente acessível e historicamente cumulativo – a linguagem continua sujeita à mesma limitação da natureza dos sentidos. É apenas uma parte de nós; uma habilidade nossa; um universo em nós.

Não é Porta da Esperança, nem Chave Mestra.

É através da meditação e do não-pensamento que podemos experimentar e confirmar essas afirmações por conta própria.

Os cientistas gostam de se gabar da sua confiança na evidência e da sua competência hábil e exclusiva para encontrar a verdade, enquanto ao mesmo tempo sabem que toda grande verdade, no mundo da ciência, foi inicialmente recebida com desprezo e rejeição – apesar das evidências.

Isaac Newton escreveu que "...a noção de ação à distância (como magnetismo, wi-fi, ou um controle remoto) é inconcebível. É um absurdo tão grande, que eu acredito que nenhuma pessoa dotada de competência para pensar, dentro dos parâmetros filosóficos, seria capaz de cair em tamanho engano. Caso aceitássemos uma noção desse tipo, estaríamos concedendo que não compreendemos os fenômenos do mundo natural."

Semmelweis – o médico que primeiro sugeriu lavar as mãos entre o necrotério e a sala de partos – foi ridicularizado e perseguido.

Ao contrário do que pensa o materialismo, é inútil – para a verdade – amontoar exemplos. O sábio percebe imediatamente.

Através de uma coisa, saiba mil.

Chega de mergulhar na lama.

O título "para todos" faz estranhas exigências. Neste volume, como se viu, às vezes foi preciso mesmo abandonar o zen budismo, para levá-lo a toda parte – até aos macacos.

Agora volto, quase eufórico (como quando criança, chegando à praia), à minha confortável ociosidade não-lamacenta – tendo as nuvens como melhores vizinhos e lavando os ouvidos no som contínuo de riacho mecânico dos carros que passam lá embaixo.

É que a voz de Buda está um pouco rouca, e é só.

Continua linda.

Desde o princípio e eternamente.

2019, Belo Horizonte
Daniel Abreu de Queiroz

**Isenção de responsabilidade bônus do Mendigo Amazônico:*

Eu sou um autor independente, disputando por restos de comida com crocodilos e macacos na selva. Assim, as suas avaliações e recomendações são o único mecanismo de divulgação destes livros.

Tendo isso mente, se você gostou de toda essa maluquice e gostaria que mais pessoas tivessem acesso, gentilmente empodere este livro com algumas das suas estrelas mágicas :)